

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

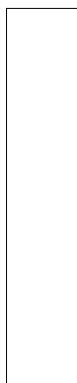
## Forma e Organização do Espaço Litúrgico:

Reflexões a partir de três igrejas paroquiais na arquitetura  
portuguesa do século XXI

Vitor Nuno Machado Sena Velez

**M**

2018





### Agradecimentos

Ao Doutor João Luís Marques e à Doutora Carla Garrido de Oliveira, pelo enorme apoio e empenho ao longo de toda a investigação.

À minha família e amigos próximos, sem a ajuda dos quais nada teria sido possível.

## Resumo

A presente dissertação é a problematização da relação entre forma e organização do espaço litúrgico na arquitetura portuguesa contemporânea.

Através das três obras que figuram na investigação como casos em estudo, nomeadamente as igrejas paroquiais de São João Baptista, Coimbra, atelier Promontório (2015); da Anastasis, Saint-Jacques-de-La-Lande, arquiteto Álvaro Siza Vieira (2015-2018); e de Santa Maria Maior, Meinedo, atelier SpaceWorkers (2016), esta investigação permite debater os temas de projeto inerentes à conceção de uma igreja na contemporaneidade, desde a escala do edifício à escala dos objetos: nomeadamente a sua imagem e inserção no contexto urbano; o percurso e modo de entrada; a localização e características dos diversos espaços que compõem o conjunto; bem como a posição e o desenho dos elementos litúrgicos presentes.

A análise das três igrejas permite discutir igualmente o uso do tipo centralizado e do tipo longitudinal e o modo como as ideias de espaço centrado e de espaço axial refletem o entendimento litúrgico atual.

Reconhecendo a importância do Concílio Vaticano II (1962-1965) na introdução de reformas no entendimento litúrgico que influenciaram a produção arquitetónica a partir da segunda metade do século XX, assim como a enorme produção arquitetónica elaborada desde o período pós-conciliar até à data de hoje, esta investigação discute o modo como as soluções arquitetónicas contemporâneas continuam a refletir a procura de uma maior participação ativa da comunidade e como influenciam a vivência religiosa dos fiéis.

A par do que sempre aconteceu ao longo da história, também hoje os arquitetos portugueses possuem a capacidade de leitura e interpretação da cultura local de cada sítio, o que lhes permite a criação de uma relação estreita entre o contexto particular do lugar e o projeto. Através da convocação para o debate e comparação dos casos em estudo com obras da história da arquitetura, foram pontualmente introduzidos alguns contributos para uma reflexão acerca do sentido e ideia de uma arquitetura portuguesa.

## Palavras Chave

Liturgia | Concílio Vaticano II | Comunidade Participante | Celebração | Proximidade | Polos Litúrgicos | Centralidade | Axialidade



## Abstract

This dissertation is the problematization of the relation between form and organization of the liturgical space in contemporary Portuguese architecture.

Through the three works that take part in this investigation as study cases, particularly the parish churches of *São João Baptista*, Coimbra, Promontório atelier (2015); of *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande, architect Álvaro Siza Vieira (2015-2018); and *Santa Maria Maior*, Meinedo, SpaceWorkers atelier (2016), this research allows to discuss the design subjects related to the process of conception of a contemporary church, from the scale of the building to the scale of objects: namely its image and relation with the urban context; the path and mode of entry; the location and characteristics of the various spaces that compose the whole; as well as the position and design of the liturgical elements.

The analysis of the three churches also allows us to discuss the use of the centralized type and longitudinal type and the way in which the ideas of centered space and axial space reflect the current liturgical understanding.

Recognizing the importance of the *Second Vatican Council* (1962-1965) in introducing reforms in the liturgical understanding that influenced the architectural production from the second half of the twentieth century, as well as the enormous architectural production elaborated from the post-conciliar period up to Today, this research discusses how contemporary architectural solutions continue to reflect the search for a greater active community participation and how they influence the religious experience of the faithful.

Along with what has always happened throughout history, today's Portuguese architects also have the ability to read and interpret the local culture of each site, which allows them to create a close relationship between the particular context of the place and the project. Through the call for discussion and comparison of the cases under study with works in the history of architecture, some contributions were punctually introduced for a reflection on the meaning and idea of a Portuguese architecture.

## Keywords

Liturgy | Second Vatican Council | Participant Community | Celebration | Proximity | Liturgical Spaces | Centrality | Axiality



## Sumário

Introdução	9
Igreja de Santa Maria Maior - Meinedo - SpaceWorkers	17
Memória Descritiva/Publicação	19
Apresentação Crítica do Projeto	21
Temas, Problemas e Relações	43
Igreja de São João Baptista - Coimbra - Promontório	45
Memória Descritiva/Publicação	47
Apresentação Crítica do Projeto	49
Temas, Problemas e Relações	77
Igreja da Anastasis - Saint-Jacques de La Lande - Álvaro Siza Vieira	83
Memória Descritiva/Publicação	85
Apresentação Crítica do Projeto	87
Temas, Problemas e Relações	119
Discussão Comparada	127
Uma Igreja que se Propõe e não se Impõe	127
Comunidade Participante	137
Epílogo	149
Anexos	153
Bibliografia	156



## Introdução

### Construção do Objeto de Estudo e Objetivos

Esta investigação pretende contribuir para a discussão e divulgação do conhecimento acerca da arquitetura religiosa contemporânea de produção portuguesa, concorrendo para o seu debate e valorização.

A presente dissertação, intitulada *Forma e Organização do Espaço Litúrgico: Reflexões a partir de três igrejas paroquiais na arquitetura portuguesa do século XXI* pretende estudar a forma e organização do espaço litúrgico contemporâneo na arquitetura católica. Para esta investigação foram selecionadas três igrejas paroquiais de produção portuguesa, projetadas no século XXI, de modo a contribuir para a valorização e debate acerca da arquitetura religiosa concebida por arquitetos portugueses nas últimas décadas.

A escolha deste tema de investigação deveu-se a uma vontade de compreender as características inerentes ao desenho do espaço religioso católico na arquitetura contemporânea; surge do interesse, enquanto artista e arquiteto pela arquitetura religiosa e pela maneira como esta, através do desenho das suas formas arquitetónicas, permite o despertar de sentidos e emoções que trabalham algo tão imaterial como o é a vivência religiosa.

No estudo da conceção do espaço litúrgico contemporâneo é necessário recuar à primeira metade do século XX, observando a importância do *Movimento Litúrgico*, seguido mais tarde do *Concílio Vaticano II* (1962-1965), na introdução de mudanças na compreensão e edificação de espaços religiosos católicos.

O *Movimento Litúrgico* surgiu a partir da necessidade de reaproximar os fiéis da igreja, pelo que foi fundamentalmente promovida uma maior abertura da participação ativa dos fiéis na celebração litúrgica. Foi igualmente fomentada uma valorização do altar, tornando-o no foco da liturgia e centro da celebração eucarística. Após a Segunda Guerra Mundial, o *Movimento Litúrgico* sofreu um forte impulso, pelo que em 1961 foi convocado o *Concílio Vaticano II* (1962-1965),<sup>1</sup> que se iniciou no ano seguinte. Na sua sequência a ideia de um espaço centrado na figura de Cristo foi reformada em prol do entendimento da sua figura representada por toda a comunidade celebrante e pela própria cerimónia. Embora o *Concílio* não tenha produzido nenhuma diretriz ou premissa específica no que respeita ao desenho do espaço litúrgico, os documentos que dele resultaram revelam a procura de uma maior participação ativa da comunidade, com o intuito de que “*todos os fiéis cheguem a uma plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas*”,<sup>2</sup> o que naturalmente se refletiu na conceção da forma e organização do espaço litúrgico das igrejas pós-conciliares. Este entendimento provocou igualmente uma passagem da ideia de igreja enquanto *Casa de Deus*, para uma imagem de igreja como *Casa da Assembleia de Deus*.<sup>3</sup>

Uma das mudanças com mais impacto observada nas igrejas pós-conciliares prende-se com a alteração da compreensão e uso do altar na liturgia. De acordo com a intenção de aumentar a abertura da participação ativa dos fiéis na celebração, o altar deixou de se encontrar encostado à parede de fundo do presbitério, passando a ocupar uma posição central, permitindo que o presidente da celebração se volte para os fiéis. O entendimento do espaço da assembleia sofreu igualmente uma revisão, fomentando-se a sua aproximação em relação ao altar e procurando expressar uma leitura nova do espaço.

Estas intenções conduziram ao desenho de espaços litúrgicos amplos e permeáveis, caracterizados por um menor encerramento de cada polo litúrgico, de modo a não constituírem nenhum obstáculo visual que impedisse a adequada visibilidade para o altar por parte da comunidade que ocupa os lugares da assembleia.

<sup>1</sup> XXI Concílio Ecuménico da Igreja Católica, convocado pelo papa João XXIII.

<sup>2</sup> Sacrosanctum Concilium, n. 14, 1º parágrafo, 2º, 9º.

<sup>3</sup> Jean Stock, W. (Ed.). (2003). *European Church Architecture, 1950-2000/Europaischenbau kirchenbau 1950-2000*. Munique. Prestel.

Britton, K. (Ed.). (2010). *Constructing the Ineffable: Contemporary Sacred Architecture*. Yale. Yale University School of Architecture.

Este momento marcou uma mudança significativa na relação dos fiéis com a própria igreja que, ao aproximar-se dos problemas e necessidades da comunidade, deixou de se materializar num espaço exclusivamente dedicado ao culto. Deste modo, no âmbito programático, surge a construção de complexos paroquiais onde se incluem jardins-de-infância, bibliotecas, auditórios ou centros de saúde. Este facto justifica-se pela necessidade de complementar a igreja com outros espaços e serviços de apoio, tanto à vida religiosa como à vida social da comunidade.

O mais de meio século que separa a realização do *Concílio* e a data presente foi um período de enorme produção arquitetónica, onde foram exploradas e desenvolvidas inúmeras formas e expressões arquitetónicas. Hoje, apesar do contexto social e cultural completamente distinto, alguns dos temas inerentes à arquitetura religiosa são ainda os mesmos observados nas obras da segunda metade do século anterior. A escolha do tema desta dissertação é assim justificada pela pertinência em estudar os problemas inerentes à conceção de um edifício religioso na contemporaneidade, procurando compreender o entendimento do espaço litúrgico e da comunidade de fiéis à data atual de modo a perceber, não só como este reflete a perceção resultante do *Concílio Vaticano II* (1962-1965), mas igualmente como se desenvolveu em relação à produção arquitetónica do período pós-conciliar.

Em Portugal, a vontade de repensar e elevar a arquitetura religiosa foi incentivada e concretizada pelo *MRAR* (Movimento de Renovação da Arte Religiosa). Fundado em 1952, contou com a participação de arquitetos, historiadores e artistas plásticos, contando-se entre os membros mais ativos Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, Nuno Portas, Erich Corsépius, Diogo Pimentel, Luís Cunha, António Freitas Leal, Manuel Cargaleiro, José Escada, Flório de Vasconcelos, Madalena Cabral e Maria José de Mendonça, entre outros. Este movimento influenciou sobremaneira os edifícios religiosos concebidos posteriormente em Portugal, tendo protagonizado um papel essencial no processo de afirmação de uma arquitetura religiosa moderna portuguesa.

É igualmente devido, no panorama nacional, um papel de destaque às obras de outros arquitetos, menos ativos na sua participação no *MRAR*, ou mesmo não pertencentes a este, como Agostinho Ricca ou Fernando Távora, cujos projetos e obras marcaram o panorama da arquitetura religiosa portuguesa na segunda metade do século XX.

Já na última década deste século, é necessário destacar a igreja de *Santa Maria*, em Marco de Canaveses (1992-1996), do arquiteto Álvaro Siza, pelos temas da arquitetura presentes na conceção dos edifícios que compõem o complexo, especificamente na solução arquitetónica da igreja no que respeita à relação entre a forma e a organização do espaço.

Até à data presente, num panorama social completamente diferente do vivido na segunda metade do século XX, são vários os espaços religiosos projetados e concebidos, muitos deles manifestações individuais de um arquiteto ou de um gabinete. Numa leitura de conjunto, atestam a multiplicidade de soluções e formas arquitetónicas que o desenho do edifício religioso contemporâneo permite adotar e que por isso permitem traçar um panorama nacional marcadamente heterogéneo.

Dentro do conjunto de obras edificadas nas últimas 3 décadas por arquitetos portugueses, várias foram destacadas internacionalmente, quer através da atribuição de prémios, quer através da sua integração em importantes exposições ou publicações referentes ao campo da arquitetura religiosa.

A capela do *CREU-IL*<sup>4</sup> (2003), Porto, por Nuno Valentim e Frederico Eça Arquitectos foi finalista do *III Prémio de Arquitectura ENOR*,<sup>5</sup> tendo feito igualmente parte da exposição referente ao prémio internacional de arquitetura sacra *Frate Solo*,<sup>6</sup> na edição de 2011.

Ainda no ano de 2011, o prémio internacional *ArchDaily Building of the Year*, na categoria de

---

<sup>4</sup> *Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loyola*.

<sup>5</sup> Prémio de Arquitetura criado em 2005 pela companhia de ascensores *ENOR*, atribuído de três em três anos, que distingue projetos meritórios edificados na Galiza, Castela e Leão, Madrid e Portugal, territórios onde a companhia se encontra presente.  
<https://bit.ly/2Lrb4Xu>.

<sup>6</sup> Prémio de Arquitetura atribuído de quatro em quatro anos pela *Fondazione Frate Solo* e que distingue edifícios religiosos de inegável excelência arquitetónica - a *Fondazione* foi criada com o objetivo de promover a consciência da necessidade de existência de espaços religiosos com qualidade arquitetónica e encorajar a sua edificação.  
<https://bit.ly/2LAHiyL>.

arquitetura religiosa, contou entre os cinco finalistas três obras portuguesas, nomeadamente a *Capela de Santa Ana* (2009), Santa Maria da Feira, por e|348 *arquitectura*; a igreja de *Nossa Senhora da Boa Nova* (2010), no Estoril, por *Roseta Vaz Monteiro Arquitectos*; e a capela *Árvore da Vida* (2011), em Braga, por *Cerejeira Fontes Arquitectos*, que venceu o primeiro prémio. A igreja de *Santo António* (2008), Portalegre, por João Luís Carrilho da Graça, foi a segunda classificada no prémio internacional de arquitetura sacra *Frate Solo*, na edição de 2012.

A escolha de exemplos de estudo de produção portuguesa pretende contribuir para a elaboração de um cenário de conjunto, que possibilite discutir o modo como tais projetos e obras são influenciados não só pelo panorama arquitetónico internacional, mas também por uma cultura e tradição marcadamente próprias do nosso país. *Os arquitetos portugueses sempre possuíram a capacidade de interpretar o panorama cultural local, permitindo-lhes elaborar propostas apropriadas a qualquer parte do mundo onde exercem a sua profissão.*<sup>7</sup>

Deste modo, os três casos de estudo que compõem a presente dissertação, enunciados por ordem cronológica, são:

- Igreja da *Anastasis, Saint-Jacques-de-La-Lande*, arquiteto Álvaro Siza Vieira (2009-2018) – encomenda direta;
- Igreja de *São João Baptista*, Coimbra, atelier *Promontório* (2015) – proposta vencedora em concurso;
- Igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo, atelier *SpaceWorkers* (2016) – proposta em concurso.

O estudo de cada caso, possuidor de soluções e características diferentes, busca perceber de que modo a forma e a organização do espaço litúrgico promovem ou condicionam a vivência religiosa, permitindo diferentes relações com a liturgia e com a oração e devoção pessoal.

Com a análise destes três casos, o presente trabalho procura abordar e discutir intenções de projeto, gerais e específicas, bem como temas transversais à arquitetura, alguns deles particularmente significantes na arquitetura religiosa, que permitam uma melhor compreensão do modo como a arquitetura contemporânea responde ao entendimento litúrgico presente e como expressa o valor religioso que lhe é inerente. Para além da forma e organização do espaço litúrgico, pretende analisar em relação a cada caso todos os aspetos que compõem a conceção do edifício religioso, desde a escala do edifício até à escala do objeto – a inserção do edifício no espaço urbano, observando a sua implantação, orientação e relação com a envolvente; a expressão exterior e relação entre as várias áreas programáticas do projeto; a colocação da(s) entrada(s), a articulação entre estas e a relação entre as esferas exterior e interior; os espaços interiores que compõem a igreja, o modo como estes se organizam e relacionam entre si; o presbitério e a assembleia, pela sua importância hierárquica na estruturação do espaço litúrgico, assim como a própria organização da assembleia.

Com esta análise sistematizada, é intenção desta investigação compreender de que modo a arquitetura contemporânea dá forma a temas e ideias arquitetónicas com uma longa tradição. Na conceção de um edifício religioso, onde se debatem temas e problemas de arquitetura transversais a qualquer programa, é igualmente interessante analisar e compreender de modo estes problemas são tratados em prol do carácter espiritual e inefável que o edifício religioso procura expressar.

O curto intervalo temporal em relação aos objetos de estudo desta dissertação não permite um completo distanciamento crítico que possibilite uma grande diversidade de ensaios e publicações. No que respeita à arquitetura internacional, a bibliografia é um pouco mais vasta, especialmente no que se refere ao estudo de exemplos localizados na segunda metade do século XX. Destacam-se assim publicações como *European Church Architecture, 1950-2000* (2003), de Wolfgang Jean Stock, pela compilação e apresentação de um grande número de importantes obras arquitetónicas europeias da segunda metade do século anterior, acompanhadas de ensaios que permitem perceber a importância do *Concílio Vaticano II* (1962-1965) e o trabalho de

<sup>7</sup> Alexandre Alves Costa. Em Machado e Moura, C. (2016). *Conversa com Alexandre Alves Costa*. J-A Jornal dos Arquitectos. Nº 253. Maio de 2016.

arquitetos e teóricos na concretização do entendimento litúrgico decorrente do encontro ecuménico; *Constructing the Ineffable: Contemporary Sacred Architecture* (2010), de Karla Britton, pelo modo como, através do olhar de arquitetos e autores de renome, permite compreender a relação com a história de algumas manifestações arquitetónicas contemporâneas; ou ainda *La arquitectura eclesial del siglo XX en Alemania : presentacion - documentada – interpretacion* (1974), de Hugo Schnell, pela análise exaustiva da produção arquitetónica religiosa alemã do século XX, o que permite tomar contato com um grande número de experimentações e soluções arquitetónicas distintas.

A par destas publicações, merecem o devido destaque os *Congressos Internacionais de Arquitetura Religiosa Contemporânea*. Realizados em Espanha, estes congressos têm contribuído significativamente para a investigação e conhecimento no campo da arquitetura religiosa contemporânea.<sup>8</sup>

Já no panorama português, destaca-se a publicação *Arquitectura Religiosa Moderna* (1957), de Luís Cunha e a obra escrita por Álvaro Siza Vieira *Igreja de Santa Maria* (1998), com textos de Nuno Higino, pelo pertinente olhar sobre diversos aspetos e características associadas à conceção de um edifício religioso. A par destas, são de destacar algumas revistas, tais como o número 108 da *arqa- Arquitectura e Arte*, com o título *Lugares Sagrados*. nº 108, (Julho/Agosto 2013) e o número 677 da revista *Casabella*, com o título *Spazi Sacri*. (Abril 2000).

Para além destas publicações, o campo de estudo da arquitetura religiosa contemporânea é abordado em Portugal por diversas investigações académicas. De entre estas, são incontornáveis as teses de doutoramento de João Alves da Cunha, intitulada *O MRAR e os anos de ouro da Arquitectura Religiosa em Portugal no século XX* (2014), posteriormente publicada em livro pela editor da Universidade Católica de Lisboa, e a de João Luís Marques, intitulada *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975* (2017).

## Método e Estrutura

A presente investigação principiou com a análise de um número mais alargado de obras, seleccionadas de modo a refletir a pertinência da dissertação no estudo e discussão da arquitetura religiosa portuguesa no século XXI.<sup>9</sup> A partir deste grupo de obras analisadas, a seleção dos casos em estudo foi elaborada com o intuito de formalizarem e materializarem 3 soluções distintas no que respeita à forma e à organização do espaço litúrgico de modo a ser possível, através da confrontação das características de cada um, problematizar a relação entre forma e organização na vivência religiosa.

A escolha do projeto do atelier *SpaceWorkers* para a igreja de Meinedo foi selecionado devido aos temas que invoca: especialmente devido aos temas inerentes à forma e à organização do espaço, conjuntamente com os problemas relacionados com o desenho do edifício e da sua inserção e relação com a envolvente. Poderia ter sido interessante ter selecionado como caso em estudo o projeto vencedor do concurso para a igreja de Meinedo, concebido pelo atelier *Correia/Ragazzi Architectos*. Contudo, por este se encontrar em fase de projeto de execução aquando da seleção dos casos, não teria sido possível obter documentação referente ao projeto, pelo que esta opção não se colocou.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> As atas das 4 edições já realizadas do *Congresso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporânea* encontram-se disponíveis em <http://www.arquitecturareligiosa.es>. As 4 edições já realizadas tiveram os seguintes temas:

- 1ª edição: *“Arquiteturas do sagrado: memória e projeto”*, Ourense, 2007.

- 2ª edição: *“Entre o conceito e a identidade”*, Ourense, 2009.

- 3ª edição: *“A construção da Igreja mais além dos edifícios de culto: evangelização e arquitetura”*, Sevilha, 2013.

- 4ª edição: *“A América Latina e o Concílio Vaticano II: influências, contribuições, singularidades.”*, Puebla, 2015.

<sup>9</sup> No anexo I, pág. 155, encontra-se uma barra cronológica onde figuram todos as obras arquitetónicas analisadas nesta primeira fase da investigação.

<sup>10</sup> O projeto vencedor do concurso para a igreja de Meinedo, concebido pelo atelier *Correia/Ragazzi Architectos*, foi posteriormente publicado em (2018). *Iglesia. Meinedo. Lousada. Portugal*. TC Cuadernos 133 - Correia/Ragazzi Arquitectura 2005-2018. 182-189.



O projeto vencedor do concurso para a igreja em Coimbra, do atelier *Promontório* figura como caso em estudo pelo modo como através do uso de uma forma e organização do espaço diferentes da igreja anterior, permite a análise e reflexão acerca dos mesmos temas e problemas, especialmente em torno das características de um espaço centrado ou de um espaço longitudinal, bem como observar uma estratégia de desenho e inserção urbana distinta.

A igreja em Saint-Jacques-de-La-Lande, do arquiteto Álvaro Siza, apesar de edificada em França, corresponde a um exemplo de arquitetura portuguesa, concebido por um dos mais reconhecidos arquitetos portugueses da contemporaneidade, pelo que a sua integração na presente investigação contribuiu em muito para a discussão em torno dos objetivos propostos.

Numa primeira fase de investigação foi recolhido material acerca de cada um dos casos junto dos gabinetes de arquitetura autores das propostas correspondentes, sob a forma dos documentos entregues a concurso (nos casos das igrejas em Meinedo e em Coimbra), ou elementos do processo de conceção do projeto e da obra (no caso da igreja em Saint-Jacques). Deste modo, é devido um especial agradecimento ao atelier *SpaceWorkers*, ao atelier *Promontório*, ao atelier do arquiteto Álvaro Siza, bem como ao atelier do arquiteto António Choupina, por toda a ajuda prestada na resposta a dúvidas e questões e por toda a documentação amavelmente disponibilizada, que permitiram a compreensão de cada projeto em toda a sua complexidade, assim como as como as condições e requisitos dos concursos ou da encomenda.

Aquando da inauguração da igreja de Saint-Jacques-de-La-Lande, no mês de Fevereiro de 2018, assistiu-se a uma internacionalização da obra, através da disponibilização exponencial de informação acerca desta igreja, sob a forma de diversas publicações, entrevistas ou reportagens fotográficas, o que consolidou consideravelmente o estudo e compreensão desta obra. Neste contexto, é de salientar a extensa reportagem fotográfica elaborada por João Morgado,<sup>11</sup> que contribuiu significativamente para a análise da complexidade e riqueza de detalhe presente no edifício - tão característica da obra arquitetónica de Álvaro Siza. Grande parte das figuras que ilustram o corpo de texto referente a este caso de estudo, pela sua pertinência e inegável qualidade fotográfica, foram retiradas desta reportagem.

Ao longo da elaboração desta dissertação, foi mantido contacto com os ateliers *SpaceWorkers* e *Promontório*. Face à menor extensão de informação acerca destes dois projetos, foi surgindo naturalmente um maior número de questões e dúvidas, todas elas prontamente respondidas por ambos os gabinetes de arquitetura, aos quais será sempre devido um especial agradecimento.

A partir da informação obtida, foi feita uma seleção e um redesenho do material de trabalho, de modo a poder estabelecer-se uma expressão gráfica idêntica, que permitisse não só uma leitura individual, mas também uma análise comparada.

Para a construção de um discurso arquitetónico foi estabelecida uma grelha de análise comum aos três casos em estudo, de modo a permitir a sua leitura comparada. Esta grelha foi sendo ajustada na sua própria definição, atendendo à complexidade e organização individual de cada caso, assim como ao seu grau de maturação.

Foram elaborados vários esquemas que materializam a apresentação de cada igreja, contribuindo para a comunicação gráfico-visual da sua leitura, e que permitiram ao mesmo tempo afinar a própria grelha de análise e descortinar problemas referentes à conceção de cada obra, nomeadamente de ordem geométrica ou espacial.<sup>12</sup>

É necessário elaborar uma nota salientando o facto de os casos em estudo possuírem um diferente grau de complexidade e resolução de alguns problemas do projeto, em função do seu contexto de apresentação e conceção, e que com alguma naturalidade e evidência determinou a própria sequência na discussão de cada caso. A igreja de *Santa Maria Maior*, em Meinedo,

<sup>11</sup> A reportagem fotográfica completa encontra-se disponível em João Morgado (2018), <https://www.joaomorgado.com>

<sup>12</sup> Para além de figurarem na *Apresentação Crítica do Projeto*, onde auxiliam a ilustração de cada uma das igrejas, estes esquemas encontram-se igualmente no anexo II, pág. 157 a pág. 162, compostos de modo a permitir a observação de cada tema de análise de modo individual, bem como o somatório das diferentes análises.

correspondendo a um projeto apresentado a concurso, não apresenta o grau de complexidade e de resolução de alguns problemas do projeto observados nas outras duas igrejas. A igreja de *São João Baptista*, em Coimbra, apesar de igualmente apresentada a concurso, ao tratar-se da proposta vencedora, comporta naturalmente uma coerência que antecede a sua execução, caracterizando-se desse modo por um grau de complexidade e detalhe do projeto superior, o que pode ser observado na própria representação das peças desenhadas. Por fim, a igreja da *Anastasis*, em Saint-Jacques-de-La-Lande, tratando-se de uma obra construída, possui uma complexidade e uma riqueza superior de temas e problemas aos dos projetos das duas igrejas anteriores, alguns deles inerentes ao próprio processo de concretização da obra.

Do mesmo modo, é importante referir a diferença de escala e de programa que ocorre entre as três igrejas, o que leva à existência de diferentes necessidades e requisitos em cada projeto, conduzindo por isso a abordagens diferentes à conceção do espaço religioso.

Os três primeiros capítulos desta dissertação correspondem respetivamente aos três casos de estudo. Estes encontram-se organizados não de modo cronológico, mas sim segundo o grau de desenvolvimento.

Cada capítulo possui uma estrutura-base idêntica, que se encontra estruturada em três pontos principais:

- a *Memória Descritiva/Publicação*, onde são apresentadas de modo sucinto algumas citações-chave, retiradas da memória descritiva ou da publicação do projeto, que permita compreender o pensamento arquitetónico e intenções, assim como as referências associadas à conceção de cada uma das propostas em análise;

- a *Apresentação Crítica do Projeto*, decorrente da grelha de análise comum, onde são analisados detalhadamente todos os aspetos e pormenores que compõem cada caso: a estratégia de conceção do projeto; a forma e expressão do edifício; as entradas; a organização dos polos litúrgicos; a assembleia e o presbitério; a organização da assembleia; os percursos; e os elementos litúrgicos. Esta análise é auxiliada por uma apresentação do enquadramento de lançamento do concurso ou da encomenda e as características do sítio onde se insere o projeto ou obra.

- os *Temas, Problemas e Relações*, onde são debatidas questões arquitetónicas que permitem um maior aprofundamento e discussão com vista a uma melhor compreensão do próprio caso em estudo. Esta discussão é elaborada convocando outras obras arquitetónicas, tanto dos próprios autores como outras, contemporâneas ou da história da arquitetura, que auxiliam uma contextualização e inserção dos exemplos em estudo no contexto da arquitetura religiosa, quer portuguesa quer internacional.

Os três primeiros capítulos, corpo da dissertação, concorrem para a leitura relacional do quarto capítulo, referente à *Discussão Comparada*. Após terem sido primeiramente apresentados cada caso de estudo de modo detalhado, este capítulo final pretende olhar conjuntamente para as três igrejas a partir de uma perspetiva litúrgica, debruçando-se sobre os problemas de projeto inerentes à conceção de um edifício religioso na contemporaneidade e o modo como evoluíram e são expressadas ainda hoje os princípios induzidos pelo *Concílio Vaticano II* (1962-1965).

Como ponto de partida para este capítulo foi crucial o documento *Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua Conceção*, elaborado pelo *Patriarcado de Lisboa*.<sup>13</sup> Esta publicação, datada de 2012, corresponde ao único documento que toma a forma de premissas ou diretrizes acerca da conceção de espaços religiosos em Portugal na atualidade.

Este capítulo encontra-se estruturado de uma forma semelhante à grelha de análise desenvolvida para a apresentação dos casos de estudo, com a diferença de que a construção do discurso pretende extravasar a discussão em relação aos mesmos, convocando outros exemplos de modo a elaborar um panorama mais alargado de referências em relação aos temas abordados, que permita compreender o modo como a arquitetura e a liturgia se complementam e dialogam na conceção de um edifício religioso. Neste capítulo procurou-se ainda, sempre que possível, o uso de exemplos portugueses a fim de valorizar a discussão e o debate em torno da arquitetura portuguesa.

---

<sup>13</sup> Patriarcado de Lisboa (2012). Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção. Lisboa. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41.





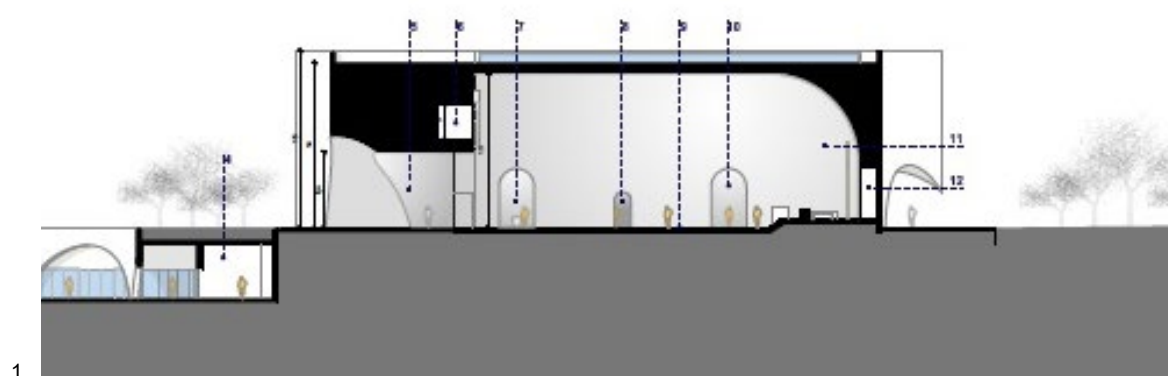


Igreja de Santa Maria Maior

Meinedo, Portugal

SpaceWorkers

Proposta apresentada a Concurso  
Projeto: 2016



Igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo.

1. corte longitudinal A;

2. planta da igreja: cota do piso térreo.

SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

*“Partindo da base genética do lugar, a intervenção procura, antes de mais, aproveitar a topografia existente de forma a poder ser criada uma base funcional, monolítica, que receberá as funções ligadas às atividades paroquiais, sobre a qual será implantada a igreja, permitindo assim o uso completamente independente destes dois blocos funcionais. [...]*

*Começamos com a ideia de implantar a igreja numa plataforma nivelada pela rua que nos liga à igreja atual, facilitando assim a sua ligação e reforçando a importância deste eixo entre o presente e o passado. Tal opção permite-nos criar uma espécie de base funcional, que aproveita os desníveis entre ruas para poder ganhar expressão e função. [...]*

*A imagem de uma base monolítica, sólida e perene no tempo, invade-nos por completo, assim como a ideia de aproveitarmos o seu interior para criarmos os serviços de apoio às atividades religiosas. [...]*

*Na base propomos criar um pátio circular de dimensões generosas, numa clara referência contemporânea aos claustros clássicos, [...] criando ainda uma galeria coberta e protegida, de acesso a todos os espaços, por onde se pode deambular em reflexões introspetivas no dia-a-dia da paróquia. [...]*

*Sobre a base anteriormente caracterizada, propomos colocar a igreja, assumindo um papel de destaque no enquadramento urbano, destaque esse reforçado pela base que a eleva e lhe confere uma escala monumental.*

*Exteriormente, a igreja apresenta-se como um volume simples, de cor branca, evocando a simplicidade e a pureza. [...]*

*O interior da igreja explora o arquétipo de igreja na sua vertente mais clássica, com uma nave central e duas naves laterais, ainda que com um toque de contemporaneidade. A nave central surge assim como um espaço abobadado, com proporções generosas, rasgada por uma entrada de luz contínua que nos guia até ao presbitério, espaço que remata a nave central, criando uma espécie de abside contemporânea. [...]*”

SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.<sup>1</sup>

---

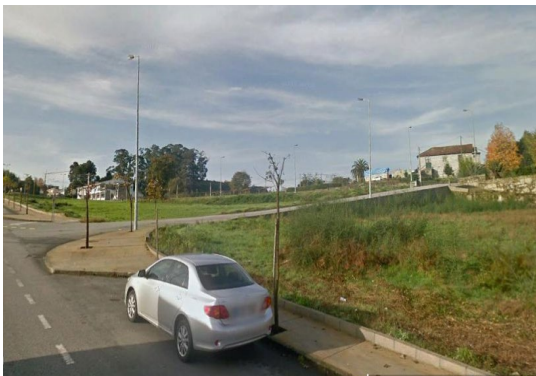
<sup>1</sup> Documento disponibilizado pelo atelier SpaceWorkers.



3. 4.



5. 6.



7. 8.



3. imagem aérea da envolvente urbana;  
 4. imagem aérea do terreno de intervenção: área de intervenção; 1. igreja matriz; 2. pavilhão gimnodesportivo;  
 3. centro paroquial; 4. cemitério; 5. junta de freguesia;  
 5. vista do terreno de intervenção (a);  
 6. vista do terreno de intervenção (b);  
 7. vista do terreno de intervenção (c);  
 8. vista do terreno de intervenção (d).  
 Imagens retiradas do Google Earth.



## Apresentação Crítica do Projeto

### Enquadramento

A criação da paróquia de Meinedo remonta ao século VI, altura em que a localidade, onde havia sido erigida uma basílica, foi sede de um bispado. Ainda no século VI, a basílica terá passado a igreja paroquial, como apontado no *Parochiale suevicum*.<sup>2</sup> A atual igreja matriz foi consagrada em 1262, sendo nela que se reúne à data de hoje a paróquia.

O concurso público para a edificação da nova igreja de *Santa Maria Maior*, lançado em 2016 pela própria paróquia – cliente do projeto – deveu-se à intenção de dotar a população de um novo espaço de celebração e reunião, que agregasse as funções de igreja e centro paroquial, que até então funcionavam separadas, permitindo que a igreja matriz já existente seja utilizada como espaço de adoração pessoal.

O concurso contou com a participação de nove gabinetes de arquitetura, entre os quais o atelier *SpaceWorkers*. A proposta vencedora foi a do *atelier Correia/Ragazzi Architectos*,<sup>3</sup> que se encontra neste momento em processo de licenciamento. Uma vez que o prémio do concurso seria a execução do projeto, não foram atribuídos segundo e terceiro lugar.

### Sítio

O terreno de implantação do projeto para a igreja de *Santa Maria Maior* localiza-se na zona central da freguesia de Meinedo. Trata-se de uma parcela de terreno com um desenvolvimento longitudinal, orientado segundo um eixo nordeste-sudoeste.

Em resultado do traçado das vias de circulação, o lote possui uma forma irregular, próxima de uma geometria triangular. Apesar destas vias possuírem perfis semelhantes, a do lado nascente evidencia uma maior importância por se tratar da principal estrada que atravessa a freguesia e que conecta a Lourosa, sede do município. Por sua vez, a do lado poente compreende um menor fluxo de circulação, apesar de ser igualmente importante por se tratar da via que estabelece ligação com a já existente igreja matriz.<sup>4</sup>

Para além desta ligação, o sítio possui uma estreita relação visual com os demais equipamentos sociais e religiosos existentes na proximidade, nomeadamente a junta de freguesia, o pavilhão gimnodesportivo, o atual centro paroquial e o cemitério.

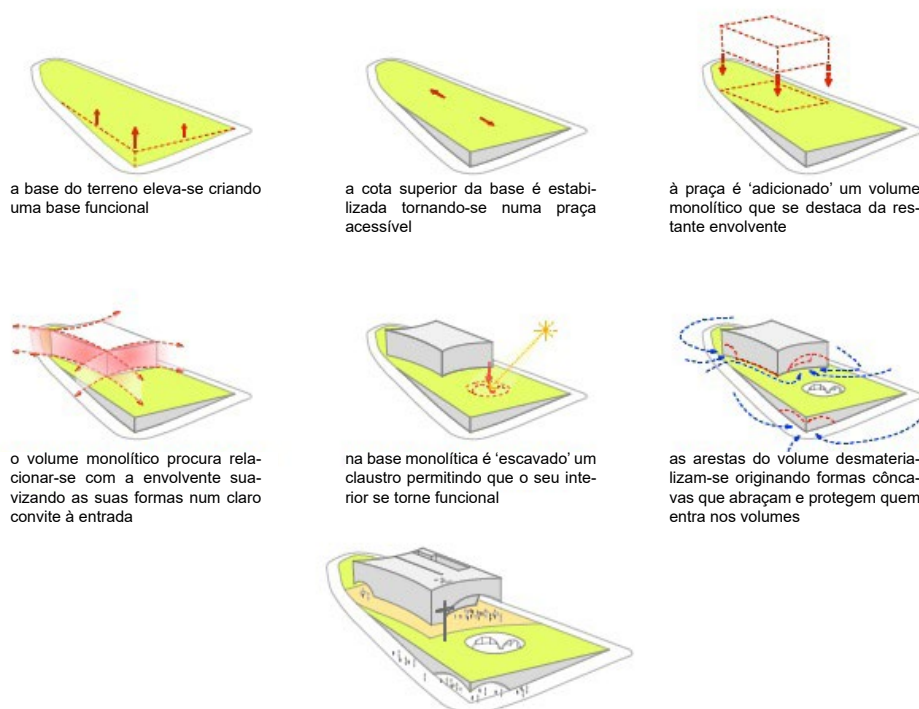
O terreno possui um desnível significativo entre os dois limites do lote, que desce 6 metros no sentido sul-norte.

<sup>2</sup> Documento que regista o número de paróquias pertencentes a cada diocese, e cuja elaboração decorreu da organização paroquial impulsionada por São Martinho de Dume.

<sup>3</sup> Projeto publicado em (2018). *Iglesia. Meinedo. Lousada. Portugal*. TC Cuadernos 133 - Correia/Ragazzi Arquitectura 2005-2018. 182-189.

<sup>4</sup> Apesar de Meinedo se tratar de uma freguesia, nunca tendo sido sede de conselho, a denominação da igreja de Meinedo como Matriz deve-se ao facto de ter sido sede de bispado no século VI, sendo identificada com o topónimo “*Magnetum*” no *Parochiale suevicum*.

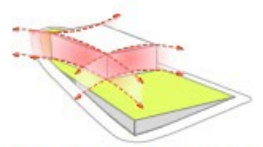
Rota do Românico. *Igreja de Santa Maria de Meinedo*. <http://www.rotadoromanico.com>



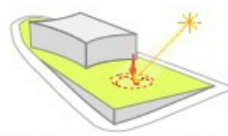
a base do terreno eleva-se criando uma base funcional

a cota superior da base é estabilizada tornando-se numa praça acessível

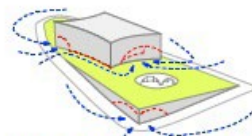
à praça é 'adicionado' um volume monolítico que se destaca da restante envolvente



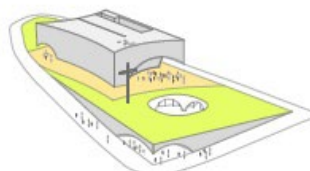
o volume monolítico procura relacionar-se com a envolvente suavizando as suas formas num claro convite à entrada



na base monolítica é 'escavado' um claustro permitindo que o seu interior se torne funcional



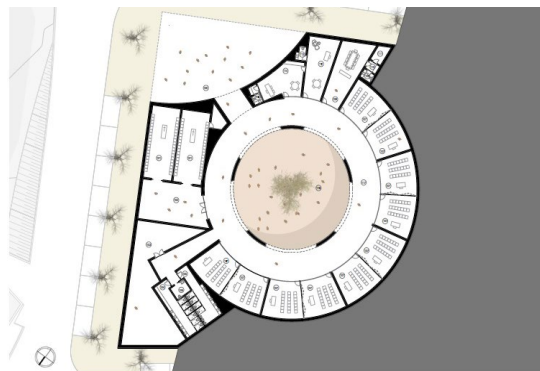
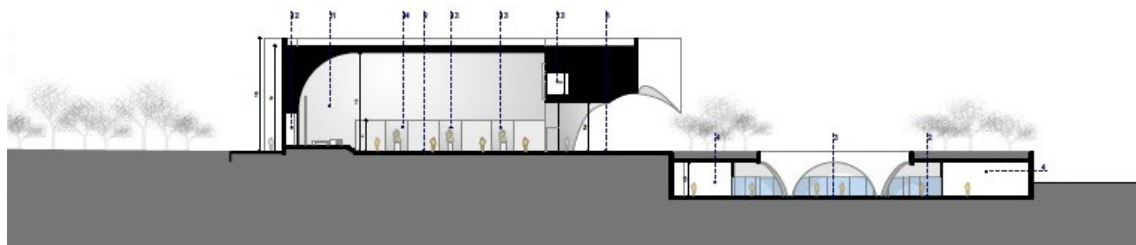
as arestas do volume desmaterializam-se originando formas côncavas que abraçam e protegem quem entra nos volumes



o conjunto final afirma-se assim no local tirando partido de todas as relações que estabelece com os edifícios vizinhos assim como com as demais infra-estruturas viárias e pedonais

9.

10.



11. 12.

9. esquemas axonométricos da estratégia de intervenção;  
10. corte longitudinal do conjunto;  
11. planta do centro paroquial;  
12. vista do pátio do centro paroquial.

SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

## Estratégia do Projeto

A estratégia de intervenção parte das características topográficas do sítio e da intenção em resolver a diferença de cotas entre os dois extremos do terreno. Deste modo, é proposta a edificação de uma plataforma que nivela o terreno pela sua cota superior e desenha uma grande ‘praça’ pública. Esta plataforma, revestida num material pétreo, é totalmente acessível, servindo de elemento aglutinador das duas partes do projeto, em níveis diferentes e caracterizadas por uma abordagem e expressão distintas – a igreja e o centro paroquial.

No nível superior, a igreja é colocada segundo uma orientação norte-sul, voltando-se para norte de modo a relacionar-se com a igreja matriz já existente, aludindo a “uma ligação entre passado e presente”<sup>5</sup> e procurando relacionar a praça criada com a igreja existente.

Com esta implantação, o projeto volta-se para o lado contrário à rotunda, afastando-se de uma relação direta com este elemento rodoviário que certamente fragilizaria o caráter público da “plataforma de nível”.

O volume da igreja afasta-se dos limites da área de intervenção, possibilitando desse modo a circulação em todo o seu perímetro.

No nível inferior à praça, o centro paroquial desenvolve-se num piso semi-enterrado, acessível a partir da cota mais baixa do terreno, junto ao extremo nordeste do lote.

Procurando transmitir “a ideia de ter sido escavada por ação do sol”,<sup>6</sup> é desenhada uma abertura circular no chão da ‘praça’, numa tentativa de relacionar o centro paroquial com o volume da igreja e o caráter público do nível superior.

Entre a igreja e a abertura circular é colocada a cruz, que possui uma grande dimensão, ‘atendendo’ a função religiosa do conjunto.

O volume da igreja é envolto por áreas ajardinadas, onde seriam colocados elementos arbóreos que fariam a transição em relação ao traçado das vias que limitam o lote.

## Centro Paroquial

O centro paroquial contém diversos usos ligados à vida religiosa da paróquia - as salas de catequese, o secretariado e cartório paroquial, a sala de atendimento do pároco e as capelas mortuárias. É revestido no mesmo material pétreo da “base”, assumindo a mesma expressão sólida e perene que a caracteriza.

A entrada no centro, junto do ângulo nordeste da plataforma, espelha uma opção de conjunto no desenho de todas as entradas neste projeto: “a subtração de uma superfície esférica aos volumes construídos”.<sup>7</sup> Esta opção gera entradas ‘escavadas’, de perfil curvo, com espaços cobertos que a protegem e fazem a transição para o espaço interior.

Ao atravessar a entrada acede-se a um grande pátio circular, resultado da enorme abertura no chão da ‘praça’. Pensado sobretudo para o uso das crianças que frequentam o centro paroquial, o pátio “cria um espaço controlado e tranquilo que incentiva ao convívio e à partilha”.<sup>8</sup> Ladeando-o existe uma galeria coberta; uma arcada circular que estabelece o acesso às salas de catequese, distribuídas radialmente.

A relação entre o centro paroquial e a igreja é no entanto algo distante. Ao não existir nenhuma ligação interior, o acesso a esta última é necessariamente feito pela praça, à cota superior, obrigando a vencer o desnível imposto pelo terreno. O percurso, que contorna toda a plataforma, promove contudo o valor cerimonial da entrada na igreja uma vez que, mesmo a partir do centro paroquial, é necessário sair para voltar a entrar no espaço sagrado.

A integração das capelas mortuárias no volume do centro paroquial reforça ainda mais o distanciamento entre as duas áreas do projeto; uma vez que ao seu uso pode estar associada a transição e utilização do espaço da igreja na realização de uma cerimónia litúrgica fúnebre.

<sup>5</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>6</sup> Sugestionado pelos desenhos em SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>7</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>8</sup> Ibidem.



13.



14.



15. 16.



13. fotografia da maquete - vista a partir de nordeste;  
14. alçado poente;  
15. alçado norte - entradas na igreja e no centro paroquial;  
16. vista do interior da igreja - nave central.

SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

## Igreja

### Forma e Expressão

#### Exterior

A igreja assume-se como uma grande massa sólida e compacta, destacando-se em relação às construções e ao enquadramento urbano circundante, numa clara intenção em assinalar e demarcar a sua posição e protagonismo.

O volume da igreja, com uma altura de 15 metros, possui uma forma paralelepípedica, de linhas geométricas elementares e fortes, com uma largura máxima de 31,5 metros e um comprimento máximo de 55 metros. Integralmente de cor branca, não é possível perceber a partir do exterior nenhuma outra abertura à exceção das entradas. Possui uma cobertura dividida em três planos longitudinais, a diferentes alturas, em relação com a organização interior da igreja. Contudo, a partir de uma leitura ao nível do solo, aparenta possuir uma cobertura plana que cobre todo o volume.

As opções de projeto denotam uma intenção em não afirmar o uso religioso do edifício através das formas arquitetónicas, remetendo tal função para a presença dos símbolos – a cruz e os sinos.

Pelas suas características formais, a igreja aparenta soltar-se em relação à “base”, dando a ideia de tratar-se de um elemento que se pouso ao invés de se ‘enraizar’ a esta. Este facto enfatiza uma oposição entre os dois momentos do projeto - o ‘volume pousado’ e o seu ‘embasamento’.

“Dada a preocupação com os afluxos próprios de um edifício religioso, as faces exteriores do volume possuem uma curvatura côncava”.<sup>9</sup> Este traçado atribui dinamismo ao objeto, destacando os seus ângulos e acentuando as linhas de perspectiva que definem a sua forma. Com este desenho pretende-se “libertar espaço para que as pessoas se possam concentrar em torno da igreja”,<sup>10</sup> estabelecendo igualmente uma sensação de acolhimento e orientando a população em direção aos pontos de entrada.

Existem duas entradas no espaço da igreja, situadas em extremos opostos do volume. Seguindo a mesma composição formal, possuem no entanto um desenho e escala distintos. A entrada principal, voltada para norte, possui uma proporção monumental que demarca a sua importância hierárquica. Por sua vez, a entrada secundária, voltada para sul, assume uma escala mais reduzida que reflete a sua utilização mais controlada.

As fachadas laterais são desenhadas por planos contínuos e totalmente opacos. No extremo sul da fachada poente, é desenhado junto à cumeeira um rasgo horizontal que serve à colocação dos sinos, dispensando a edificação de uma torre sineira enquanto volume independente.

#### Interior

No seu interior, o espaço da igreja é composto por formas geométricas que se caracterizam por um dinamismo mais estático do que o observado nas faces exteriores do volume. Existe um encerramento total em relação ao ambiente exterior, resultando num espaço introspetivo, que fomenta a concentração no ritual litúrgico.

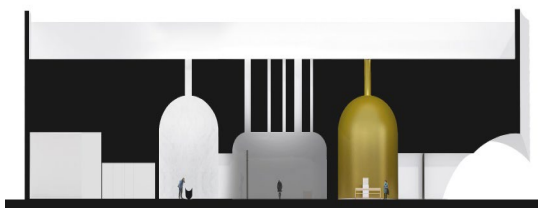
Ao contrário do que fazia antever a leitura exterior do edifício, a organização interna explora e reinterpreta o esquema da basílica: organiza-se de forma axial, sendo composto por uma nave central, abobadada e de grande dimensão, à qual se justapõe no lado da epístola uma nave lateral, de igual comprimento mas com uma menor largura e altura.

A nave central acolhe a assembleia e o presbitério, desenhado em forma de abside circular, à largura da nave. Não existe diminuição no pé direito na passagem entre os dois, o que promove uma leitura do espaço como contínuo. Deste modo, a transição entre ambos os espaços é feita através da elevação do presbitério e da oposição entre a geometria curva da abside, e a da assembleia, ortogonal.

<sup>9</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>10</sup> Ibidem.

17. 18.



17. corte longitudinal da igreja - batistério, confessionário e capela do santíssimo;  
18. corte transversal da igreja - apresenta um corte basilical que apenas é perceptível em desenho.  
SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

A nave lateral, igualmente abobadada, possibilita uma expansão do espaço da assembleia e a criação de um lugar próprio para o coro. A nave secundária é por sua vez rematada por uma capela secundária, em jeito de absidíolo, que acolhe a imagem de Santo Tirso – o santo padroeiro da freguesia.<sup>11</sup>

Apesar de não estabelecer nenhuma relação direta com a abside da nave central, o absidíolo encontra-se elevado, tal como o presbitério, mas apenas por um degrau. Possuindo inclusive um pequeno espaço de assembleia próprio, traduz um caráter independente que reflete o seu uso na adoração e oração individual.

Ao longo da parede lateral desta nave são ainda desenhadas três aberturas arqueadas, para devoção de outros santos: Santa Ana, São Joaquim e Nossa Senhora das Neves.

No lado oposto da nave central, do evangelho, situam-se outros polos litúrgicos, “entendidos com um caráter mais independente e introspetivo”:<sup>12</sup> o batistério, o confessionário e a capela do santíssimo. Os três são desenhados com recurso a uma figura curva, numa intenção de reforçar o seu encerramento sobre si próprios. Comunicam com a nave por meio de passagens arqueadas, sendo o vão que dá acesso ao confessionário de menor dimensão do que os outros dois, fortalecendo assim o caráter mais reservado do espaço da reconciliação. Apesar de em planta desenharem conjuntamente uma nave lateral, devido ao grande encerramento em relação à nave central a perceção destes polos a partir do interior não evidencia esta correspondência; possuem antes uma leitura individual, que reforça a sua independência e encerramento.

Dos três polos, o batistério é o que se situa mais perto da entrada principal, num entendimento mais tradicional da sua localização na relação com a entrada no espaço litúrgico. Em oposição, situa-se a grande distância do presbitério, pelo que a sua posição enfatiza o sentido cerimonial de procissão até esse polo. Para além do seu traçado circular, o teto é desenhado por uma cúpula. A altura elevada do espaço, de cerca de 8 metros, atribui-lhe um forte sentido vertical, realçado por um óculo central, que permite a entrada de luz zenital, focando a pia batismal e inundando todo o batistério “*de forma a relacionar alegoricamente os elementos naturais luz e água, dois componentes de especial importância na vivência religiosa*”.<sup>13</sup>

Todas as superfícies do batistério – pavimento, parede e teto – são revestidas em mármore polido, marcando uma diferenciação em relação aos restantes espaços da igreja. Esta expressão plástica possui uma inspiração clara na individualização do batistério ao longo da história da arquitetura, que após a sua integração no espaço da igreja, continuou a assumir uma diferenciação em relação aos restantes polos litúrgicos. A expressão do batistério permite observar algumas semelhanças com o batistério da igreja de *Santa Maria* (1996), em Marco de Canaveses, do arquiteto português Álvaro Siza: na diferenciação deste espaço em relação à nave e na verticalidade atribuída pelo óculo da cúpula.

Desenhado de modo a afastar-se “do espaço exíguo dos confessionários antigos”,<sup>14</sup> o confessionário possui uma forma alongada que possibilita a disposição em pontos opostos da cadeira do confessor e da cruz. O espaço é iluminado apenas por alguns pequenos lanternins circulares, longos e estreitos, que permitem ao espaço adquirir uma ambiência marcada por uma certa penumbra.

É também de salientar a existência de uma ligação direta entre este espaço e o batistério, numa intenção de relacionar dois dos sete sacramentos – o batismo e a confissão – e aludindo através desta passagem ao ‘renascimento purificado’ dos fiéis confessados.

Por fim, a capela do santíssimo, pelo facto de conter o sacrário onde é guardada a reserva eucarística, é o espaço mais próximo do presbitério.

Possui um desenho e forma idênticos ao batistério, sendo no entanto revestido por um material integralmente dourado, “numa referência à talha dourada, elemento de decoração tão comum

<sup>11</sup> Em 1113, o bispo do Porto recebeu do rei D. Afonso Henriques o couto do mosteiro de Santo Tirso de Meinedo, que segundo a lenda terá incluído, durante o período visigótico (século VI), o corpo de Santo Tirso, oriundo da cidade de Constantinopla.

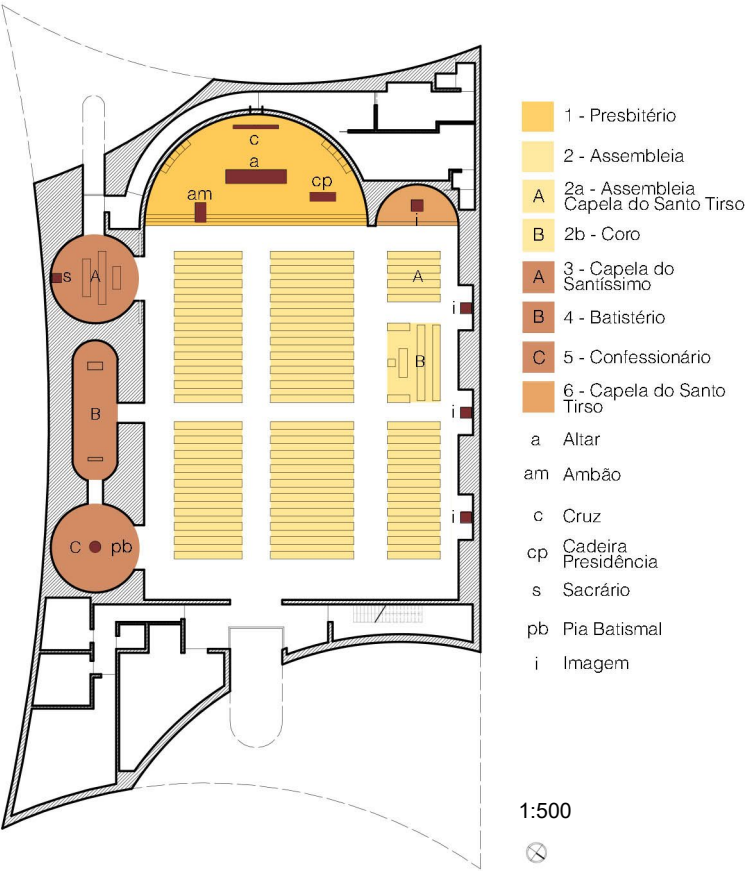
Rota do Românico. Igreja de Santa Maria de Meinedo. <http://www.rotadoromanico.com>.

<sup>12</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Ibidem.





19.

19. análise polos litúrgicos: planta.  
Elaborado pelo autor.



nas igrejas portuguesas a partir do período barroco”.<sup>15</sup> Dispõe também de uma pequena assembleia própria, que permite a adoração do santíssimo.

Devido a um requisito do programa de concurso – que pretendia a possibilidade de uso parcial da igreja em cerimónias diárias com menor afluência - é possível encerrar a capela do santíssimo em relação à assembleia por meio de portas de correr. Deste modo, acedendo pela entrada secundária, a capela pode funcionar como um espaço independente onde pode ser celebrada a eucaristia.

A sacristia localiza-se atrás do presbitério, acessível através da entrada secundária por uma rampa curva paralela à abside. A criação de uma ligação direta à capela do santíssimo permite a passagem entre estes espaços na altura em que a cerimónia eucarística seja celebrada na capela.

O espaço interior é marcado pela leitura da igreja de duas naves, uma central, e uma lateral, às quais se justapõem os polos litúrgicos individualizados do lado nascente. A adição da segunda nave contribui para uma fragilização do eixo axial que liga a entrada ao presbitério, que desta forma não se encontra ao centro do espaço litúrgico.

---

<sup>15</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.



21.  
20. 22.

20. vista da entrada principal - o espaço coberto é caracterizado por uma grande monumentalidade;  
21. vista da entrada secundária - o espaço coberto possui uma expressão e dimensão mais comedidas;  
22. vista da entrada principal - relação com a abertura circular que desenha o pátio do centro paroquial.  
SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

## Entradas

Apesar de possuírem diferente escala e composição, as duas entradas seguem o mesmo princípio de desenho, “recorrendo à subtração à forma original de duas ‘esferas’ - criando a ilusão de continuidade formal que acolhe e abraça os fiéis”<sup>16</sup> – e estabelecendo uma relação não só entre si, mas também com a entrada no centro paroquial.

Este traçado pretende esboçar um gesto que “alude a uma forma esférica, possuidora de uma conotação simbólica com a eternidade”.<sup>17</sup>

## Entrada Principal

Na entrada principal, situada no extremo poente, esta supressão desenha um grande espaço coberto que serve a função de um endo-nártex,<sup>18</sup> acolhendo e ‘protegendo’ os fiéis antes das celebrações. Este espaço é formalmente caracterizado por uma ideia de monumentalidade, pois coloca parte do volume em suspensão, usando as possibilidades técnicas numa procura de “desafiar a ideia pré-concebida de gravidade”.<sup>19</sup> O seu traçado pretende que a entrada principal assuma uma escala “transcendental”,<sup>20</sup> enfatizando a sua posição e importância.

O momento de proteção serve ainda o propósito de emoldurar a porta de entrada na igreja, demarcando a sua posição, valorizando a importância da entrada no espaço sagrado e contribuindo para a transição de escala entre os dois ambientes e ‘esferas’.

De forma intencional, não se encontra no mesmo plano da face exterior do volume, mas sim recuada em relação a este, adquirindo uma profundidade caracterizada por um sentido cénico e teatral - semelhante a um portal românico ou gótico - que permite a existência de um maior contraste entre luz e sombra no limiar de passagem para o interior.

A porta, de batente duplo e com cerca de 6 metros de altura, pretende convidar à entrada e à oração. A sua presença pretende simbolizar o próprio Cristo: “Eu sou a Porta: Aquele que entrar por mim encontrará a salvação. João 10:9”.<sup>21</sup>

O recuo da porta em relação à face exterior permite ainda dotar de uma maior polivalência a entrada, situando duas portas laterais de menor dimensão, perpendiculares à principal. Estas pressupõem um uso diário nos momentos em que não se justifique a abertura da grande porta principal. A sua colocação segue um esquema associado ao desenho de um corta-vento, permitindo um maior encerramento e conforto da igreja em relação ao exterior.

Contudo, é significativamente diferente a relação entre os espaços exterior e interior ao se entrar pela porta principal ou por uma das portas laterais. Por estas últimas, a relação visual e espacial é anulada, causando uma separação vincada entre as duas esferas. Ao invés, se for utilizada a porta principal é estabelecida uma noção de percurso, que principia no exterior do edifício e que após a passagem pelo limiar de entrada, se prolonga em função da própria organização do espaço litúrgico.

Ao transpor qualquer das portas, acede-se a uma antecâmara. De comprimento diminuto e com um pé-direito reduzido, não se afirma exatamente como ante-igreja, mas precede o momento de entrada na nave central, permitindo ainda a distribuição para outros espaços que servem a igreja e compõem os serviços paroquiais; as instalações sanitárias, o acesso ao campanário e

<sup>16</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>17</sup> Ibidem.

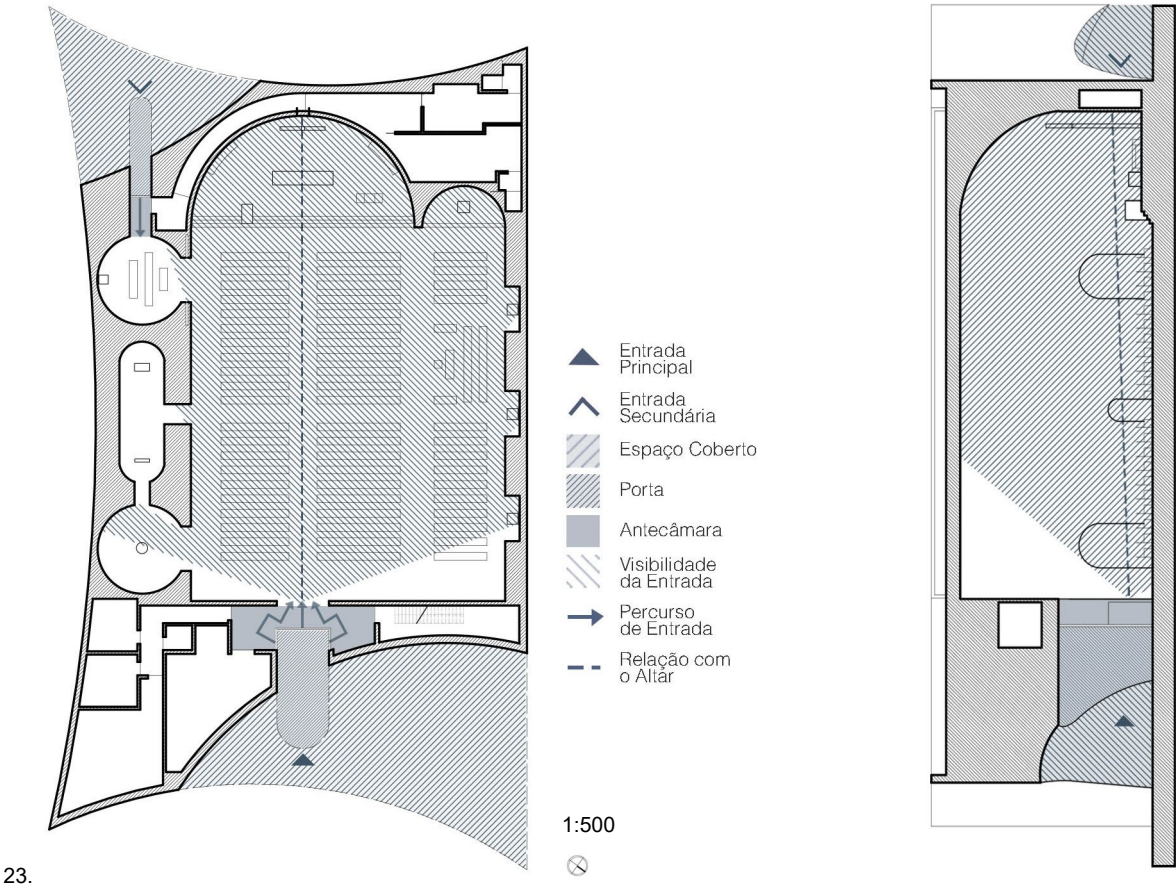
<sup>18</sup> Na basilica romana, o nártex é o pórtico aberto erguido em frente da nave. Na idade média, era destinado aos penitentes e catecúmenos, a quem não era permitida a entrada dentro da igreja para assistir às cerimónias. Com o início dos estudos arqueológicos, no século XIX, o termo Nártex foi igualmente atribuído aos pórticos fechados de algumas catedrais, como a da abadia de *Cluny* (século X) ou a de *Vézelay* (século XII), ambas em França. Deste modo, a partir do termo nártex passaram a ser usados dois sub-tipos, para caracterizar as diferentes soluções observadas: exo-nártex – quando este espaço ganha forma no exterior do edifício; endo-nártex – quando, ao invés, ganha forma no interior do edifício.

Viollet-Le-Duc, E. (1990). *L'architecture raisonnée: extraits du dictionnaire de l'architecture française* /Viollet-Le-Duc; réunis et présentés par Hubert Damisch. Paris. Hermann.

<sup>19</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Bíblia Sagrada; SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.



23. análise entradas: planta e corte longitudinal.  
Elaborado pelo autor.

ao órgão de tubos e ainda a sala de interpretação do espólio da paróquia.

A organização da assembleia é feita a eixo com um corredor central que a divide em duas partes até à zona de fronteira com o presbitério. A área que separa o vão de entrada no espaço sagrado das filas de lugares possui uma dimensão considerável. “É o espaço onde há sempre espaço para mais alguém,”<sup>22</sup> que permite uma adequada transição final em relação ao exterior, pois sendo já interior, ainda não pertence exatamente à área da assembleia.

A partir deste ponto é possível possuir uma vista global do espaço litúrgico e perceber a sua estrutura hierárquica. Ao entrar, encontramos-nos a eixo com o presbitério, com o altar e a cruz. Esta relação é enfatizada de modo intencional pelo rasgo vertical na abobada da nave central, que se desenvolve a todo o seu comprimento, conduzindo o olhar até à abside.

Apesar de se poder ver a nave lateral do lado direito em toda a sua extensão, não é perceptível o seu teto igualmente abobadado devido à passagem da parede-viga que faz a fronteira entre as duas naves.

### Entrada Secundária

Na entrada secundária, a estratégia formal é idêntica à da entrada principal, mas numa dimensão mais controlada. O seu desenho reflete o seu uso e valor hierárquico na totalidade do conjunto.

Através da subtração esférica, é igualmente criado um espaço exterior coberto, que possui uma menor altura e amplitude curva, mas que promove uma igual ou mesmo maior sensação de acolhimento e proteção. Neste caso, a porta, pela sua dimensão mais reduzida e pela distância a que está da face exterior, encontra-se ainda mais recuada, aumentando a sensação de resguardo. De batente simples, dá acesso a uma antecâmara de distribuição para a sacristia e a capela do santíssimo, estabelecendo a comunicação entre os dois espaços.

Ao transpor o vão que dá acesso à capela, é possível ver toda a amplitude deste espaço, assim como uma pequena parcela da assembleia. No entanto, face à sua posição, não existe qualquer relação visual com o presbitério ou outro elemento litúrgico além do sacrário presente na capela. Nos momentos em que a capela do santíssimo se encontra encerrada em relação à assembleia, poderá dizer-se que o domínio visual é total e que o espaço de entrada se relaciona proporcionalmente com o pequeno espaço de assembleia que pertence à capela.

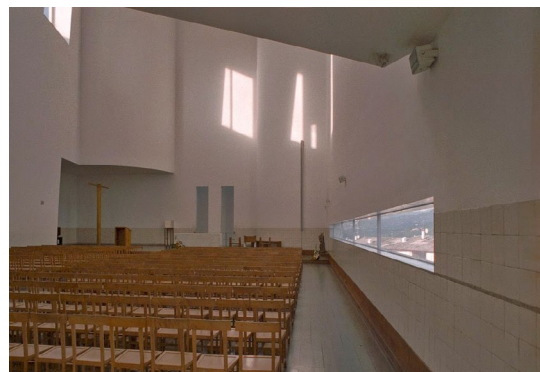
---

<sup>22</sup> Marques, J. (2005). *Na casa do meu pai há muitas moradas: reflexões em torno da organização do espaço litúrgico*. Prova Final. Profª Responsável Marta Oliveira. Porto. Faup. pág.78.

24.



25. 26.



24. corte longitudinal da igreja - vista para a nave lateral;  
25. vista do interior da igreja a partir da nave lateral - parede viga que faz a separação entre as duas naves;  
SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.  
26. vista do interior da igreja de Marco de Canaveses - parede-viga que faz a separação entre interior e exterior.  
*A Igreja de Siza Vieira*. <https://bit.ly/2KAq00L>.

## Assembleia

A assembleia e o presbitério ocupam o volume da nave central. Não existindo uma diminuição de pé-direito ou de largura na passagem entre ambos, fomentam uma leitura de espaço uno e contínuo.

A leitura da assembleia é fortemente marcada pela divisão do espaço em duas naves. Esta é sentida devido ao desenho separado das duas abóbadas de berço e à parede-viga que as suporta.

Através da expansão do espaço da assembleia para a nave lateral estabelece-se um maior equilíbrio entre comprimento e largura, afastando-se de uma forma demasiado alongada.

Na nave central, sem que se perca o seu carácter longitudinal, a percepção é influenciada pela grande altura de 13 metros. O recurso a uma escala monumental, proporcional à dimensão do edifício, conduz a uma certa subjugação da figura humana dentro do espaço litúrgico. A parede lateral do lado do evangelho é pontuada pela colocação dos três vãos em arco de volta perfeita que dão acesso ao batistério, confessionário e capela do santíssimo. Por sua vez, no lado poente a parede é totalmente aberta até uma altura de 4 metros, permitindo a comunicação entre naves e materializando-se numa parede-viga. Apesar de corresponder a uma separação entre dois espaços interiores e não a uma divisão entre interior e exterior, possui uma expressão semelhante à parede-viga desenhada pelo arquiteto Álvaro Siza na igreja em Marco de Canaveses (1996), que recebe a colocação da longa janela horizontal.

Dada a concordância geométrica entre os planos retos das paredes e o plano curvo da abóbada, é alcançada a expressão de uma superfície contínua e sem interrupções. A abóbada possui uma ligeira inclinação, ao longo do seu eixo longitudinal, que desce na direção do presbitério, acelerando a perspetiva em direção ao foco de convergência do espaço sagrado.<sup>23</sup>

Um rasgo contínuo, a todo o comprimento da abóbada, permite a entrada de luz indireta e guia o olhar desde a entrada até ao presbitério.

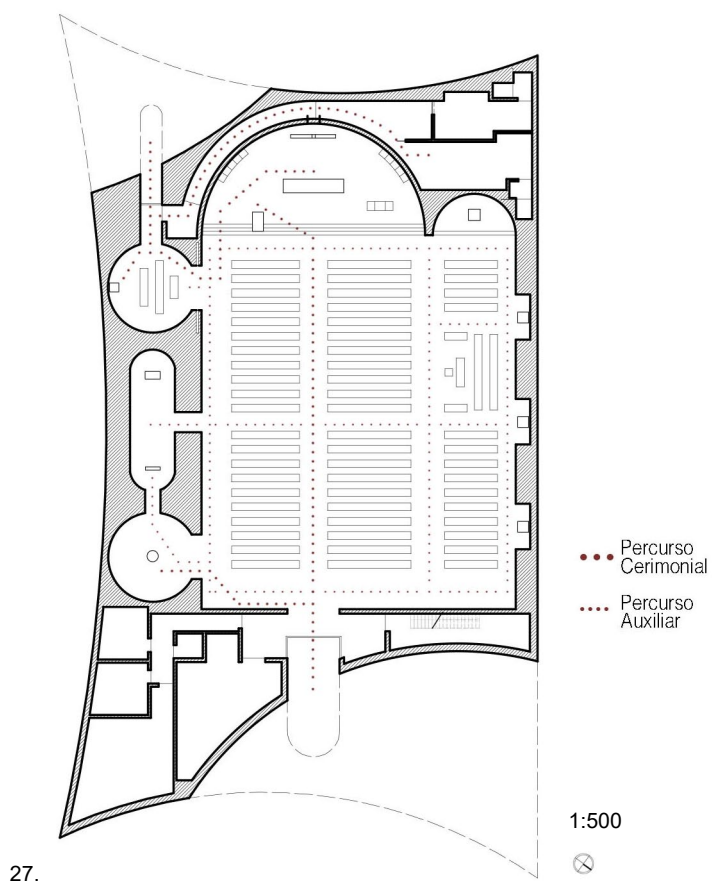
Na abóbada da segunda nave existe um rasgo idêntico, que acompanha o seu comprimento até ao absidíolo onde se situa a imagem de Santo Tirso.

Em ambas as naves, tanto as paredes como o teto abobadado são de cor branca, dotando o interior da igreja de uma extrema e 'imaculada' claridade e 'leveza'.

O revestimento do pavimento é feito em régua de madeira, numa intenção de "reportar para a imagem clássica da igreja".<sup>24</sup> Estas são colocadas longitudinalmente, reforçando o eixo axial que se desenvolve em direção ao presbitério.

<sup>23</sup> Esta inclinação, impercetível a partir de uma primeira análise das peças escritas e desenhadas disponibilizadas pelo *atelier* SpaceWorkers, foi identificada com o redesenho dessas mesmas peças.

<sup>24</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.



27. análise percursos: planta.  
Elaborado pelo autor.



## Organização da Assembleia

A assembleia possui uma capacidade para 512 pessoas, à qual se acrescentam os 28 lugares destinados ao coro. Apesar da existência dos lugares colocados em frente à capela lateral, a posição destes inviabiliza uma utilização durante as celebrações litúrgicas, uma vez que a visibilidade para o presbitério e o altar fica comprometida.

É prevista em projeto a possibilidade de aumentar a capacidade através da colocação de mais quatro lugares em cada fila, bem como o acrescento de duas filas adicionais junto à entrada na igreja, elevando a capacidade total para 700 lugares sentados. Contudo, esta solução não se revela a mais indicada pois diminui significativamente a área de circulação, assim como o espaço que, na nave central, separa o vão de entrada da última fila de lugares.

Apesar de ser referido na memória descritiva que podem ser usadas cadeiras individuais, a representação em desenho e a análise dos vários aspetos do projeto parece apontar para o uso de bancos coletivos.

A assembleia organiza-se em função da matriz ortogonal e do carácter longitudinal das naves, dispondo-se de forma axial, paralelamente ao presbitério e ao altar. Face à divisão do espaço em duas naves e ao seu grande comprimento, procurando evitar uma configuração demasiado compacta e massificada, os lugares são divididos em vários setores; estes são delineados por corredores que, aliados ao intervalo que separa a colocação dos lugares das paredes laterais, possibilitam a circulação dentro do espaço da assembleia e entre os vários polos litúrgicos.

Desde modo são traçadas duas passagens longitudinais, uma a eixo com o altar - dividindo a nave central - e a outra sob a passagem entre as duas naves. É desenhado de seguida um corredor transversal, a meio do comprimento das naves, de maneira a que as colunas não se afigurem demasiado longas e permitindo a ligação entre os dois lados do espaço litúrgico. Existe ainda uma segunda passagem transversal, esta apenas na nave lateral, que divide o espaço do coro dos lugares que servem a capela secundária.

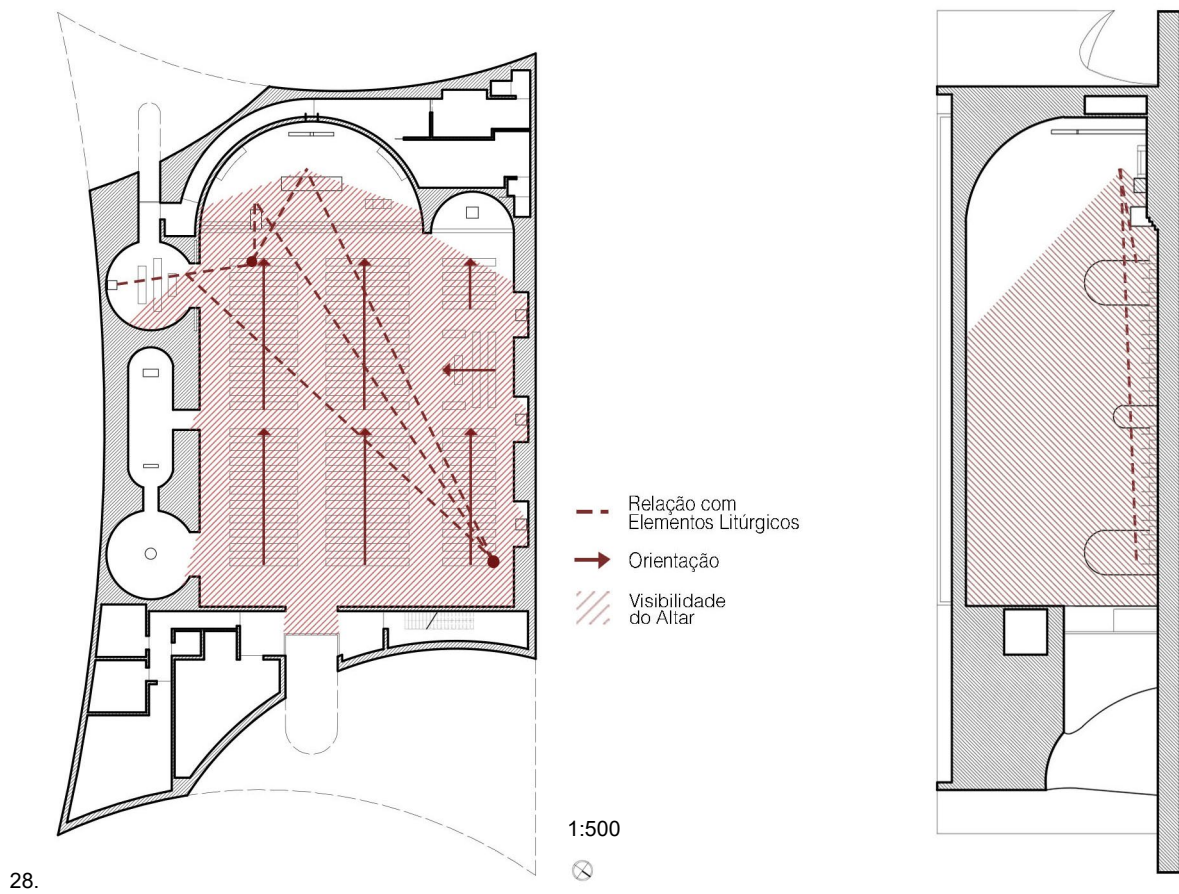
Na frente da assembleia, os lugares recuam dois metros em relação à linha de fronteira com o presbitério, permitindo aos fiéis sentados nas primeiras filas observar adequadamente o altar e o presidente da celebração. Este afastamento possibilita igualmente a criação de um espaço com a dimensão adequada para a celebração da comunhão.

Devido à colocação do batistério, confessionário e capela do santíssimo e à necessidade de assegurar uma cómoda passagem para estes espaços, as filas de bancos do lado do evangelho possuem uma menor dimensão, correspondente à supressão de dois lugares. Isto leva a que as três divisões longitudinais da assembleia – as duas da nave central e a da nave lateral - possuam uma largura e um número de lugares distintos entre si.

Existe igualmente uma grande distância entre a primeira e a última fila da assembleia; de cerca de 20 metros. Isto contribui para uma vivência do espaço e da cerimónia litúrgica muito distinta consoante o lugar ocupado. É substancialmente diferente o grau de relação com o altar estando sentado nas primeiras filas junto ao presbitério, ou por oposição, nas últimas filas, junto à parede fundeira.

A partir de qualquer lugar da assembleia é possível observar todos os elementos litúrgicos situados no presbitério. Contudo, não é possível à maioria dos fiéis estabelecer uma relação visual com o sacrário durante as cerimónias litúrgicas, ou mesmo acompanhar o percurso efetuado pelo presbítero aquando da sua abertura, face à sua localização dentro da capela do santíssimo.

Os diversos aspetos enunciados contribuem assim para a quebra de uma noção de igualdade e união da assembleia de fiéis. Existindo uma demasiada sectorização e distância entre os extremos da assembleia, é fomentado um diferente grau de aproximação e relação com o altar – foco maior e centro de convergência do espaço litúrgico.



28. análise assembleia e presbitério: planta e corte longitudinal.  
Elaborado pelo autor.

## Presbitério

Ocupando todo a área da abside, o presbitério é um espaço semicircular. Ao não existir um estreitamento na fronteira com a assembleia, ocupa toda a largura da nave central, desenhando uma frente comunicante de grande dimensão. Eleva-se em relação à assembleia por meio de quatro degraus – cerca de 0,80 centímetros - realçando a sua posição e permitindo uma boa visibilidade para toda a comunidade de fiéis. O recurso aos degraus valoriza o momento de acesso ao presbitério durante a liturgia, tanto por parte dos presbíteros como dos fiéis que se desloquem até ao ambão para ler. Por outro lado, esta elevação pode causar uma maior sensação de afastamento e separação entre presbitério e assembleia e consequentemente entre a comunidade e quem preside a celebração.

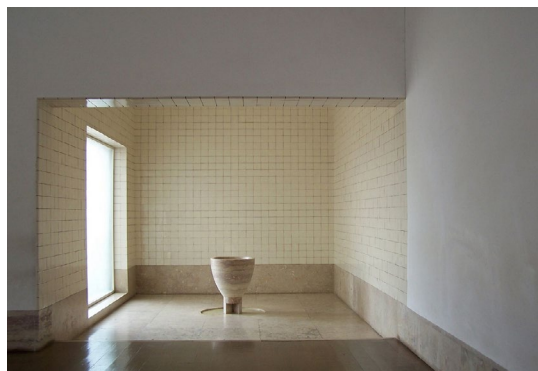
O presbitério é coberto por uma abóbada em quarto de esfera. Não existindo uma diminuição do pé direito em relação à assembleia, a abóbada é desenhada em conformidade com a abóbada de berço que cobre a nave. A continuidade entre ambas possibilita que o rasgo de luz a todo o comprimento da nave se prolongue para a abside, onde se transforma num rasgo vertical que ‘emoldura’ a cruz - imagem da presença de Cristo crucificado.

Tanto a parede curva como o teto abobadado são de cor branca, à semelhança do observado nas naves, promovendo uma continuidade plástica. Contudo, o pavimento é revestido em mármore polido - tal como no batistério – diferenciando-se intencionalmente em relação ao pavimento de madeira das naves, de modo a reforçar a sua elevação.

Apesar de não ter sido desenhada uma passagem direta entre a sacristia e o presbitério, essa hipótese foi acautelada na memória descritiva do projeto<sup>25</sup>. A sua colocação tornaria o acesso entre ambos os espaços mais cómodo, não tendo os celebrantes de contornar toda a abside e passar pela capela do santíssimo e assembleia de forma a chegar ao presbitério. Contudo, a abertura de um vão na parede curva da abside perturbaria o traçado contínuo e ‘limpo’ que a caracteriza.

---

<sup>25</sup> SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.



29. 30.

29. vista do batistério - a visibilidade para a assembleia é apenas parcial;  
SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.  
30. batistério da igreja de Marco de Canaveses (1996).  
*Santa Maria Church*. <https://bit.ly/2rSwakX>

## Elementos Litúrgicos

O altar e o ambão encontram-se dispostos de forma perpendicular em relação à assembleia, a uma distância diferente da fronteira entre os dois espaços. O altar afasta-se cerca de 3 metros, enquanto o ambão é colocado sobre os próprios degraus que estabelecem o acesso ao presbitério, procurando com isto aproximar-se o mais possível da comunidade de fiéis. Face à significativa elevação do presbitério, o afastamento do altar garante aos fiéis sentados nas primeiras filas uma adequada visibilidade dos movimentos do presidente durante a cerimónia litúrgica, causando contudo uma diminuição da noção de proximidade da comunidade ao altar, o que pode influenciar a sua participação nas celebrações.

Os dois objetos encontram-se a alguma distância entre si, o que promove um percurso cerimonial na deslocação de um até ao outro. Ambos são peças fixas, maciças. Executadas em mármore branco, à semelhança do pavimento da assembleia, transmitem uma sensação de continuidade deste plano, que se eleva de forma a desenhá-los.

O altar é retangular, com todas as faces perfeitamente lisas. Apesar de ao seu carácter sólido estar inerente um entendimento enquanto ara sacrificial, o seu enorme comprimento - proporcional à dimensão do presbitério – atribui-lhe um sentido marcadamente transversal, próximo das características de uma mesa cerimonial.

O ambão, igualmente retangular, possui uma maior verticalidade, complementar à horizontalidade do altar, revelando a unidade material entre a mesa eucarística e a mesa da palavra, protagonistas de dois momentos da liturgia.

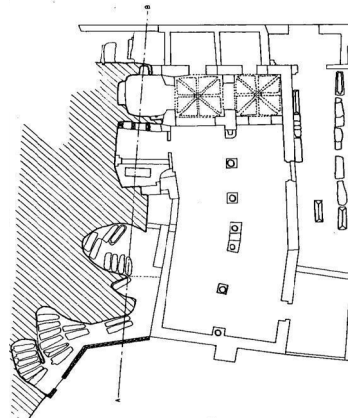
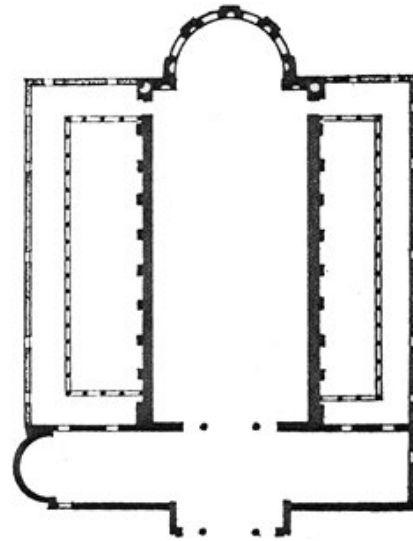
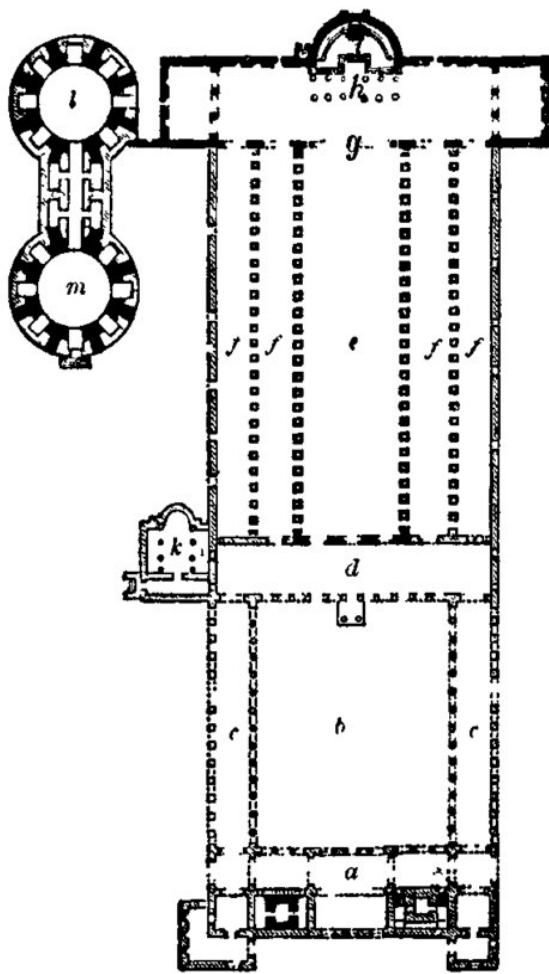
A cruz é colocada ao fundo do presbitério, junto à parede curva, no mesmo eixo axial que divide a nave central ligando simbolicamente a entrada e o altar. A sua posição e importância são realçadas pelo rasgo de luz que atravessa longitudinalmente toda a nave e a parede da abside. Ao ser iluminada pela luz direccionada por este rasgo, adquire uma tonalidade mais clara, que realça a sua 'leveza' e verticalidade. Executada em madeira, possui a trave vertical de grande altura.

A cadeira da presidência, do lado da epístola, é colocada paralelamente ao altar, estando mais próxima dos degraus do presbitério. De cada lado da parede curva da abside, é ainda colocada uma fila de lugares destinados aos acólitos.

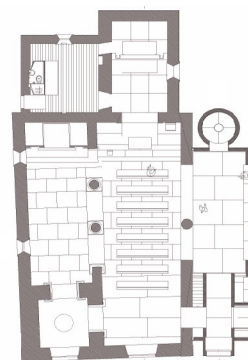
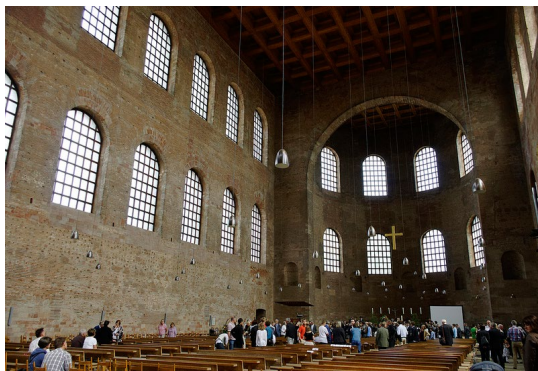
Relativamente ao sacrário, a sua colocação dentro da capela do santíssimo não se revela a mais funcional devido à organização deste espaço e da sua relação com a nave. Apesar de fomentar um percurso cerimonial, o percurso revela-se demasiado longo e sinuoso, inclusivamente 'obrigando' o presbítero a contornar a pequena assembleia colocada dentro da capela.

Por fim, a pia batismal, à semelhança de todas as superfícies do batistério, é executada em mármore. Trata-se de um monólito, arredondado na face inferior de modo a suavizar a aresta de contacto com o chão. Na face superior, o plano curvo é 'escavado' de forma a receber a água. Tal como o próprio batistério, é possível decifrar no desenho da pia batismal uma clara inspiração em relação à presente na igreja de Marco de Canaveses (1996).<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Já mencionada a propósito da discussão em torno do batistério, ver página 35.



31.  
30. 32.



33. 34.

30. basílica paleocristã de *São Pedro de Roma* (século IV);

*St. Peter's Basilica*. <https://bit.ly/2IsU11G>.

31. basílica de *Constantino*, ou *Aula Palatina* (século IV), Trier, Alemanha;

*Aula Palatina, Palace of Constantine*. <https://bit.ly/2JAHk9A>.

32. igreja do mosteiro de *San Millán de Cogolla*, ou de *Suso* (século X), La Rioja, Espanha;

*Mosteiro de San Millán de Suso*. <https://bit.ly/2HK9kSw>.

33. vista interior da basílica de *Constantino*, ou *Aula Palatina* (século IV), Trier, Alemanha - na passagem da nave para a abside existe um estreitamento que permite o desenho de um arco triunfal, demarcando os dois espaços.

*Aula Palatina Interior*. <https://bit.ly/2t4UJMi>.

34. igreja de *São Salvador de Figueiredo*, Braga: a intervenção do arq. Paulo Providência adicionou no lado da epístola uma terceira nave, tornando a igreja num espaço de três naves.

Habitar Portugal. *Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo*. <https://bit.ly/2MpdKT>

## Temas, Problemas e Relações

A organização do espaço interior e a relação entre os vários polos litúrgicos da igreja de *Santa Maria Maior*, nomeadamente a divisão em duas naves e a adição no lado do evangelho do batistério, confessionário e capela do santíssimo, permitem identificar vários paralelos com espaços religiosos de períodos da história da arquitetura anteriores.

Alargando o debate arquitetónico a estes exemplos, é possível observar como o desenho de uma igreja pode ser estruturado consoante um diferente número de naves, compreendendo melhor o desenho da própria igreja de *Santa Maria Maior*.

A forma e composição formal do batistério, confessionário e capela do santíssimo espelham uma inspiração histórica na imagem dos primeiros batistérios ou martírios da arquitetura cristã, possuidores de uma planta centrada e edificados enquanto elementos isolados ou apostos, fora do espaço interior da igreja, tendo sido ao longo dos séculos progressivamente integrados dentro dos seus limites.

É igualmente possível estabelecer um paralelo entre o desenho e organização do espaço interior e vários exemplos de basílicas do período paleocristão – século II a século V - nomeadamente a basílica de *São Pedro* (século IV), em Roma, e a basílica de *Constantino* (século IV), igualmente denominada como *Aula Palatina* em Trier, na Alemanha.<sup>27</sup> A relação da igreja de Meinedo com *São Pedro* é patente não só no desenho das naves e respetivas absides, mas também na ligação entre o batistério e o confessionário e na relação destes dois com o restante ‘corpo’ da igreja. Em respeito à basílica de *Constantino*, existe uma inequívoca semelhança no desenho, na dimensão da nave central e no modo como a esta são justapostos dois espaços laterais, longitudinais, que acompanham todo o comprimento da nave. É interessante notar que nesta basílica, ao contrário do projeto em Meinedo, existe um estreitamento na fronteira entre a nave e a abside. Apesar de o teto plano que cobre os dois espaços estar à mesma cota, este estreitamento permite o desenho de um arco triunfal que demarca cada um dos espaços, anunciando a passagem entre si.

Ao olhar para a arquitetura presente na Península Ibérica, encontramos na igreja do mosteiro de *San Millán de Cogolla*, ou de *Suso*, em La Rioja, Espanha, um caso diferente, que assenta num esquema de duas naves. A igreja possui origem num cenóbio visigótico do século VI-VII, construído em redor do sepulcro do eremita Millán. No século X, já no período moçárabe, foi edificada a galeria de entrada e uma igreja de duas naves, com dois tramos cada uma. Mais tarde, no século XI, a propósito da santificação de *San Millán*, é restaurada e ampliada, sendo acrescentados a cada nave mais dois tramos.

Em Portugal, a Igreja de *São Salvador de Figueiredo*, Braga, assume-se como um caso de nota, ao ter sofrido uma intervenção em 2005, concebida pelo arquiteto Paulo Providência, que visou a edificação da segunda nave lateral, em falta, tornando a igreja num espaço de três naves.

Através da breve análise destes exemplos, apesar da diferença de escala entre cada um, é possível observar espaços religiosos que através de um diferente número de naves espelham diferentes relações e modos de justaposição entre a nave central e as naves laterais.

<sup>27</sup> Mandada erigir pelo imperador Constantino por volta de 310 d.C. como parte de um complexo palaciano, pelo que não estava implantada como edifício isolado. No século XIX foi reconstruída, adotando o seu estado atual. Nesse mesmo século viria a tornar-se numa igreja protestante, sendo hoje conhecida como igreja da *Redenção*.







## Igreja de São João Batista

Coimbra, Portugal

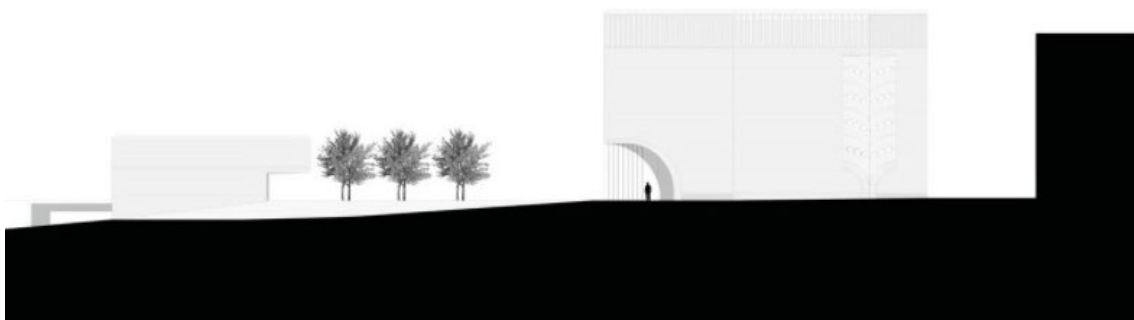
Promontório

Proposta em Concurso (vencedora)

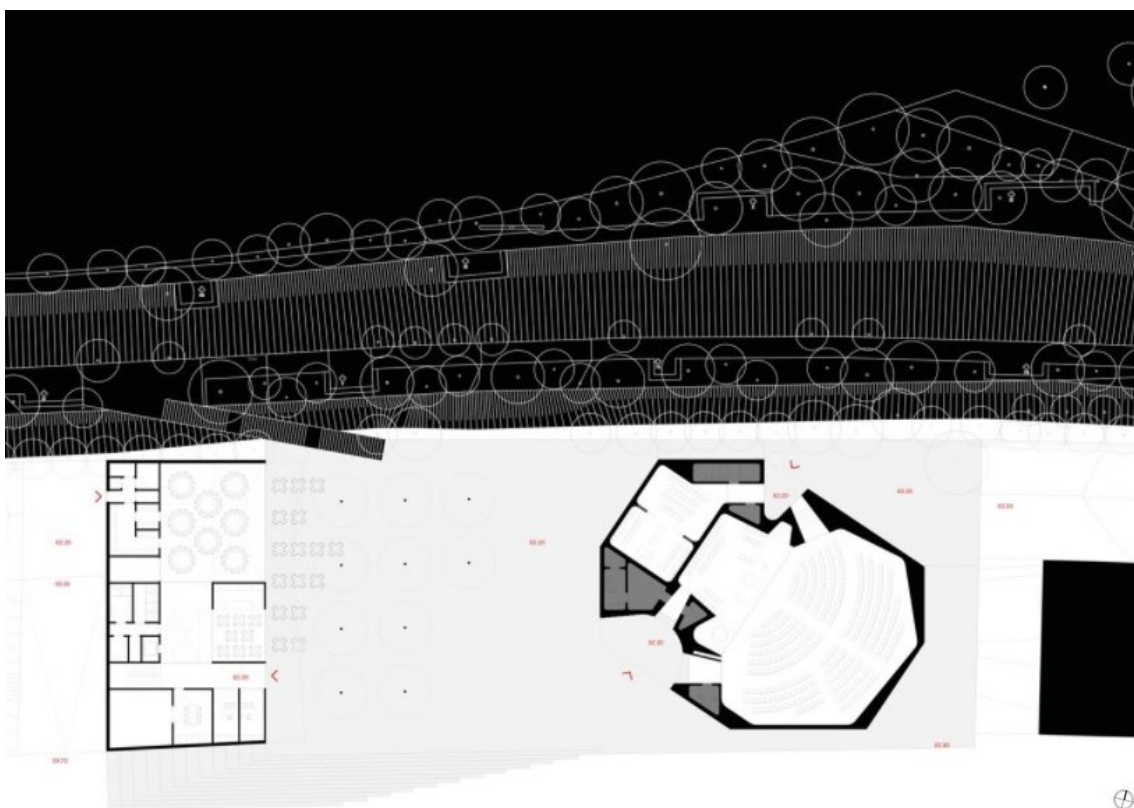
Projeto: 2015

Construção: 2019 (prevista)

35.



36.



Igreja de *São João Baptista*, Coimbra.

35. alçado sul do conjunto;

36. planta do conjunto: cota do piso térreo.

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

*“A igreja e o centro comunitário estão localizados em extremos opostos do terreno de maneira a desenhar uma praça que se abre para a cidade a sul, enquanto se conecta naturalmente ao lado norte pela encosta e o pano de fundo dramático das suas camadas geológicas. [...]*

*De um ponto de vista do desenho, o objetivo foi o de criar um edifício cuja simplicidade objetiva e solenidade marcassem de forma evidente a sua presença como uma igreja católica. [...]*

*O seu desenho teve em mente não só a simplicidade românica portuguesa cunhada por Albrecht Haupt como chã<sup>28</sup>, baseada na simplicidade e contenção de formas, mas também numa expressão tectónica e tátil capaz de reconciliar a modernidade com o pathos espiritual. Essa mesma empatia de forma e espaço identificada em obras religiosas como as de Celsing, Schwarz, Lewerentz, Távora ou Van der Laan. [...]*

*O edifício é concebido como um prisma mineral compacto, quase tocando a encosta e criando um espaço entre os dois: um espaço de tensão entre massas. Em contraste, o interior é concebido com uma fluidez inspiradora combinada com dramáticas mudanças de altura, desde o alto espaço da assembleia até ao altar comprimido. No seu todo, o edifício é denso e arcaico no exterior e fluido e acolhedor no interior. [...]*

*O uso do tijolo maciço como material de revestimento, tanto no volume da igreja como no centro paroquial e em ambos os casos tanto no exterior como no interior, é uma decisão predicada não apenas por economia, mas também por um número interessante de qualidades, a saber: baixo custo de manutenção, ótimo desempenho acústico, elevada inércia térmica além de uma excelente presença tátil e física. [...]*

*Aqui e ali, um aggiornamento<sup>29</sup> evocativo nas composições do padrão de colagem do tijolo é uma presença auto suficiente que evita o uso de outros acabamentos ou materiais decorativos. [...]*”

Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa. <http://www.promontorio.net>.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Neste contexto, a expressão “chã” não foi cunhada por Albrecht Haupt mas sim por George Kubler, e não a propósito da arquitetura românica, mas da arquitetura portuguesa entre os séculos XVI e XVIII, na sua obra *A arquitetura portuguesa chã – entre as especiarias e os diamantes (1521 – 1706)*. Haupt, por sua vez, estudou a arquitetura renascentista (séculos XV e XVI), escrevendo a obra *A arquitetura do renascimento em Portugal* (1986).

Haupt, A. (1924). *A arquitetura da Renascença em Portugal*. Lisboa. J. Rodrigues.

Kubler, G. (2005) *A arquitetura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706 - trad. Silva, J.* Lisboa.

<sup>29</sup> *Aggiornamento* é um termo italiano que significa atualização. Este termo foi usado como uma das intenções fundamentais para o *Concílio Vaticano II* (1962-1965). Neste contexto, *aggiornamento* aludia à intenção de adaptação em relação ao mundo moderno.

Bosc, E. (1880). *Dictionnaire raisonné d'architecture*. Vol. 1. Paris. Didot.

<sup>30</sup> Tradução feita pelo autor.



37. 38.



39. 40.



41. 42.



37. imagem aérea da envolvente urbana;  
 38. imagem aérea do terreno de intervenção: — área de intervenção;  
 39. vista do terreno de intervenção (a): pré-fabricado onde atualmente funciona a igreja;  
 40. vista do terreno de intervenção (b);  
 41. vista do terreno de intervenção (c);  
 42. vista do terreno de intervenção (d).  
 Imagens retiradas do Google Earth.



## Apresentação Crítica do Projeto

### Enquadramento

A paróquia de *São João Baptista*, cliente do projeto, foi criada em 2010 pelo bispo de Coimbra D. Albino Cleto. A sua criação deveu-se ao grande crescimento populacional existente na zona da Quinta da Portela e das outras urbanizações próximas, que causavam a sobrelotação da paróquia de *São José*, por si só já de grande dimensão. Neste contexto foi doado à paróquia o terreno onde será edificado o projeto. Desde essa data, a comunidade reúne-se num espaço religioso temporário colocado nesse terreno – um pré-fabricado que serve a função de igreja.

Deste modo, na necessidade da paróquia em edificar um espaço religioso que servisse as suas necessidades, foi lançado em 2015 o concurso de ideias para a igreja e centro paroquial de *São João Baptista*. O concurso público contou com a participação de 10 propostas, tendo sido a do atelier *Promontório* selecionada pelo júri como proposta vencedora, obtendo uma classificação final de 83 pontos. Em segundo e terceiro lugar ficaram respetivamente a proposta do arq. João Mendes Ribeiro, com 74 pontos, e a do atelier *GLLatelier*, com 72 pontos.<sup>31</sup>

### Sítio

O terreno do projeto insere-se no plano da Urbanização da Quinta da Portela, a maior área de urbanização da cidade de Coimbra do final do século XX. O plano, da autoria do arq. Camilo Cortesão, principiou na última década do século passado, prolongando-se até ao ano de 2003. Possui uma área de terreno total de 777 000 m<sup>2</sup>, sendo a área bruta de construção de 280 000 m<sup>2</sup>.<sup>32</sup>

O desenho da urbanização propõe o prolongamento para nascente da malha urbana que estrutura o Pólo II da Universidade de Coimbra, da autoria do mesmo arquiteto. O novo plano utiliza a ideia de rua-corredor, onde as frentes construídas servem também o propósito de separação entre o espaço público e os lotes privados.<sup>33</sup>

Os terrenos onde se desenvolveu a urbanização pertenciam ao palácio da Quinta da Portela, propriedade da família Bobone. Aquando da negociação para a venda desses terrenos, a família pediu como contrapartida que a igreja prevista no plano fosse colocada numa posição de destaque. Pela topografia do terreno, o sítio da igreja situa-se no cimo da alameda, 'dominando' a área circundante.

Com a intenção de lançamento do concurso, o terreno destinado à igreja foi renegociado de maneira a expandir a sua área para ambos os lados, passando a ocupar o espaço de três lotes.

O sítio de implantação da igreja, de geometria retangular, é limitado a sul pela rua principal que estrutura o tecido urbano do bairro, ligando-o ao restante território que se desenvolve a norte. Por sua vez, do lado norte é limitado por um talude, resultado do corte no terreno e do movimento de terras necessário ao plano de urbanização.

O lado nascente do terreno situa-se sobre uma linha de fecho, pelo que existe uma pendente no sentido nascente-poente que provoca uma diferença de cota de 3,50 metros entre os dois extremos da área de intervenção. Devido ao talude, entre os extremos norte e sul existe por sua vez uma diferença de cerca de 25 metros.

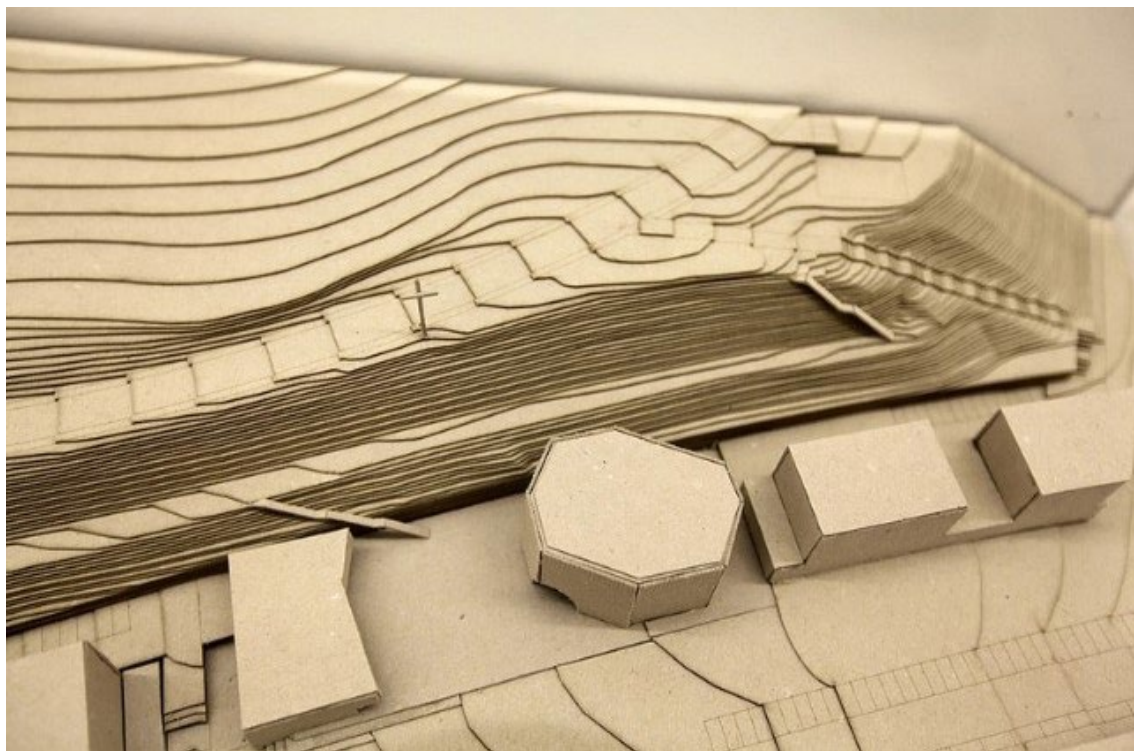
<sup>31</sup> No anexo III, pág. 163, encontra-se o mapa final com os nomes dos concorrentes, classificações finais e lugares atribuídos.

<sup>32</sup> MVCCArquitectos. *Urbanização e Edifícios da Quinta da Portela*. <http://www.mvcc.pt>.

<sup>33</sup> Ibidem.



43.



44.

43. planta do plano de urbanização da Quinta da Portela: — posição da igreja no plano;

MVCC Arquitectos. *Urbanização e Edifícios da Quinta da Portela*. <https://bit.ly/2rrrQcc>

44. fotografia da maquete.

Município de Coimbra. Concurso de ideias para o projeto do Centro Comunitário de Igreja de São João Baptista. <https://bit.ly/2wRGbVd>.

## Estratégia de Projeto

De modo a resolver a pendente do terreno é edificada uma plataforma de nível que o regulariza pela cota mais elevada, no lado nascente do lote. No lado poente, onde existe uma maior diferença de cotas, a ligação entre níveis é feita por uma escadaria desenhada ao longo do passeio. Nesta plataforma são colocados os volumes que compõem a proposta. Tendo em conta a relação com a forma urbana descrita, a igreja e o centro paroquial são separados em dois volumes distintos, colocados em extremos opostos da área e voltados um para o outro. Com este gesto é criada uma praça no centro do projeto, arborizada, “aberta à cidade que se desenvolve a sul, assumindo e integrando a encosta a norte”,<sup>34</sup> o que permite conformar o espaço exterior criado em três dos seus lados.

A posição dos volumes revela uma preocupação em não sobrevalorizar a presença e posição do edifício religioso, optando por uma implantação que não se destaca em relação às edificações envolventes. Se o(s) volume(s) se localizasse(m) no enfiamento da alameda, numa situação dominante em relação ao edificado próximo, causaria(m) uma enorme monumentalização do(s) volume(s) proposto(s).

Esta separação permite também que cada volume seja desenhado de modo diferente, espezinhando a sua função e importância complementar, não rivalizando em termos hierárquicos ou formais.

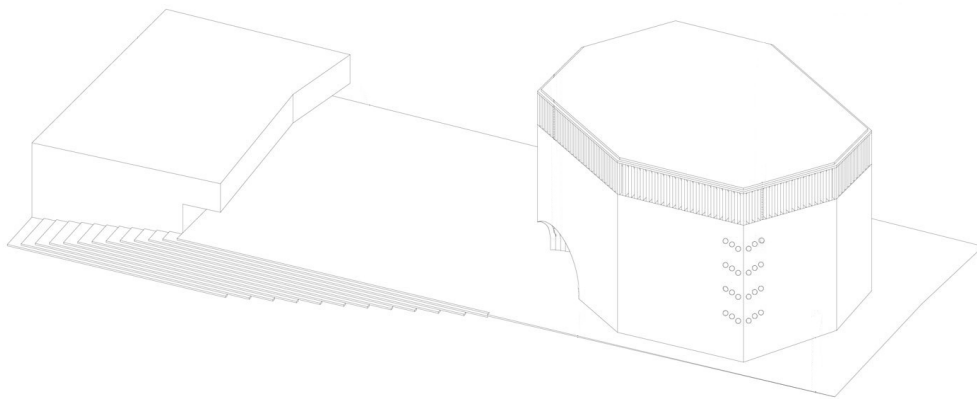
Reforçando a procura de um sentido de unidade, é usado o tijolo maciço como material de revestimento exterior em ambos os volumes, assim como no interior da igreja. O uso deste material está também relacionado com o próprio plano da Urbanização da Quinta da Portela: dentro da variação expressiva da volumetria de cada bloco habitacional que o plano admitia, o uso do tijolo como material de revestimento era um elemento comum a todas as edificações do plano, procurando precaver a disparidade de soluções possíveis. Esta intenção de unidade é assim seguida pela própria proposta de projeto, que procura relacionar-se com as edificações circundantes e com o tom vermelho dos passeios da urbanização, bem como com o próprio talude, possuidor de uma tonalidade avermelhada.

Denominada “*Átrio dos Gentios*”, a praça conformada entre os dois volumes desempenha o papel de um adro. Este estabelece a relação entre a escala da urbanização e a escala do edifício, entre a rua e o edifício. Pretende-se que seja um local de encontro que não sirva apenas a comunidade que se desloca propositadamente à igreja, mas sim toda a população residente na proximidade, podendo receber também outros usos sociais e culturais, como feiras ou espetáculos. A praça estabelece-se como prolongamento dos próprios edifícios, permitindo um mútuo diálogo que beneficia o carácter e desenvolvimento entre o uso de ambos.

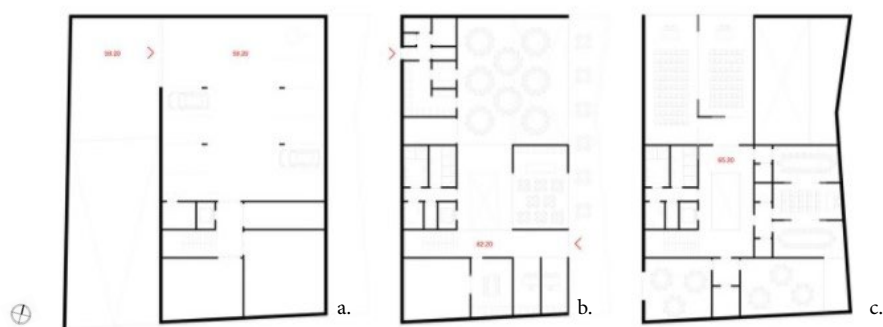
Funcionando como elemento aglutinador do projeto, o adro permite ainda a integração do talude, atribuindo uma imagem forte de diálogo e associação entre matéria e construção. Esta integração permitirá também à igreja relacionar-se com a rua que se desenvolve junto à cota superior da escarpa.

Por sua vez, procura-se tirar partido das potencialidades atuais do talude de modo a acolher a via-sacra, colocando cuidadosamente as doze estações em diferentes pontos e cotas com o intuito de criar o percurso cerimonial inerente a esta celebração. À cota mais alta e dominando a envolvente localiza-se a cruz, também ela com uma grande altura, de maneira a ser visível a várias distâncias, demarcando a localização do espaço religioso.

<sup>34</sup> Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa. <http://www.promontorio.net>. Tradução feita pelo autor.



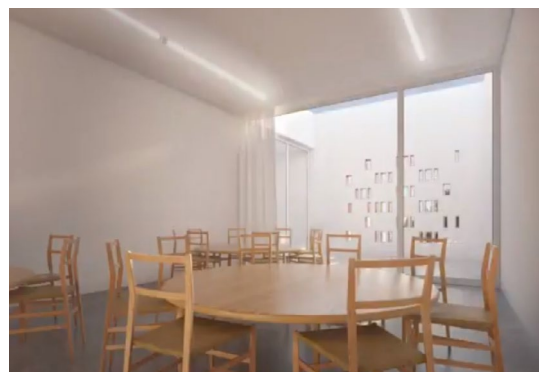
45.



46.



47. 48.



45. representação axonométrica do conjunto;  
46. planta dos vários pisos do centro paroquial - a. Piso -1; b. Piso 0; c. Piso 1.  
Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>  
47. vista do 1º piso do centro paroquial - átrio;  
48. vista do 2º piso do centro paroquial - sala de catequese.  
Paróquia de São João Baptista. *Nova igreja*. <https://bit.ly/2wnpVLE>



## Centro Paroquial

O centro paroquial, de planta retangular, não concorre com o volume da igreja. Desenvolve-se em três pisos – um abaixo da cota da praça e dois acima - contendo diversas funções de apoio à vida religiosa e social da paróquia.

No nível abaixo da praça localiza-se uma área de estacionamento à qual é possível aceder desde o extremo poente do lote. Este acesso, colocado junto a uma das margens do terreno, afastado da praça, permite que a necessária acessibilidade automóvel não perturbe as atividades que se desenvolvem no adro.

O nível térreo possui uma série de divisões voltadas para a praça, compreendendo uma cafetaria que se pode prolongar para o espaço exterior, uma sala de refeições com pé-direito duplo, destinada a um uso mais esporádico e algumas salas de reuniões.

Por fim, no piso superior estão situadas as salas de catequese e mais salas de reuniões, estas com uma maior dimensão. A face voltada para a praça não é completamente reta e o próprio piso encontra-se em balanço, formando uma zona coberta no piso térreo que pode ser utilizada como extensão da cafetaria, uma esplanada coberta, aberta para a praça.

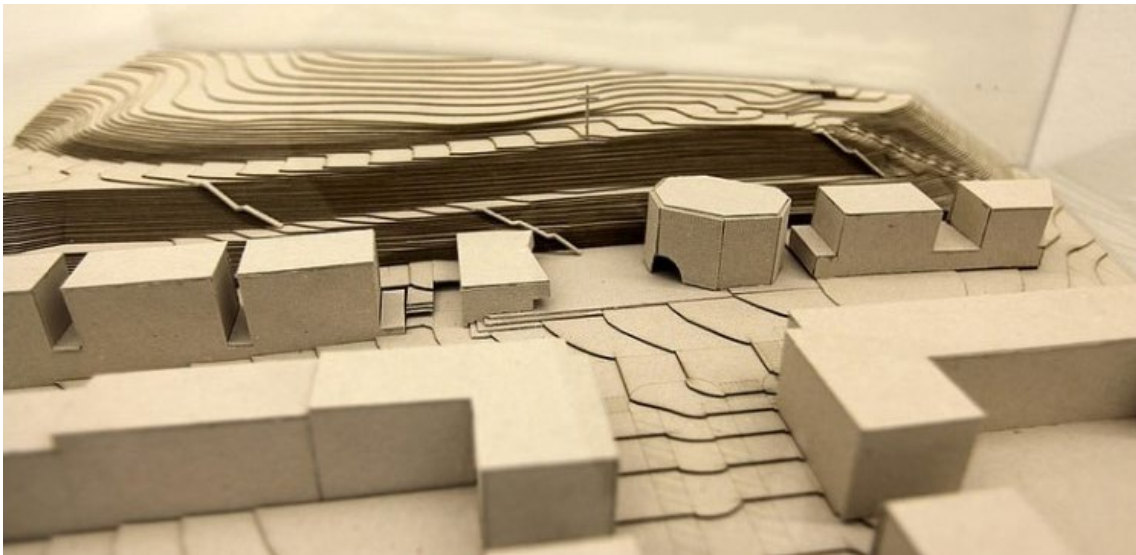
49. 50.



51. 52.



53.



49. vista da igreja a partir do centro paroquial - entrada principal na igreja;

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

50. igreja de São Jorge (*Bete Giyorgis*), Lalibela, Etiópia;

UNESCO. *Rock-Hewn Churches, Lalibela*. <https://bit.ly/2170lu4>

51. volume da igreja - motivo estilizado que simboliza a árvore da vida;

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

52. interior da igreja de St. Anne, Düren, arq. Rudolf Schwarz - o mesmo motivo estilizado pode ser visto atrás do presbitério;

*Annakirche*. <https://bit.ly/2ww3K67>

53. fotografia da maquete - relação da entrada principal com a praça e a envolvente urbana.

Município de Coimbra. *Concurso de ideias para a Igreja de São João Baptista*. <https://bit.ly/2wRGbVd>

## Igreja

### Forma e Expressão

#### Exterior

O volume da igreja, situado no extremo nascente do terreno, materializa-se num “prisma mineral” com a forma de um octógono irregular cujo eixo maior se volta para noroeste, realçando a sua posição. O volume afasta-se do talude, de forma a não lhe tocar, criando uma ‘tensão entre massas’ – entre massa natural (trabalhada) e massa construída.

No lado norte o volume alberga as capelas mortuárias, sem que exista qualquer distinção ou realce na volumetria exterior que evidencie a existência destas funções.

De cobertura plana e sem aberturas que permitam ver o interior, o volume da igreja adquire uma expressão de objeto compacto, denso e robusto, com uma “expressão tátil e tectónica”<sup>35</sup> similar às características de uma formação rochosa. A utilização do tijolo atribui uma grande força e identidade ao volume. O edifício poderá ser lido como um bloco monolítico, ele próprio brotando da escavação na rocha, em resultado semelhante às igrejas cristãs do século XII que podem ser encontradas em Lalibela, na Etiópia.<sup>36</sup> Do mesmo modo pode ser feito um paralelo com a arquitetura românica - como sugerido pelos próprios autores<sup>37</sup> - onde a utilização da alvenaria e silharia de granito e os reduzidos vãos associados ao seu uso atribuem uma grande expressão de robustez e resistência às construções.

Pretende-se que o aspeto exterior do volume da igreja reflita “uma simplicidade objetiva e uma solenidade”<sup>38</sup> que espelhem a sua função religiosa, sem que no entanto adquiram um protagonismo e atenção próprios de um edifício-monumento.

A toda a volta, o estrato inferior do volume é coberto até uma altura de 60 centímetros por tijolos dispostos verticalmente. Na faixa superior, junto à cobertura, o volume é por sua vez rasgado por estreitas frestas verticais com 3,5 metros de altura. À semelhança de um clerestório,<sup>39</sup> estas permitem a entrada de luz, aligeirando o encontro das faces laterais com a cobertura.

Neste estrato junto à cobertura são também integrados os sinos, voltados para a praça. Com a largura da abertura onde estes são colocados, é desenhada na face exterior uma superfície vertical que se destaca dos restantes planos exteriores pela colocação intervalada de tijolos perpendiculares. Numa intenção de não desenhar a torre sineira num volume independente, este desenho permite assinalar subtilmente a sua presença sem que esta se destaque do volume da igreja. Esta colocação dos sinos possui uma expressão que não encontra paralelo na arquitetura religiosa portuguesa. Não se tratando de um volume independente, não adquire nem a expressão de uma torre nem de uma sineira românica, uma vez que ao invés de se materializar para fora, é cavada no interior do edifício.

No ângulo do prisma voltado para sudeste é desenhado um motivo estilizado que representa a árvore da vida. Este elemento é reproduzido a partir de um igual, desenhado por Rudolf Sch-

<sup>35</sup> Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa.

<http://www.promontorio.net> Tradução feita pelo autor.

<sup>36</sup> O complexo de igrejas cristãs da cidade de Lalibela, na Etiópia, do qual faz parte a igreja de Beta Giyorgis (São Jorge), são exemplos de arquitetura monolítica, na sua maioria escavados no solo rochoso, que resultam de um só bloco de pedra. O seu nível aditivo de detalhe e ornamentação atinge a mesma complexidade de igrejas edificadas de modo convencional.

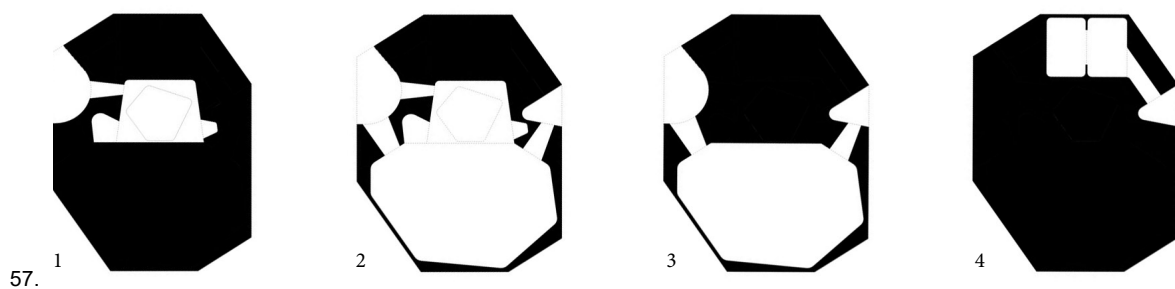
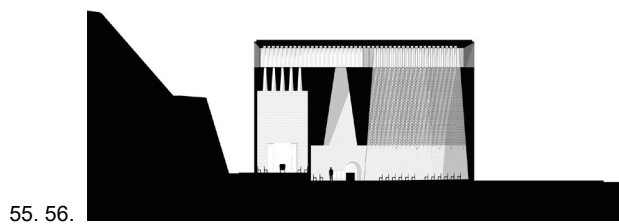
<sup>37</sup> Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa.

<http://www.promontorio.net> Tradução feita pelo autor.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Clerestório é uma secção de parede, rasgada por janelas junto ao teto, que se eleva mais do que a cobertura dos espaços contíguos de forma a permitir a entrada de luz. Foi desenvolvida como estratégia de iluminação de espaços distantes das paredes exteriores do edifício. O seu desenho remonta à arquitetura egípcia, sendo um dos exemplos mais antigos a sala hipostila do *Templo de Amon* (séculos XIV – XII a.C.), em Karnak. Foi igualmente usado em várias construções romanas, bizantinas e paleocristãs, mas foi na arquitetura românica, e posteriormente gótica, que a sua utilização foi amplamente difundida.

Bosc, E. (1880). *Dictionnaire raisonné d'architecture*. Vol. 3. Paris. Didot.



54. esquema conceitual da concepção do volume da igreja;  
 55. corte longitudinal: igreja e capelas mortuárias;  
 56. vista interior da igreja - a partir da assembleia;  
 57. esquema de funcionamento dos espaços: 1- capela da adoração; 2- igreja; 3- nave/auditório/salão; 4- capelas mortuárias.  
 Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

warz<sup>40</sup> para a igreja de *Santa Anna* (1951), em Düren, Alemanha. Apesar de em ambas as igrejas o motivo ser visível a partir do interior, na igreja de *Santa Anna* o motivo é colocado atrás do presbitério, enquanto na igreja de Coimbra este encontra-se atrás da assembleia.<sup>41</sup>

O volume da igreja diferencia-se e destaca-se do centro paroquial não só pela sua forma mais complexa e maior altura, mas também através de uma maior riqueza ornamental e simbólica. O facto de o centro paroquial se encontrar parcialmente enterrado faz com que a igreja possua uma maior altura em relação a este. Ao analisar ambos os volumes numa leitura conjunta, estes não rivalizam em importância ou expressão, antes estabelecendo uma complementar diferenciação hierárquica.

## Interior

*Se no seu exterior o volume possui a expressão sólida de uma rocha, o seu interior é tratado com a fluidez e delicadeza que caracterizam a água.*<sup>42</sup> Esta oposição entre as duas esferas marca um contraste entre o aspeto robusto e arcaico do exterior, assinalado por uma geometria rígida, e o aspeto acolhedor e contemporâneo do interior, onde se assiste a uma complexidade no desenho e organização dos espaços.

Uma vez no interior do espaço litúrgico, não existe qualquer relação com o exterior, promovendo uma ambiência encerrada sobre si mesma que promove a concentração.

Apenas perceptível em desenho, é possível constatar que as paredes interiores não são na sua generalidade paralelas às exteriores, o que promove uma sugestão de movimento entre a figura interior e a figura exterior, ao mesmo tempo que é reforçado o contraste entre os dois ambientes. O encontro entre as várias paredes interiores é feito de forma arredondada, evitando destacar os ângulos que formam entre si e procurando uma leitura de superfície contínua. O espaço adquire uma maior complexidade uma vez que não existe um eixo claro de simetria ou de relação entre as dimensões das várias paredes.

Em todo o interior da igreja é patente a simplicidade do espaço, sem adornos, figuras ou outros motivos de ornamentação. Promove-se um total foco no centro - o altar - e na celebração litúrgica.

A igreja organiza-se segundo um modelo de planta centralizada, composto pelas duas áreas principais – a assembleia e o presbitério – desenhadas de modo diferente. A separação entre ambas é demarcada pela mudança de pé-direito, na passagem da assembleia com 20 metros para o presbitério com 5 metros.

É na zona de fronteira entre estes dois polos litúrgicos que se encontram o batistério e o sacrário, orientados para a restante área da igreja. Quando o espaço da igreja é dividido, ambos formam, em conjunto com o presbitério, a capela da adoração. Isto permite que possam ser utilizados nas vigílias e outras cerimónias realizadas no lugar do presbitério, viabilizando igualmente o uso da nave como auditório ou salão de festas - previstos no programa de concurso - sem que exista a presença de qualquer objeto que remeta para a função sagrada desse espaço.

O batistério, do lado do evangelho, situa-se junto da entrada principal, materializando-se num espaço 'escavado'. É coberto por uma abóbada que promove um sentido de 'gruta', na qual se encontra protegida a pia batismal, ligeiramente elevada sobre um pedestal.

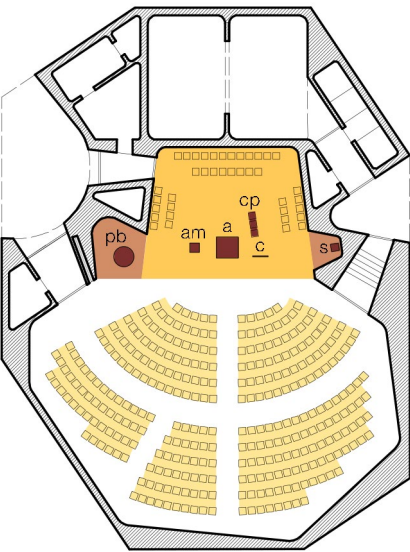
No lado da epístola, o espaço atribuído ao sacrário possui uma dimensão mais reduzida. Em comparação com o batistério, a sua posição afasta-se ligeiramente em relação à assembleia, refletindo a sua relação mais estreita com o presbitério. Isto permite que neste lado se sinta a 'linha de encontro' entre presbitério e assembleia.

<sup>40</sup> Arquiteto alemão, 1897 – 1961. Conhecido pela sua obra arquitetónica religiosa, foi uma figura de grande importância na mudança litúrgica para a celebração *Versus Populum*. Realizou igualmente alguns ensaios teóricos relacionados com a liturgia.

<sup>41</sup> Sugerido pelos arquitetos através de uma imagem.

<sup>42</sup> Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa. <http://www.promontorio.net>  
Tradução feita pelo autor.

58.



- 1 - Presbitério
- 2 - Assembleia
- 3 - Nicho do Sacrário
- 4 - Batistério
- a Altar
- am Ambão
- c Cruz
- cp Cadeira Presidência
- s Sacrário
- pb Pia Batismal

1:500



58. análise polos litúrgicos: planta.  
Elaborado pelo autor.



O programa do concurso solicitava a existência de duas zonas de celebração distintas, com escala e lotação diferentes. Para além da igreja era solicitada uma capela de adoração, a ser usada pelos paroquianos numa vigília noturna uma vez por semana. Por razões relacionadas não só com a organização espacial idealizada mas também com o orçamento inerente, a capela de adoração funciona no mesmo espaço do presbitério. Através de uma hábil organização, é possível encerrar o espaço interior da igreja dividindo a assembleia do presbitério, por meio da colocação de painéis móveis ou uma cortina pesada, permitindo que este último funcione separadamente como capela de adoração. Deste modo o espaço pode abrir-se ou encerrar-se, funcionando em separado ou em conjunto, servindo dois propósitos diferentes.



59. 60.



61. 62.



59. nártex da sé de Évora (séculos XII - XV);

SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. *Catedral de Évora/ Sé de Évora*. <https://bit.ly/2LIJ7WM>

60. arquivoltas e friso do portal da igreja de Bravães (séc. XIII);

*Igreja de Bravães*. <https://bit.ly/2jEXqQd>

61. pórtico da Glória da catedral de *Santiago de Compostela* - o mainel divide o arco central ao meio, servindo a colocação das duas portas;

El Confidencial. *Así expoliaron los Franco el Pórtico de la Gloria que Santiago quiere recuperar*. <https://bit.ly/2rsSxOt>

62. fachada da igreja de *Sant'Antonio Abate* (2010), Genestretio - reabilitação por Mario Botta;

*Parish church, Genestretio, Ticino Switzerland*. <https://bit.ly/2LbgDWs>



## Entradas

Existem dois momentos de entrada, desenhados com uma linguagem formal semelhante, mas com dimensão e propósitos de utilização marcadamente diferentes. Espelhando este propósito, situam-se em lados opostos: a entrada principal está voltada para o lado poente - para o adro desenhado entre a igreja e o centro paroquial; por sua vez, a entrada secundária situa-se do lado nascente, a uma cota mais elevada por força da topografia, assumindo um uso mais controlado.

A forma da entrada resulta da subtração de duas superfícies curvas ao volume sólido, 'talhando' duas entradas como que 'escavadas na rocha'. Devido à materialidade e aspeto do "prisma mineral", o desenho das entradas estabelece uma analogia com a própria expressão do talude adjacente, 'desgastada' pelos cortes no terreno.

### Entrada Principal

A entrada principal, voltada para o "*Átrio dos Gentios*" e para o centro paroquial, relaciona-se diretamente com o caráter público que esta praça adquire, reforçando um sentido de 'proteção' do adro. Encontra-se igualmente em relação com a avenida que sobe a colina, como que 'abrindo' simbolicamente as suas portas à cidade aquando de cada celebração.

A supressão esférica desenha um espaço coberto que recebe e acolhe os fiéis antes e nos finais das celebrações. Funciona como dispositivo de mediação e transição entre o meio exterior, aberto e imenso, e o espaço interior limitado e controlado. É propositadamente 'escavada' na aresta de convergência entre dois dos oito planos laterais do volume de modo a criar um momento de dinamismo no volume sóbrio e rígido. Reforça ainda o sentido de solidez do edifício ao demonstrar que, à semelhança de um bloco de pedra, é possível suprimir um dos seus cantos sem que se desintegre.

A entrada possui um traçado curvo, contrastante com as linhas ortogonais que caracterizam o volume. A penumbra que caracteriza este espaço demarca a transição para o espaço interior, resguardado da luminosidade excessiva do ambiente exterior.

O desenho da entrada, embora de uma grande simplicidade formal, é feito com enorme sensibilidade. A sua espacialidade possui as características de um endo-nartéx<sup>43</sup> que antecede o espaço interior de uma igreja ou sé. Uma faixa de tijolos, orientados segundo o sentido da curva, emoldura a entrada à semelhança dos frisos que adornam as arquivoltas do portal numa igreja românica.<sup>44</sup>

É ainda de notar a posição e a tonalidade dos tijolos no revestimento do espaço coberto criado. De forma intencional, estes são dispostos em fileiras verticais resolvendo o encontro na passagem das superfícies planas para a superfície curva. No lado norte da curva é desenhado um detalhe construtivo idêntico ao utilizado na igreja de *St. Bride* (1958) em Glasgow.<sup>45</sup> Os tijolos não formam um plano liso uma vez que são colocados de modo saliente, pelo que adquirem uma expressão similar à disposição das colunas de um portal, reforçando a convergência da perspetiva em direção à porta. Apesar da diferença de escala, podemos ainda encontrar um traçado semelhante na entrada da igreja de *Sant'Antonio Abate* (2010), em Genestretio.<sup>46</sup>

Este espaço emoldura assim duas portas, cada uma de batente duplo. Estas não se encontram à face com a superfície exterior, mas recuadas em relação ao plano da parede. Fruto da sua proximidade e posição, o plano que estabelece a separação entre ambas adquire a expressão formal análoga de um mainel.<sup>47</sup>

Deste modo, o espaço coberto e a colocação das portas podem ser vistos como uma interpre-

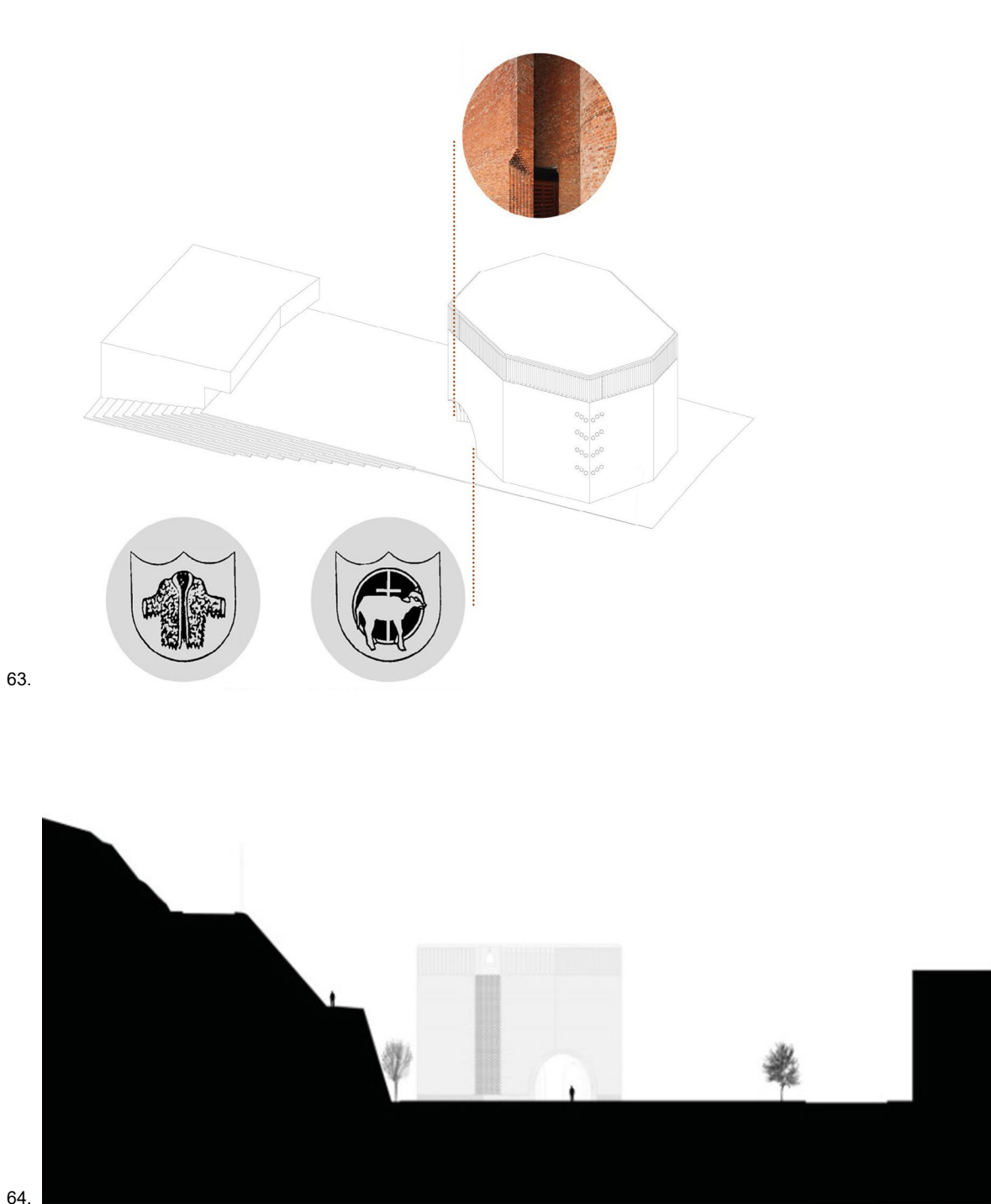
<sup>43</sup> Termo mencionado a propósito da descrição da entrada do projeto para a igreja de *Santa Maria Maior*, em Meinedo, ver nota de rodapé 18, pág.31.

<sup>44</sup> Gillespie, Kidd & Coia *Arquitectos*. Sugerido pelos arquitetos através de uma imagem.

<sup>45</sup> Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa. <http://www.promontorio.net> Tradução feita pelo autor.

<sup>46</sup> Mario Botta. *Arquiteto suíço*, 1943. Concebeu vários edifícios religiosos, com escala e uso distinto, como o são uma capela, igreja, catedral ou sinagoga.

<sup>47</sup> Mainel é o elemento arquitetónico, em forma de coluna ou pilar, disposto ao meio de um vão - porta ou janela - dividindo-o em dois. Quando usado num pórtico de entrada, pode geralmente conter uma figura escultórica. Bosc, E. (1880). *Dictionnaire raisonné d'architecture*. Vol. 3. Paris. Didot.



63. alçado poente do volume da igreja;

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

64. vista axonométrica do conjunto - símbolos iconográficos gravados nas portas e detalhe do tijolo no encontro da face curva do espaço coberto e da face exterior do volume.

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>. editado pelo autor.

tação contemporânea em simultâneo de um endo-nártex e de um grande e profundo portal românico com mainel. As portas permitem o acesso independente à nave e à capela da adoração, considerando a possibilidade de o espaço interior se encontrar separado.

Para além da porta que leva à assembleia ser mais larga, a distinção quanto à sua função é assinalada por dois motivos gravados na madeira, ambos relativos ao simbolismo e iconografia relacionados com São João Baptista. Nesta porta encontra-se gravado o *Agnus Dei*, motivo composto por um cordeiro e uma cruz<sup>48</sup> que remete para a comunidade de fiéis da qual faz parte o próprio Cristo. Na porta que leva à sacristia e ao presbitério está gravado o manto de São João,<sup>49</sup> simbolizando o ato de pregação e aludindo ao papel desempenhado pelos celebrantes nas cerimónias litúrgicas.

Ambas as portas, de batente duplo, abrem-se para uma antecâmara cujo desenho possui a expressão de um umbral profundo, que faz a transição final para o espaço interior da igreja. Ao fundo encontram-se novas portas, criando um duplo resguardo em jeito de corta-vento que reforça a quebra de relação e continuidade com o meio exterior. Este desenho cuidado da transição para o interior da igreja reflete um entendimento do espaço sagrado fechado e concentrado sobre si próprio.

Na entrada que leva ao presbitério a antecâmara é afunilada, servindo igualmente o propósito de ligação com a sacristia e permitindo uma passagem direta e cómoda deste espaço para o presbitério.

No acesso que leva à assembleia a antecâmara, igualmente afunilada mas menos pronunciada, acede ao espaço da nave a partir de uma posição lateral. Ainda dentro da antecâmara, uma porta comunica com um espaço de arrumos para preparação dos arranjos de flores a ser utilizados em algumas cerimónias.

Apesar de a direção de entrada no espaço litúrgico ‘apontar’ para a assembleia e para o corredor de distribuição que a divide em duas metades, o local de entrada encontra-se muito próximo da zona de fronteira com o presbitério. À sua esquerda, igualmente perto, encontra-se o batistério, estabelecendo uma forte relação simbólica entre o rito de entrada no espaço litúrgico e o rito do batismo e purificação.

A área que separa a transposição da porta e as cadeiras da assembleia possui uma área considerável. Esta ‘distância’, que dignifica o momento solene de entrada e a partir do qual é possível ter uma vista global do espaço sagrado, desempenha o “prolongamento da passagem marcada pela abertura da porta”.<sup>50</sup>

A partir do momento em que se transpõe este limiar do lugar sagrado é possível ter uma perceção total de todo o espaço interior da igreja e do modo como os vários polos litúrgicos que o compõem se organizam e relacionam. Apenas não é visível uma pequena parte do presbitério, junto à parede de fundo, onde se encontra a passagem que comunica com a sacristia. Esta ligação só pode ser ‘descoberta’ avançando no espaço da nave.

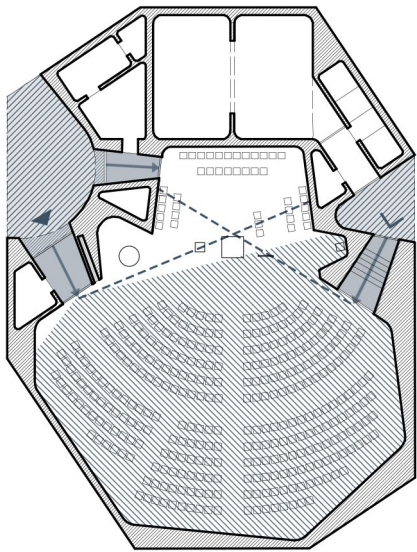
Através da posição onde é feita a entrada, é estabelecida uma conexão visual imediata com todos os objetos litúrgicos. Contudo, não existe uma relação axial com o altar, sendo necessário avançar até meio da nave de modo a nos posicionarmos de frente para este, o que promove a circulação interior na procura dessa relação simbólica.

<sup>48</sup> *Agnus Dei* é uma expressão em latim que significa Cordeiro de Deus, o que simboliza Jesus Cristo, anunciado por São João como o salvador no seu evangelho: “Eis o cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do Mundo” (João 1:29).

<sup>49</sup> Por sua vez, o manto vermelho de São João simboliza a morte do santo, preso e degolado a mando de Herodes Antipas.

<sup>50</sup> Marques, J. (2005). *Na casa do meu pai há muitas moradas: reflexões em torno da organização do espaço litúrgico*. Prova Final. Porto. Faup. pág.78.

65.



- ▲ Entrada Principal
- △ Entrada Secundária
- ▨ Espaço Coberto
- ▬ Porta
- ▬ Antecâmara
- ▬ Visibilidade da Entrada
- Percurso de Entrada
- - Relação com o Altar

1:500



65. análise entradas: planta.  
Elaborado pelo autor.

## Entrada Secundária

A composição da entrada secundária segue o mesmo desenho formal da entrada principal. Contudo, possui uma expressão e tratamento diferentes, refletindo o seu uso mais restrito.

A subtração que cria o espaço coberto é feita através de duas faces retas que estreitam em direção ao interior, ao invés de uma face curva e contínua. Quanto à posição da abertura, esta encontra-se 'adossada' à aresta de união de duas das faces do 'prisma', não possuindo por isso a dramatização e dinamismo que caracterizam a solução explorada na entrada principal.

Existem do mesmo modo duas portas, sendo neste caso invertidas as proporções: A porta que dá acesso à igreja é a de menor largura, enquanto a mais larga dá acesso às capelas mortuárias. Observa-se uma outra diferença na sua colocação, uma vez que as portas não se encontram recuadas em relação à parede exterior.

Ao entrar na antecâmara que leva ao espaço da nave ocorre uma situação inversa à da entrada oposta, uma vez que o afunilamento possui um sentido crescente. Na antecâmara é colocada uma escada que desce até alcançar a cota da nave, situada cerca de 1,20 metro abaixo.

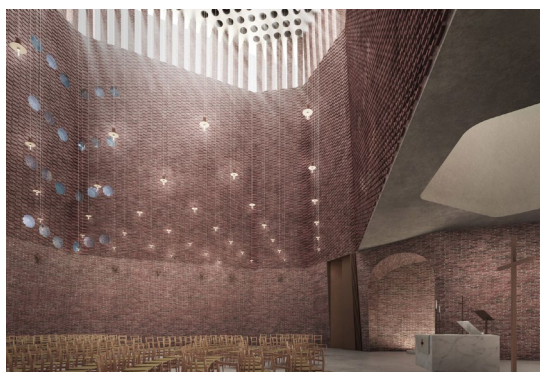
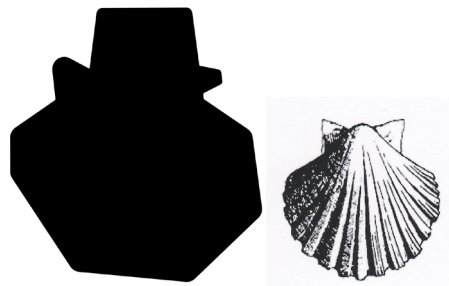
Através deste traçado pretende-se demarcar a diferença entre as duas entradas, apesar de o vão de transposição para a assembleia possuir a mesma largura.

A relação com o espaço sagrado e a sua organização a partir deste ponto é praticamente semelhante à descrita no acesso principal. Contudo, as portas encontram-se desfasadas com o corredor que organiza a assembleia e o espaço de intervalo que as separa das primeiras cadeiras é também mais curto.

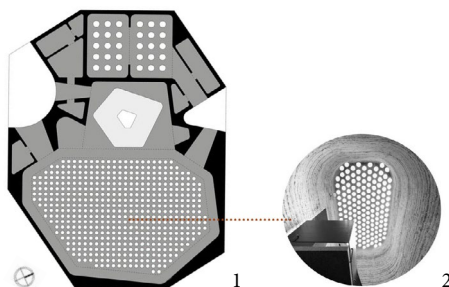
A relação com o altar, o ambão e a cruz permanece inalterada, verificando-se a mesma posição diagonal. A partir desta entrada é no entanto impossível ver o sacrário, devido à posição do espaço onde está colocado. Já a pia batismal, por se encontrar no lado oposto da nave, perde a afinidade simbólica referente ao ato de entrar.

Finalmente, mantém-se igualmente a impossibilidade de vislumbrar toda a área do presbitério, passando no entanto a ser possível ver o vão que estabelece a comunicação com a sacristia.

66.



67. 68.



66. forma do espaço interior da igreja - o espaço possui uma figura semelhante a uma vieira, símbolo das peregrinações a Santiago;

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

Bendiciones al peregrino en diversas lenguas extranjeras. <https://bit.ly/2LMXzvg>.

67. vista do interior a partir da assembleia;

68. planta de tetos: 1- planta; 2- casa *Lehmhaus Rauch*, *Boltshauser Architekten*, Áustria.

Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

## Assembleia e Presbitério

De maneira a poderem funcionar em separado e de modo independente, a assembleia e o presbitério ocupam duas áreas claramente distintas. Numa leitura conjunta em planta, pode-se dizer que estabelecem um traçado semelhante à forma de uma vieira.

Quando o espaço litúrgico se encontra totalmente aberto, promove-se uma leitura de espaços justapostos, com caracteres diferenciados, mas que expressam a hierarquia e complementaridade do seu uso. Fruto da utilização individual como capela de adoração, o presbitério possui uma área proporcionalmente grande em relação à assembleia, o que aliado a uma grande frente origina uma assembleia de carácter marcadamente horizontal.

## Assembleia

A forma e organização do espaço da assembleia segue a orientação das paredes exteriores do volume e o traçado imposto pela colocação das entradas, formando um octógono irregular, de leitura transversal. Esta forma octogonal promove através dos ângulos que as paredes formam entre si o direcionamento do olhar para o presbitério.

A leitura estabelecida pelo espaço da assembleia é influenciada pela sua altura, próxima dos vinte metros, que lhe confere um forte sentido vertical. Este é reforçado pelas próprias paredes, que possuem uma inclinação para dentro, promovendo um reforço da perspetiva em direção ao topo.

O tratamento das paredes laterais assume uma estratificação em três níveis, que contribui para uma maior riqueza e plasticidade da nave. Até à altura correspondente ao presbitério e às portas de entrada a colocação do tijolo forma um paramento regular e linear. A partir deste nível, os tijolos são colocados em dois planos, de forma saliente em relação uns aos outros e formando uma superfície 'vibrante'. O terceiro nível corresponde ao clerestório, desenhado pelos rasgos verticais que permitem a entrada de uma luz controlada e difusa. A sua incidência nos diferentes níveis das paredes laterais, especialmente na faixa intermédia onde os tijolos não se encontram alinhados, acentua o efeito cénico do contraste entre luz e sombra.

O pavimento, contínuo, possui por sua vez uma ligeira inclinação descendente no sentido do altar. Esta pendente muito suave 'corrige a perspetiva' e reforça inconscientemente o foco no ponto central do espaço litúrgico.

O teto, de cor branca, contrasta fortemente com a expressão transmitida pelo tijolo usado nas paredes. Isto permite que o teto se 'descole', adquirindo uma maior leveza e separando-se dos restantes planos. A cobertura na área da assembleia é rasgada por perfurações circulares que, trabalhando em conjunto com os rasgos verticais por onde entra a luz natural, criam um efeito diáfano de presença de luz em miríades e reforçam o jogo de textura e sombra no espaço da nave. Estes óculos permitem ao mesmo tempo responder a questões relacionadas com o conforto acústico, à colocação de elementos técnicos necessários e respondem às solicitações inerentes a um vão de tão grande dimensão.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> No desenho do teto existiu uma assumida inspiração na casa Lehmhaus Rauch, construída em 2008 pelo atelier *Boltshauser Architekten*, na Áustria – sugerido pelos arquitetos através de uma imagem. <http://www.promontorio.net>.





## Organização da Assembleia

A assembleia é disposta de modo semicircular. Aliada a uma organização marcadamente transversal, resultante da grande largura da nave, esta opção de projeto promove a ideia de rodear o altar. Isto reforça o sentido de aproximação e a consciencialização da assembleia enquanto elemento uno – uma comunidade de fiéis iguais, ao mesmo tempo que provoca um notório efeito centrípeto que gravita em torno do altar.

Permitindo uma ocupação máxima de 350 pessoas, os lugares são distribuídos por cadeiras individuais, desenhadas com grande simplicidade. Não possuem um plano fechado no apoio das costas, reforçando um carácter linear que fomenta uma rápida reorganização ou recolha com vista ao uso do espaço com outro propósito.

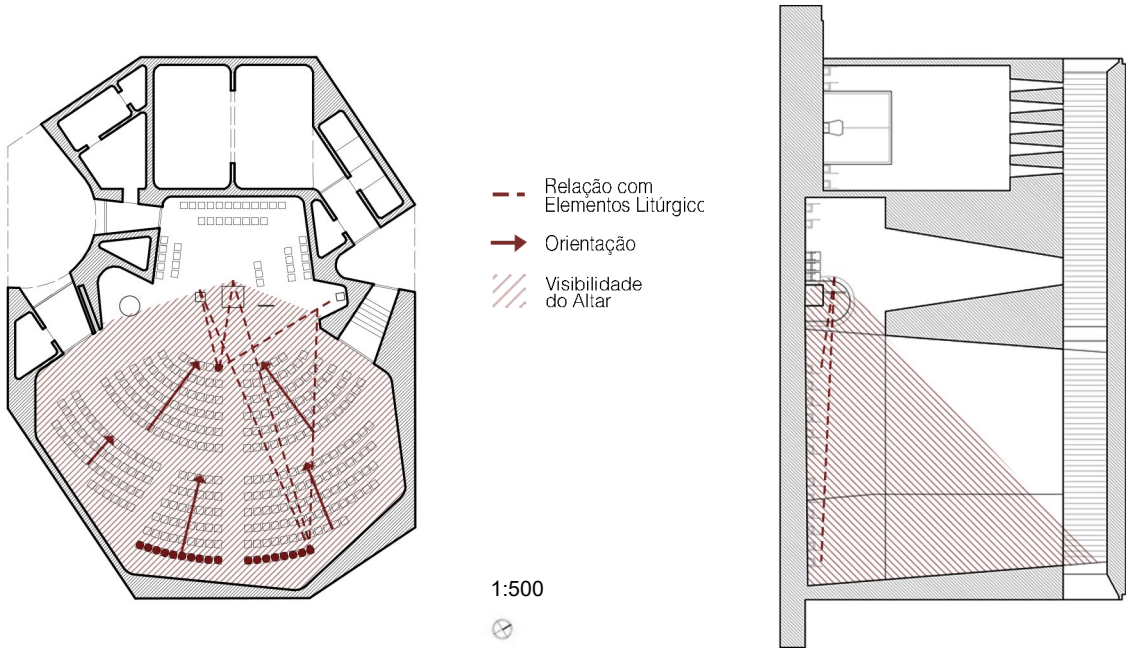
Fruto da organização radial, o número de cadeiras em cada fila é forçosamente diferente. O corredor principal, orientado transversalmente, divide a assembleia em duas metades, ao passo que um segundo corredor a eixo com o altar, longitudinal e mais estreito, faz uma nova divisão da assembleia em dois lados. Dada a grande largura da nave, é ainda desenhado um terceiro corredor que secciona a parte posterior da assembleia em duas pequenas frações no lado esquerdo.

Dado o recuo dos objetos litúrgicos em relação à linha de fronteira do presbitério, a distância que separa a primeira fila de lugares da assembleia do altar adquire uma dimensão considerável, permitindo que o altar e o presidente da celebração possam ser vistos adequadamente por todos os fiéis.

Desde qualquer posição da assembleia é possível ver a pia batismal. De maneira semelhante, o sacrário apenas não é visível para uma pequena parte dos fiéis sentados do lado da epístola, sendo no entanto possível assistir a toda a procissão elaborada pelo celebrante, o que revela uma vez mais o entendimento do espaço da igreja como contínuo e permeável, sem barreiras ou separações que encerrem os polos litúrgicos.

Não existe um lugar específico destinado à colocação do coro que acompanha as cerimónias dominicais. Deste modo, este pode localizar-se preferencialmente nas primeiras filas da assembleia.

69.



69. análise assembleia e presbitério: planta e corte longitudinal.  
Elaborado pelo autor.

## Presbitério

Comunicando com o lado maior da nave, o presbitério separa-se desta de modo a traçar um espaço quase quadrangular, simbolicamente situado no centro do edifício – o “coração da igreja”.<sup>52</sup> Ao contrário da assembleia, composta por um volume uno que sobe até à cobertura, o presbitério é desenhado por um volume composto mais complexo.

Até uma altura de cinco metros, onde se situa a parede que o divide da assembleia, possui uma forma próxima de um cubo. As paredes laterais são no seu plano horizontal ligeiramente oblíquas de modo a afunilar em direção à parede de fundo. Este desenho subtil e intencional promove um aceleração da perspetiva que se alia à própria direção das paredes da assembleia.

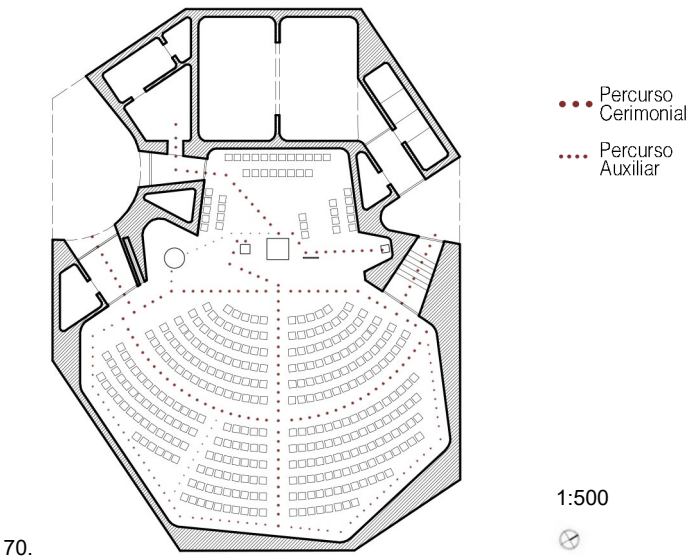
Sobre este nível abre-se uma enorme ‘chaminé’ de luz com a forma de uma pirâmide pentagonal truncada, com a intenção de captar luz e conduzi-la até ao presbitério de forma a destacar a posição do altar. Um dos seus lados é paralelo à linha de fronteira com a assembleia, aproximando-se desta a fim de promover uma leitura enquanto continuação do presbitério e não como um simples elemento apostro que possibilita a entrada de luz zenital neste espaço.

No topo existe uma nova área pentagonal, com a altura dos rasgos verticais. Devido ao desenho da pirâmide de luz, não é possível ver a projeção desta área em planta, o que promove uma leitura do plano da cobertura como uma superfície flutuante, banhada por luz.

O pavimento do presbitério em mármore estende-se a toda a igreja, o que reforça a leitura e relação formal de um espaço sagrado, uno e contínuo. A sua tonalidade clara, que reflete a luz que entra pelo clerestório, cria igualmente uma relação com o teto, tanto da assembleia como do presbitério.

Por fim, a parede de fundo, lisa, não possui qualquer motivo que perturbe ou distancie o foco que se pretende no altar. Nesta análise é preciso atender também que na eventualidade de um uso individual deste espaço como capela da adoração, esta parede deixa de ser a parede de fundo, pelo que é necessário que o seu tratamento não a destaque das restantes paredes do presbitério. Junto ao seu lado esquerdo, afastado da assembleia, é colocado o acesso à sacristia. A sua posição promove um breve momento de ‘procissão’ dos presbíteros até ao altar.

<sup>52</sup> <http://www.promontorio.net>. Tradução feita pelo autor.



70. análise percursos: planta.  
Elaborado pelo autor.

## Percursos

Face à posição lateral que as entradas ocupam em relação ao espaço interior, a relação entre os percursos exterior e interior não assenta num eixo axial mas sim num trajeto curvo. A localização das entradas promove igualmente uma relação diferente entre a entrada e o altar, que não possui a força simbólica de uma relação axial.

Do sistema de percursos que formam a circulação dentro do espaço litúrgico, a passagem que adquire uma expressão mais vincada é o percurso curvo transversal que atravessa a nave de um lado ao outro, fazendo a distribuição para os vários setores da assembleia e conectando as duas entradas opostas. Já o percurso mais curto entre a entrada e o altar, lateral à assembleia, ao não atravessar os lugares onde estão sentados os fiéis, não permite a existência de um sentido processional em celebrações como o matrimónio. Se os movimentos realizados nas diversas cerimónias seguirem, ao invés, o corredor que liga os dois lados da nave, podem readquirir a solenidade e simbolismo que lhes é necessário. Contudo, será forçosa uma inflexão a meio da nave, de modo a colocarem-se de frente para o presbitério e para o corredor axial a este.

O corredor a eixo do altar, ao não ser o percurso principal que estrutura as circulações interiores, perde muita da sua importância simbólica, o que se reflete desde logo no facto de possuir uma menor largura do que o percurso transversal entre os dois lados da nave. Este corredor é usado pelos fiéis sobretudo na deslocação até à zona de fronteira com o presbitério para o momento da comunhão.

A grande frente do presbitério provoca a necessidade de existência de vários corredores que dividam a largura da assembleia, atribuindo uma maior complexidade às circulações interiores. Dada a forma irregular da nave existe também um maior número de circulações junto às paredes laterais, em redor da assembleia.



71.

71. vista interior a partir do presbitério.  
Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>

## Elementos Litúrgicos

O altar e o ambão encontram-se dispostos de forma paralela entre si, muito próximos, ocupando uma posição no centro do presbitério. Devido à possibilidade de encerrar este espaço, os dois são forçados a recuar em relação à linha de fronteira com a nave, permitindo contudo que sejam colocados sob a enorme pirâmide de luz.

A cruz, geralmente colocada numa posição mais resguardada, avança para se colocar à direita do altar, no lado da epístola, protagonizando uma leitura conjunta com o altar e o ambão, pelo que assume uma posição de maior destaque ao estar tão próxima dos lugares da assembleia.

Atendendo ainda à relação entre si, é de notar que os três elementos encontram-se dispostos praticamente ao longo do mesmo plano, que pode ser estendido até ao sacrário e à pia batismal. Esta disposição facilita os percursos litúrgicos levados a cabo durante as cerimónias, sem que com isso seja fragilizada a leitura individual das suas posições.

Junto ao altar e à cruz, está situada a cadeira da presidência, cuja posição segue a direção da parede lateral do presbitério, colocando-se de lado em relação aos lugares da assembleia. Ao longo de ambas as paredes laterais do presbitério, são ainda dispostas duas filas de cadeiras.

A organização destes elementos pode contudo ser alterada, colocando duas filas adicionais de cadeiras junto à parede de fundo. Os lugares do presbitério e da capela da adoração, antes destinados aos acólitos, poderão ser usados pela assembleia ou para situar o coro. Do mesmo modo a cadeira da presidência pode ser colocada numa diferente posição, de maneira a melhor relacionar-se com a assembleia.

O altar é uma grande peça maciça, elaborada segundo um entendimento de ara sacrificial. Com uma figura quadrangular, acarreta uma carga simbólica associada à própria ideia de centro desempenhada pelo altar.<sup>53</sup> Tal como o pavimento que cobre toda a igreja, é executado em mármore, o que reforça a sua ligação ao solo. No entanto, não se encontra pousado diretamente, sendo suportado por uma base que o coloca em balanço e lhe atribui um maior sentido de leveza.

Por sua vez, o ambão é um objeto móvel, cujo desenho se afasta da expressão usada no altar. Em madeira, resume-se a um perfil vertical e ao plano onde é colocada a sagrada escritura, resultando numa peça esbelta e leve. Caso o presbitério seja encerrado, o ambão pode ser facilmente rodado de modo a orientar-se para a pequena assembleia que assim se localiza no lado oposto e a celebração é feita do lado contrário do altar, permitindo ao celebrante colocar-se de frente para a comunidade.

---

<sup>53</sup> Pela medida igual dos seus lados, o quadrado possui um grande simbolismo, associado à estabilidade e perfeição geométrica, podendo aludir igualmente aos quatro evangelistas.





72. 73.



74. 75.



76. 77.



78. 79.



72. igreja de *Santa Anna* (1951), Düren - arq. Rudolf Schwarz; <https://bit.ly/2Lc6qJ9>.  
 73. igreja de *Härlanda* (1958), Gothenburg - arq. Peter Celsing; <https://bit.ly/2wZC2Pp>.  
 74. igreja de *Saint Mark*, Estocolmo (1960) - arq. Sigurd Lewerentz; <https://bit.ly/2KxBxxD>.  
 75. igreja de *Saint Peter*, Klippan (1963) - arq. Sigurd Lewerentz. <https://bit.ly/2Kvfs2T>.  
 76. igreja da abadia de *Sainte Benedictusberg* (1967) - arq. Hans Van der Laan; <https://bit.ly/2L9XmEP>.  
 77. capela de *Saint Benedict*, Sumvitg (1988) - arq. Peter Zumthor; <https://bit.ly/2lx9a1V>.  
 78. igreja de *Seriate* (2004), Paderno - arq. Mario Botta; <https://bit.ly/2y9s4v4>.  
 79. igreja de *Nossa Senhora de Fátima*, Aveiro (1967) - arq. Luiz Cunha. <https://bit.ly/2HMPcdJ>.



## Temas, Problemas e Relações

A análise do projeto da igreja de *São João Baptista* permite observar diferentes temas e problemas da conceção do edifício religioso, dos quais alguns permitem uma reflexão e debate mais alargado. Do mesmo modo, é possível reconhecer no projeto várias referências a espaços religiosos de diferentes períodos da história da arquitetura, que por sua vez permitem estender a discussão dos temas abordados neste ponto a um cenário mais alargado.

Os arquitetos modernos Peter Celsing, Rudolf Schwarz, Sigurd Lewerentz, Fernando Távora e Hans Van der Laan são enunciados pelo atelier *Promontório* enquanto referências para a conceção do projeto.<sup>54</sup> Os restantes arquitetos e obras que serão enunciados foram convocados pela pertinência da sua relação e comparação com a igreja de *São João Baptista*.

## Materialidade

Para além das alusões já referidas a respeito da arquitetura românica portuguesa, a dimensão construtiva e material da igreja de *São João Baptista*, onde o tijolo é forte marca identitária, possui uma relação com várias obras dos arquitetos mencionados.

Rudolf Schwarz<sup>55</sup> concebeu diversas igrejas, tendo em algumas delas feito uso do tijolo, como são exemplo as igrejas de *St. Andreas* (1954-57), em Essen, e *St. Theresia* (1959-62), em Linz. Contudo, é na igreja de *St. Anna* (1951), em Düren, edificada em pedra e não em tijolo, que encontramos uma expressão tectónica e material mais próxima do projeto de Coimbra. Nesta igreja é possível observar um forte caráter de solidez, especialmente notório nas fachadas norte e nascente devido à ausência de vãos de maior dimensão. Esta expressão maciça do conjunto é reforçada pela cobertura plana, que perde relevância face às altas paredes laterais. O uso de silhares com diferente tamanho e tonalidade contribui ainda para uma expressão plástica de enorme riqueza, marcada por uma gama cromática variada.

A sensação de robustez dos volumes é igualmente característica das igrejas concebidas por Peter Celsing,<sup>56</sup> como é exemplo a igreja de *Härlanda* (1958), em Goteborg, caracterizadas por fachadas com uma geometria simples, aliadas à colocação estratégica dos poucos vãos.

Por sua vez, a obra de Sigurd Lewerentz,<sup>57</sup> nomeadamente as igrejas de *Saint Mark* (1960), em Estocolmo e de *Saint Peter* (1963), em Klippan, permite observar uma experimentação das propriedades do tijolo e das possibilidades plásticas e espaciais decorrentes do seu tratamento e modo de colocação com o intuito de que este adquirisse diferentes expressões e leituras.

Através de diversos 'ensaios' construtivos, referentes à posição e colocação do tijolo, é possível presenciar nestas duas igrejas a criação de planos divididos em estratos, diferenciados através de uma distinta colocação dos tijolos, que poderão ter constituído uma influência no desenho dos vários planos verticais da igreja de São João Baptista, especialmente no seu interior.

Na obra de Hans Van der Laan,<sup>58</sup> da qual se destaca a igreja da abadia de *Sainte Benedictus-berg* (1956-68), em Vaals, Holanda, está igualmente patente uma forte sensibilidade a respeito da dimensão material e plástica do tijolo, assumindo as próprias irregularidades decorrentes do processo construtivo do edifício. Deste modo, e apesar de as paredes e pilares de tijolo terem sido rebocados, continua a ser notória a colocação individual de cada tijolo e a irregularidade

<sup>54</sup> Consultar memória descritiva, ver página 47.

<sup>55</sup> Já mencionado a propósito do motivo da árvore da vida, desenhado na igreja de *St. Anna* (1951), em Düren, ver pág. 55.

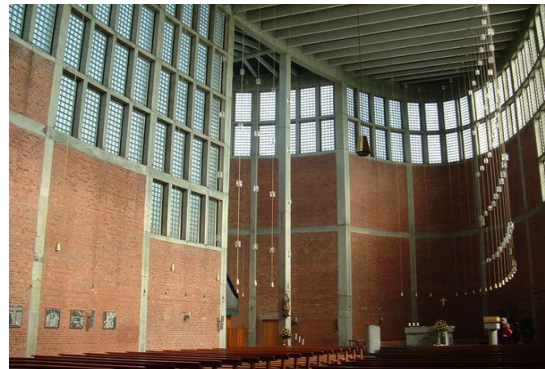
<sup>56</sup> Arquiteto sueco, 1920 - 1974. Ao longo da sua vida projetou seis igrejas. Trabalhou no início da sua carreira como assistente de Sigurd Lewerentz. Mais tarde, dada a vasta experiência que adquiriu na edificação de edifícios religiosos, auxiliou-o inclusive na conceção da igreja de *Saint Mark*.

<sup>57</sup> Arquiteto sueco, 1885 – 1975. Na segunda década do século XX, associou-se com Gunnar Asplund, arquiteto igualmente sueco, com o qual concebeu a proposta vencedora para o cemitério de *Woodland*, em Estocolmo, de cuja obra se viria a afastar. Já nas últimas décadas da sua vida, após um longo período afastado da profissão de arquiteto, projetou e construiu os únicos edifícios religiosos que fazem parte da sua obra arquitetónica, a igreja de *Saint Mark* (1960), em Estocolmo, e a igreja de *Saint Peter* (1963), em Klippan.

<sup>58</sup> Monge beneditino e arquiteto holandês, 1904 – 1991. Concebeu um pequeno número de projetos, quase na sua totalidade edifícios religiosos. É igualmente reconhecido pelos seus ensaios teóricos.



80. 81.



82. 83.



80. igreja de *St. Michael* (1954), Frankfurt - arq. Rudolf Schwarz;  
*Wolfgang Pehnt. Eine Frage der Haltung.* <https://bit.ly/2LPPzv4>.  
81. igreja de *St. Theresia* (1962), Linz - arq. Rudolf Schwarz;  
*Hidden Architecture. St. Theresia Church.* <https://bit.ly/2laPA1l>.  
82. igreja da abadia de *Sainte Benedictusberg* (1967), Vaals - arq. Hans Van der Laan;  
*Ecstasies of Logic: Reflections on van der Laan's Abbey at Vaals.* <https://bit.ly/2L9XmEP>.  
83. capela de *Saint Benedict* (1988), Sumvitg - arq. Peter Zumthor.  
*Gili Merin. Saint Benedict Chapel.* <https://bit.ly/2lx9a1V>.

deste processo, o que influencia a vivência do espaço ao remeter constantemente para uma expressão material que alude à própria edificação do lugar.

É ainda interessante notar uma similitude na composição e expressão exterior da igreja de *São João Baptista* com a capela de *Saint Benedict* (1988), de Peter Zumthor.<sup>59</sup> Este pequeno projeto, situado nas montanhas suíças, apesar de ser revestido na envolvente exterior por pequenas 'escamas' de madeira que se sobrepõem verticalmente, adquiriu ao longo do tempo uma patine composta por várias tonalidades que conferem uma densidade expressiva equivalente ao aparelho de tijolo usado na igreja de Coimbra.

Por fim, é possível estabelecer um paralelo com a obra arquitetónica de Mario Botta.<sup>60</sup> Em vários projetos deste arquiteto suíço, que não apenas os de uso religioso, é patente a importância do tijolo na linguagem arquitetónica. Em vários dos edifícios religiosos que concebeu, de escala e programa significativamente diferentes - como são exemplo a capela de *Santa Maria degli Angeli* (1990/96), em Ticino; a igreja de *Santo Volto* (2001-06), em Turim; ou a catedral de *la Ressaurrection* (1995), em Evry - é possível observar como este material adquire diferentes expressões, não só consoante o desenho da própria superfície, como o seu modo de aplicação e conjugação, tamanho ou tonalidade.

Já em Portugal, poder-se-á destacar a igreja de *Nossa Senhora de Fátima* (1967), em Aveiro, do arquiteto Luiz Cunha,<sup>61</sup> uma obra de especial importância no panorama da renovação da arte religiosa estabelecida na segunda metade do século XX, na qual o tijolo possui igualmente uma função autoportante.

## Clerestório

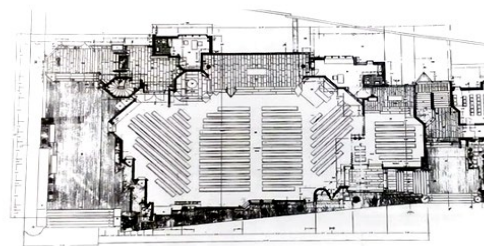
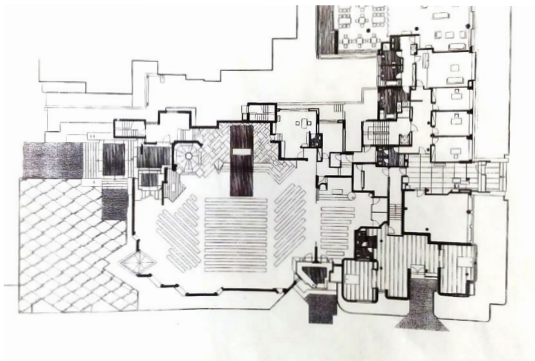
O desenho do clerestório como forma de iluminação do espaço religioso continua a fazer parte do discurso arquitetónico de várias obras modernas e contemporâneas. Ultrapassando o seu desenho original, caracterizado pela elevação do plano da parede acima dos telhados adjacentes, é hoje usado de modo a permitir a iluminação do espaço litúrgico sem que seja rompido o encerramento em relação à esfera exterior, dotando-o de uma luz diáfana e estabelecendo uma ligação simbólica com uma forte imagem recorrente ao longo dos vários séculos da arquitetura religiosa.

Nas igrejas de *St. Michael*, em Frankfurt (1954), e de *St. Theresia*, em Linz (1959-62), de Rudolf Schwarz, é possível assinalar a sua presença, assim como na *Sainte Benedictusberg*, de Hans Van der Laan. Contudo, nestes exemplos a relação com o projeto da igreja de Coimbra diz respeito apenas à posição dos vãos, uma vez que na igreja portuguesa o clerestório assume uma expressão vertical de frestas. É ao observar a capela de *Saint Benedict* (1988), de Peter Zumthor, igualmente já referida, que podemos constatar uma solução muito mais próxima do desenho das entradas de luz na igreja de Coimbra. Do mesmo modo, na capela suíça os rasgos verticais assumem uma leitura de frestas, permitindo a entrada de uma luz controlada que causa um efeito dramático e de maior contraste entre luz e sombra ao incidir sobre a materialidade das paredes interiores.

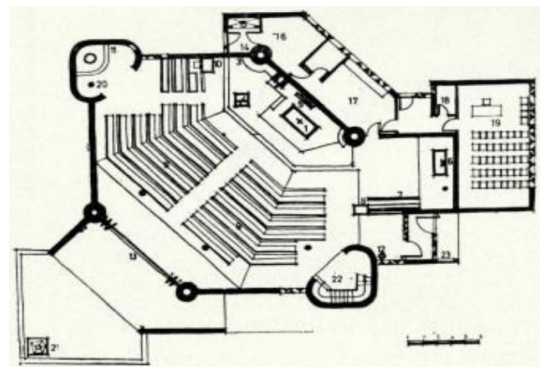
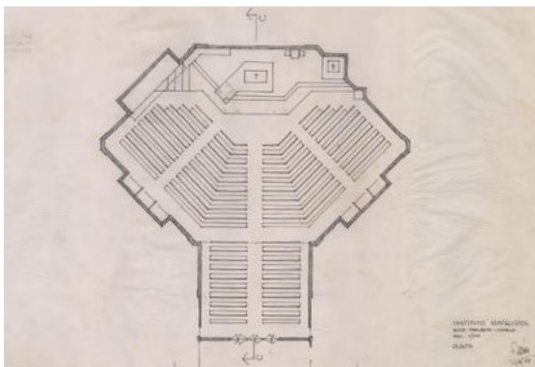
<sup>59</sup> Arquiteto suíço, 1943. Concebeu igualmente a *Bruder Klaus Kapelle* (2007), em Mechernich-Wachendorf, na Alemanha.

<sup>60</sup> Já mencionado a propósito do desenho da entrada principal, ver pág. 57.

<sup>61</sup> Arquiteto português, 1933. Estudante da ESBAP (Escola Superior de Belas Artes do Porto). Ao longo da sua carreira profissional, concebeu um vasto conjunto de edifícios, muitos deles religiosos, podendo ser destacadas: a igreja de Nevogilde (1967), Porto; a igreja do Carvalhido (1969), Porto; a igreja de *Santa Joana Princesa* (1976), em Aveiro; a igreja de Ponta Delgada (1980), Açores; a igreja de Pindelo (1980), Oliveira de Azeméis e a igreja *do Cristo Rei* (1982), Portela de Sacavém.



84. 85.



86. 87.

84. igreja de *Nossa Senhora da Boavista* (1981), Porto - arq. Agostinho Ricca;  
 85. santuário de *Santo António* (1990), Vale de Cambra - arq. Agostinho Ricca;  
 Ricca, A; Rodrigues, A. (2001). *Agostinho Ricca : projectos e obras de 1948 a 1995*. Ordem dos Arquitectos. Porto.  
 86. anteprojecto para a capela do *Instituto Nuno Álvares* (1964), Santo Tirso - arq. Fernando Távora;  
 Fundação Marques da Silva. *Ante-Projecto Capela e Pavilhão Instituto Nuno Álvares*. <https://bit.ly/2HLOVN5>.  
 87. igreja de *Nossa Senhora de Fátima*, Aveiro (1967) - arq. Luiz Cunha.  
 Paróquia de Aveiro. Igreja de Nossa Senhora de Fátima. <https://bit.ly/2HMPcdJ>.

## Percurso de Entrada

O percurso de entrada na igreja de *São João Baptista* e a relação desta com o altar é um problema que surge em consequência da posição lateral da entrada. Esta opção foi adotada em várias igrejas pós-conciliares, que ao fazer uso de plantas de carácter marcadamente transversal, prescindem da colocação da entrada a eixo do altar.

Em Portugal é possível observar uma solução semelhante na igreja de *Nossa Senhora da Boa-vista* (1981), no Porto, e no santuário de *Santo António* (1990), em Vale de Cambra, concebidos pelo arquiteto português Agostinho Ricca.<sup>62</sup> À semelhança da igreja de São João Baptista, é estabelecido em ambas um percurso que principia no adro e cuja direção se vai alterando em função da posição do espaço coberto que antecede a entrada, depois da direção da antecâmara, e que ao transpor o limiar de entrada da nave se altera novamente em prol da organização do espaço litúrgico, fomentando a circulação interior na procura de uma relação axial com o altar.

Recuando um pouco na história da arquitetura religiosa, é ainda possível estabelecer similitudes entre o percurso de entrada na igreja com o mesmo percurso e a espacialidade nas igrejas do período moçárabe, compreendido entre os séculos VIII e XI. Na arquitetura destas obras a entrada não se colocava axialmente em relação à cabeceira da igreja, mas sim numa das faces laterais, normalmente do lado sul. Ao entrar-se, era fomentada uma perceção do espaço caracterizada por um certo 'mistério', que promovia um percurso ondulante na descoberta da sua totalidade.

Apesar deste paralelo, todo o espaço interior da igreja de Coimbra nos é revelado no momento de transposição da entrada, adequando o carácter 'misterioso' e de descoberta gradual do espaço.

## Forma e Organização do Espaço Litúrgico

No que diz respeito à forma e organização do espaço litúrgico, a igreja de *São João Baptista* afasta-se das obras observadas dos arquitetos modernos, concebidas num período anterior ao *Concílio Vaticano II* (1962-1965).

É no entanto possível estabelecer uma relação com algumas igrejas portuguesas: para além das concebidas por Agostinho Ricca, também a igreja de *Nossa Senhora de Fátima* (1967), em Aveiro, do arquiteto Luiz Cunha,<sup>63</sup> e o projeto para a capela do *Instituto Nuno Álvares* (1964), em Santo Tirso,<sup>64</sup> do arquiteto português Fernando Távora. Em ambos os exemplos, a forma poligonal confere ao espaço litúrgico uma forte transversalidade. O presbitério, caracterizado por uma grande frente, leva à adoção de uma disposição da assembleia em leque, com uma ou mais passagens a dividir os lugares em diferentes setores. Tal como observado em Coimbra, o pavimento da assembleia da igreja de Aveiro possui ainda uma pendente que converge para o presbitério, reforçando a ligação entre os dois polos.

<sup>62</sup> Arquiteto português, 1915 – 2010. Estudante da ESBAP (Escola Superior de Belas Artes do Porto), após a conclusão do curso estagiou no gabinete do arquiteto Januário Godinho. Foi membro fundador da ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos). Para além das duas igrejas referidas, concebeu ainda a igreja da *Sagrada Família* (2009), em Chaves, concluída já próximo da sua morte.

<sup>63</sup> Já mencionado a propósito da mesma igreja, aquando da discussão em torno da dimensão material, ver página 77.

<sup>64</sup> O projeto para a capela e para o pavilhão do instituto, concebido em 1964, não viria a ser executado.





Igreja da Anastasis

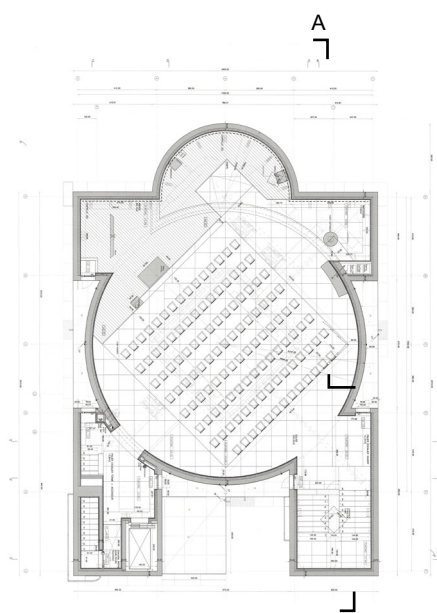
Saint-Jacques-de-La-lande, França

Álvaro Siza Vieira

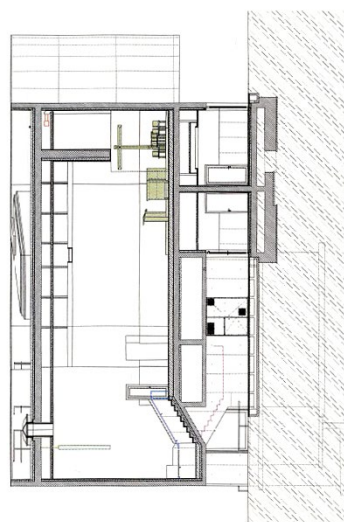
Projeto: 2009

Construção: 2016 - 2018





1:500



88. 89.

Igreja da *Anástasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.  
88. corte longitudinal A;  
89. planta do 1º piso - igreja.  
*AMC – Architecture*, nº 267. pág. 33 (2018).



*[...] tudo lá está, fiel aos primeiros desenhos: uma silhueta antropomórfica com uma abside em suspensão, como um corpo de carne e betão inserido em quatro volumes maciços, numa tensão entre horizontalidade e verticalidade. [...]*

*Apesar do seu tamanho modesto, o edifício coloca uma maior relevância na verticalidade, legível tanto no exterior como no interior. As suas paredes de betão branco, com 12 m de altura e moldadas in situ contribuem para isso, assim como o desenho perfeito da sua cofragem.*

*O posicionamento do local de adoração no piso superior e não no nível térreo também promove a progressão ascensional desde o secular até ao sagrado, dentro de um espaço pequeno e limitado. [...]*

*O programa descreve uma “casa de Deus” transformada segundo o mundo contemporâneo: o rés-de- chão fluido, quase doméstico, organiza-se em torno de um núcleo de betão estrutural que abriga um escritório e um espaço de boas-vindas. [...]*

*As circulações verticais, elevador e escada, estão alojadas nos dois volumes laterais que sobressaem na fachada principal. O acesso à igreja é feito através de uma escadaria larga, cuja altura e comprimento do passo variam, servindo o propósito do caminho que é feito. [...]*

*A planta centrada das primeiras igrejas cristãs foi preferida em relação à planta basilical. Uma reminiscência da Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém, que parece óbvia e natural à comissão diocesana. [...]*

*A assembleia é colocada na diagonal segundo um eixo descentrado a 45° para a esquerda, uma linha de força que parte da entrada principal em direção ao altar. “Essa reorientação, expressão física da renovação litúrgica, nasceu do diálogo com a Diocese de Rennes e, em particular, com o arcebispo Pierre d’Ornellas”. [...]*

*Além de um ‘poço’ vertical, a janela de grande altura colocada no volume atrás do altar e as fendas escondidas nas dobras das paredes, a principal fonte de luz natural vem de um dossel zenital ocultado por um teto suspenso. A sua forma quadrada, um símbolo da criação, encaixa-se perfeitamente na forma circular do edifício. [...]*

Excertos retirados da publicação do projeto da igreja em Saint-Jacques-de-La-Lande na revista AMC – Architecture, nº 267. (2018).



## Apresentação Crítica do Projeto

### Enquadramento

A Igreja da *Anastasis* situa-se em Saint-Jacques-de-La-Lande: uma urbanização residencial a sul da cidade de Rennes, nos arredores do centro consolidado da capital da Bretanha.

Inaugurada e consagrada no Domingo de 11 de Fevereiro de 2018, a sua edificação é simbolicamente relevante pois trata-se da primeira igreja a ser construída na Bretanha no século XXI - a primeira na diocese de Rennes desde 1970. É igualmente a primeira obra em solo francês de Álvaro Siza Vieira.<sup>65</sup>

Monsenhor Dom Pierre d'Ornellas, arcebispo da diocese de Rennes, sublinha como o desenvolvimento da cidade de Rennes foi acompanhado pela criação de novas igrejas ao longo dos anos 50, 60 e 70.

A construção do bairro de *La Morinais* em Saint-Jacques, onde se insere a igreja, começou em 1992. Neste surgiram mais de 3000 habitações e equipamentos públicos que levaram à criação de um novo município, caracterizado pela multiculturalidade da sua população.

Neste contexto, a paróquia de Saint-Jacques foi criada em 2015, apontando a necessidade de construção de uma nova igreja que a servisse.

Segundo a visão do padre da paróquia, Joseph Lecoq, a edificação da igreja em Saint-Jacques corresponde à construção de uma igreja “fora da fronteira: uma igreja nos arredores, num bairro marcado por realidades multiculturais e multirraciais”<sup>66</sup> - uma ação que responde à vontade do Papa Francisco de desenvolver uma Igreja ‘para as periferias’.

A construção do novo edifício foi parcialmente financiada pela diocese de Rennes. Uma fração dos 3 milhões de euros necessários foram garantidos através da venda dos terrenos da antiga igreja de Saint-Marc-de-Rennes. A esta verba juntaram-se diversas doações e a ajuda de alguns patronos.

O arquiteto Jean-Pierre Pranlas-Descours, enquanto autor do plano urbanístico de *La Morinais* e de alguns dos edifícios neste novo distrito, foi consultado no momento de escolher o arquiteto a quem encarregar a conceção da nova igreja. Ao apontar diversos nomes, o de Álvaro Siza interessou imediatamente os responsáveis da diocese, que conheciam o projeto da igreja em Marco de Canaveses (1996).<sup>67</sup>

Algum tempo depois de ser contactado, o arquiteto português enviou uma proposta para o projeto que agradou imediatamente à diocese, em especial pela forma cilíndrica do espaço da igreja. Apesar de Siza não a ter reconhecido como uma referência para a conceção do projeto, o seu desenho fê-los pensar em algumas igrejas erigidas no Oriente nos primeiros séculos do Cristianismo, em especial a igreja do *Santo Sepulcro*, em Jerusalém.

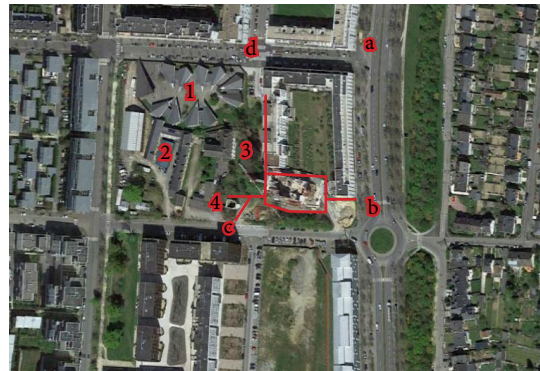
O nome dado à igreja de Saint-Jacques encontra-se no entanto relacionado com a igreja de Jerusalém, também denominada *Agia Anastasis*. *Anastasis* significa em grego ressurreição, sendo a igreja de Jerusalém assim denominada por ser o local da crucificação de Jesus Cristo e onde se encontra o túmulo do qual ressuscitou.

<sup>65</sup> Siza Vieira desenvolveu anteriormente alguns projetos em França, mas que nunca foram construídos. Na década de 1990 trabalhou no projeto da urbanização de Montreuil, nos subúrbios de Paris e alguns anos antes participara no concurso internacional para a Biblioteca Nacional de França, também em Paris, que foi ganho por Dominique Perrault. Em referência a edifícios religiosos fora de Portugal, Siza Vieira fez a renovação do centro histórico de Salemi, Sicília (1983-97), na qual foi intervencionada a principal igreja; concebeu projetos para igrejas em Roma, Itália (1998) e Zorkovac, Croácia (2009), ambos não construídos; e elaborou mais recentemente um projeto para uma capela em Gumi, Coreia do Sul, edificada em 2016.

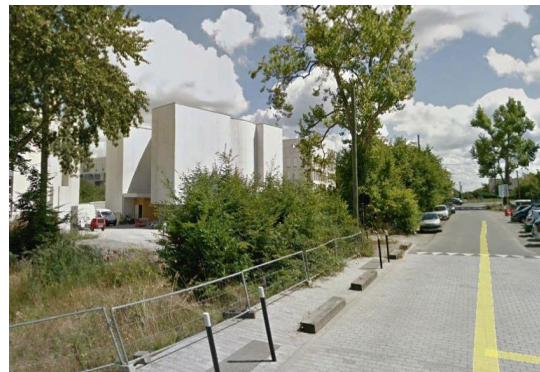
<sup>66</sup> Église catholique en Ile-et-Vilaine (2018). *La nouvelle église de St. Jacques de La Lande ete inaugurée et consacrée*, em <https://rennes.catholique.fr>.

<sup>67</sup> O arquiteto francês trabalhara já anteriormente com Siza Vieira no projeto urbano em Montreuil, para o qual tinham projetado dois edifícios residenciais.

90. 91.



92. 93.



94. 95.



90. imagem aérea da envolvente urbana;  
 91. imagem aérea do terreno de intervenção: — área de intervenção; 1. complexo da escola primária;  
 2. associação de teatro; 3. mansão do século XVII; 4. *Chapelle du Haut du Bois*.  
 92. vista do quarteirão (a);  
 93. vista do terreno de intervenção (b);  
 94. vista do terreno de intervenção (c).  
 95. vista do quarteirão (d).  
 Imagens retiradas do Google Earth.

## Sítio

O terreno de implantação localiza-se num quarteirão retangular junto à avenida que atravessa Saint-Jacques-de-La-Lande, ligando Rennes ao aeroporto que serve a capital bretã. O território envolvente possui um carácter periurbano, onde coexistem simultaneamente características urbanas e rurais.

Na metade poente do quarteirão situam-se uma associação de teatro e um conjunto de edifícios triangulares que formam um complexo pertencente à escola primária local.

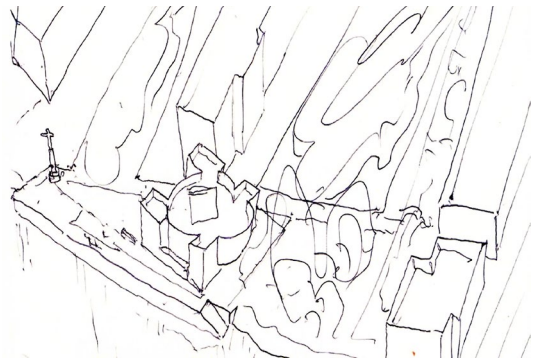
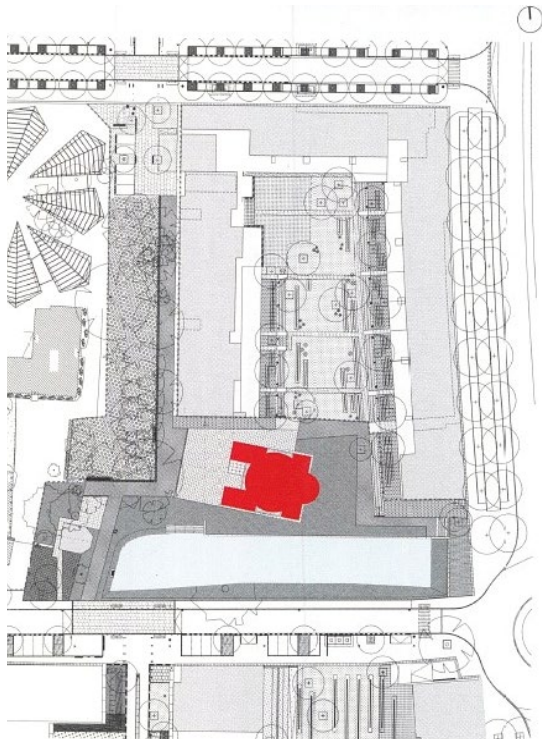
A metade nascente do quarteirão, onde se situa a igreja, é ocupada em três frentes por blocos habitacionais com cinco pisos que desenharam no seu interior um espaço público comum. Atravessando o interior do quarteirão existe um caminho pré-existente, percurso pedonal que liga o lado norte do quarteirão ao extremo sul, onde se situa uma rotunda que articula a via nodal com as ruas que se desenvolvem perpendicularmente a esta.

O lado sul desta metade do quarteirão, desocupado, é a área onde é erigida a igreja. Junto a esta existe um pequeno ribeiro, a uma cota mais baixa, que se encontra protegido em relação à rua por um conjunto de árvores frondosas.

Junto à igreja, do lado poente, localizam-se as ruínas de um pequeno edifício religioso datado do século XVIII construído em tijolo e calcário - a *Chapelle-du-Haut-du-Bois* - e uma mansão do século XVII.

O quarteirão é assim caracterizado por uma articulação entre construções com valor histórico e novas edificações de cariz contemporâneo.





97.  
96. 98.

96. planta de implantação do projeto;  
*AMC – Architecture, nº 267. pág. 30 (2018).*  
97. esboço da proposta;  
98. vista aérea do projeto: visualização digital - inserção do edifício no bairro.  
Disponibilizada pelo atelier Arquitecto António Choupina. ©Álvaro Siza Vieira.

## Estratégia

“Eu pensei - O que vou fazer aqui? - A ajuda veio do trabalho com outras pessoas, algumas das quais conheciam o lugar ... Então comecei a construir uma forma sem sequer estar ciente disso. No meu subconsciente, houve também coisas que tenho visto, pelas minhas viagens. Podemos chamar isso de imaginação! (...)” Álvaro Siza Vieira<sup>68</sup>

A primeira preocupação no desenho do projeto foi a sua integração com o tecido urbano e a relação com as edificações existentes. A dimensão da igreja, com 650 m<sup>2</sup>, adapta-se à volumetria das construções circundantes e a sua orientação e alinhamento estabelece uma relação de paralelismo com a direção da capela em ruínas, assumindo a presença e o estado desta construção e estabelecendo um vínculo com a própria memória do lugar.

A igreja afasta-se ligeiramente do ribeiro, permitindo que este seja assumido em conjunto com o edifício. É feito um muro de suporte que estabelece a relação da cota de implantação do edifício religioso com o nível do plano de água e é desenhada uma escada que permite o acesso à cota baixa.

A memória do lugar é novamente assumida pela integração e reabilitação do caminho pré-existente que atravessa o lote, permitindo assim uma aproximação ao edifício a partir de norte, sul ou nascente.<sup>69</sup> Atravessado por este caminho, é desenhado em frente da igreja um adro, resguardado em relação às ruas circundantes.

Do lado poente e desenhando o limite do adro é colocada a torre sineira.<sup>70</sup> Esta não constava do projeto original, tendo sido a sua edificação decidida já com a obra em curso. A torre é composta, por duas faces laterais, abertas no topo, que permitem ver os três sinos dispostos verticalmente.

A colocação e posição da grande cruz em metal polido foi igualmente decidida durante o decorrer da obra, conjuntamente pelo edil e pelo arcebispo.

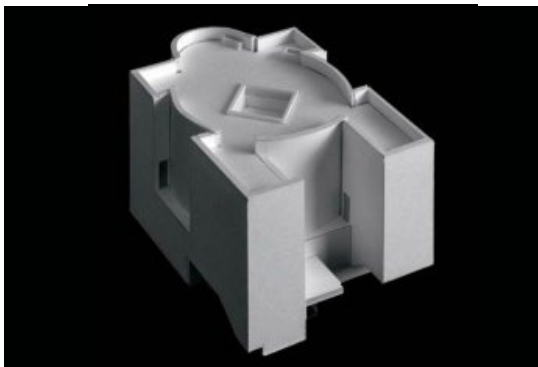
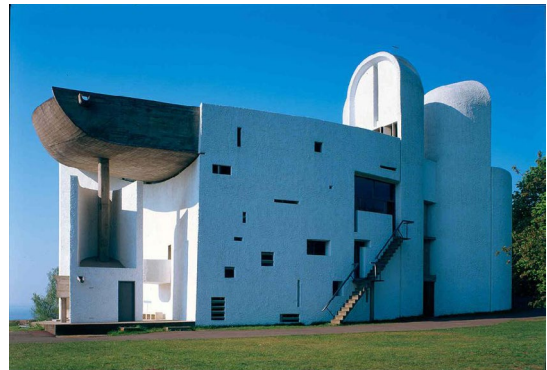
O betão branco, moldado *in situ*, reflete uma vez mais a intenção de integrar a igreja com os blocos de habitação presentes no quarteirão, revestidos no mesmo material. Contudo, através da sua posição isolada e de uma correspondência entre forma e uso, o edifício religioso distingue-se da arquitetura repetitiva das habitações.

<sup>68</sup> Église catholique en Ille-et-Vilaine (2018), *Table ronde du mystère a l'oeuvre – conversation sur l'oeuvre architecturale*. <https://rennes.catholique.fr>.

<sup>69</sup> Na igreja em Marco de Canaveses (1996), o adro, conformado pelo volumes da igreja e do centro paroquial, é igualmente desenhado sobre um caminho de atravessamento pré-existente, assumindo a memória do lugar e dos percursos efetuados pela população.

<sup>70</sup> Observando os esboços da proposta numa fase mais inicial, observa-se que a primeira intenção do arquiteto seria conformar a área do adro através da colocação da cruz e não da torre sineira.





99. vista exterior da abadia cisterciense de *La Thoronet* (século XII - XIII), Provença, França;  
*Thoronet Abbey*. <https://bit.ly/2lq7H0A>  
100. vista exterior da capela de *Notre-Dame-du-Haut* (1955), Ronchamp, França: Le Corbusier;  
*Chapelle Notre Dame du Haut, Ronchamp, France, 1950 – 1955*. <https://bit.ly/1wpF56f>  
101. maquete de estudo - vista a partir de noroeste;  
102. maquete de estudo - vista a partir de sudeste.  
*Saint-Jacques de La Lande Church*. <https://bit.ly/2KL8U0L>

## Forma e Expressão

### Exterior

O projeto é constituído por um edifício único que contém o centro paroquial e a igreja. A sua forma é composta por um cilindro de 14,75 metros de diâmetro e 12 metros de altura, pousado sobre um prisma retangular com 16 metros de lado e metade da altura, ‘contrafortados’ por quatro volumes que os flanqueiam: do lado poente dois retangulares, enquanto do lado oposto dois volumes de planta quadrangular. Voltado para nascente, é ainda justaposto um meio cilindro suspenso

Apesar de não ser perceptível ao nível do solo, quando visto do céu ou analisado em desenho, o edifício possui uma figura claramente antropomórfica.<sup>71</sup> Monsenhor d’Ornellas coloca a possibilidade de o desenho poder ser uma alusão simbólica do arquiteto à própria ressurreição.<sup>72</sup>

A relação geométrica entre os vários volumes, que possuem todos a mesma cêrcea, concede ao edifício uma expressão de objeto composto e compacto, caracterizado por uma enorme solidez. Esta é reforçada pela cobertura plana que cobre todos os volumes à mesma cota. Apesar dos 12 metros de altura das paredes exteriores, que reforçam a verticalidade do objeto, existe uma constante “tensão entre horizontalidade e verticalidade”,<sup>73</sup> atribuída pela forma e composição dos vários volumes e pela oposição entre o caráter das suas fachadas. Enquanto o alçado poente é marcado pela verticalidade dos dois volumes quadrangulares salientes, o alçado nascente possui um sentido horizontal, atribuído pelo enviaçado que cobre todo o piso térreo.<sup>74</sup>

No tratamento dos vários planos é desenhada uma série de rasgos e saliências que atribuem à forma do edifício uma maior complexidade geométrica, materializando-se num objeto com um grande caráter escultórico - uma massa sólida onde são rasgadas poucas aberturas.

A expressão do edifício é fortemente inspirada pela abadia cisterciense *Le Thoronet*,<sup>75</sup> na Provença francesa (século XII - XIII) e na austeridade que caracteriza o espírito reformista e ‘essencialista’ da arquitetura da ordem de Cister – marcada por uma quase abstração e sublimação de qualquer ornamento - da qual *Thoronet* é um dos exemplos mais depurados<sup>76</sup>. De igual modo, a igreja possui uma enorme sensibilidade em relação ao tratamento da matéria e ao poder que adquirem as aberturas que nela são feitas; tal como pode ser observado na capela *de Notre-Dame-du-Haut* em Ronchamp (1955), de Le Corbusier,<sup>77</sup> mas que é também tão próprio da expressão arquitetónica de Álvaro Siza.

O uso do edifício é interrogado pela sua composição formal e expressão, aliadas aos subtis jogos geométricos. A identificação do projeto como um local de culto é sugerida pelo meio volume cilíndrico, que cria um paralelo com a imagem de uma abside, e pelo volume independente da torre sineira. Contudo, o seu uso fica inequivocamente esclarecido pela presença da cruz.

“Olhamos para esta construção clara, de linhas simples, e não vemos logo uma igreja. (...)”<sup>78</sup>

“A obra causa grande surpresa a quem aqui passa, até por ser tão discreta.”<sup>79</sup>

<sup>71</sup> O antropomorfismo acompanha a história da arquitetura religiosa católica desde o seu início através da correspondência do corpo da igreja como o corpo de Cristo.

<sup>72</sup> Église catholique en Ille-et-Vilaine (2018). *La nouvelle église de St. Jacques de La Lande ete inaugurée et consacrée*. <https://rennes.catholique.fr>.

<sup>73</sup> Ibidem.

<sup>74</sup> Esta tensão entre verticalidade e horizontalidade foi igualmente explorada por Siza Vieira na igreja de Marco de Canaveses (1996). Nesta, a oposição entre os dois caracteres é atribuída pelo sentido vertical da igreja, por oposição ao sentido horizontal do centro paroquial, situado no lado oposto do adro.

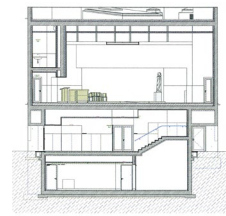
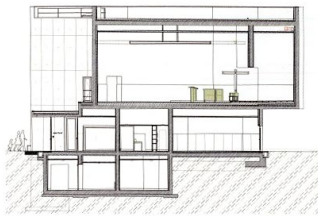
<sup>75</sup> Dreyfus, S. (2018, February 2). Diaporama – *Une église signée Álvaro Siza consacrée en Bretagne*. *La Croix*. <https://www.la-croix.com>.

<sup>76</sup> Siza visitou Le Thoronet para aí apresentar as suas obras e pensar numa instalação/intervenção a expor nesse edifício classificado entre Junho e Outubro de 2007.

<sup>77</sup> Dreyfus, S. (2018, February 2). Diaporama – *Une église signée Álvaro Siza consacrée en Bretagne*. *La Croix*. <https://www.la-croix.com>.

<sup>78</sup> P3 (2018, Fevereiro 11). Uma igreja francesa com o cunho de Siza. *Público, suplemento P3*. <http://p3.publico.pt>.

<sup>79</sup> Gaël Mauriceau, mestre-de-obras responsável pela Igreja da Anastasis. P3 (2018, Fevereiro 11). Uma igreja francesa com o cunho de Siza. *Público, suplemento P3*. <http://p3.publico.pt>.



103. 104.



105. 106.

103. corte longitudinal;  
104. corte transversal;  
AMC – Architecture, nº 267. pág. 33 (2018).  
105. vista das fachadas sul e poente;  
106. vista das fachadas norte e nascente.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>

Do lado poente, os dois volumes retangulares voltados para o pátio destacam-se em relação ao cilindro, adquirindo uma presença semelhante às torres de uma igreja ou capela. O do lado sul não se prolonga até ao chão, revelando a presença de uma escada através do recorte no volume dos seus planos inclinados. A sua presença aponta a localização neste ponto de uma comunicação com o piso superior, revelando através da forma exterior um pouco da organização e percursos interiores e da ligação do piso térreo ao primeiro piso que acolhe o espaço de culto.

Por sua vez, o volume do lado norte prolonga-se até ao solo, possuindo apenas um pequeno recorte no seu ângulo exterior. Neste é igualmente recortada uma escada, de um lanço, mas cuja presença apenas é perceptível na fachada norte.

Na fachada do lado sul, as árvores situadas na outra margem do ribeiro lançam a sua sombra sobre as paredes em betão do edifício. Estas desempenham o papel de uma enorme 'tela' onde as sombras vão mudando, seguindo o movimento do sol ao longo do dia e dos meses e acompanhando a transformação das árvores durante as diferentes estações.

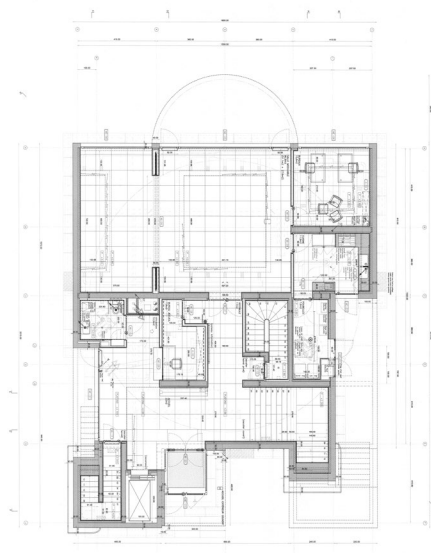
No lado norte, o edifício possui um desenho semelhante, enquadrando por sua vez a colocação de um plano envidraçado de maior dimensão.

Por fim, na fachada nascente, parte de um corpo cilíndrico suspensa volta-se para a avenida que atravessa Saint-Jacques, adquirindo a expressão de uma abside - a primeira imagem do edifício a ser vista por quem chega a partir deste percurso.<sup>80</sup> Por baixo deste volume, o nível térreo é desenhado por um plano completamente envidraçado, cuja transparência e permeabilidade visual se opõe ao cilindro em betão.

Através do tratamento das várias superfícies e da colocação estratégica de cada vão é possível a partir de uma observação exterior estabelecer uma distinção entre os dois pisos que compõem o projeto: o piso térreo caracterizado por uma maior abertura em relação ao exterior; e o piso superior caracterizado por maior encerramento e com perfurações pontuais. Esta diferenciação formal e compositiva está relacionada com a distribuição do programa: o centro paroquial, que ocupa o nível térreo, e a igreja, que se situa no nível superior.

---

<sup>80</sup> Esta parte do sítio de implantação sofrerá uma intervenção paisagística com o intuito de melhor enquadrar a igreja e o acesso a esta a partir deste extremo do lote.



1:500



107.  
108.109.

107. vista da sala polivalente do centro paroquial - o plano do teto é o negativo elevado;  
108. vista da nave da igreja - o plano do teto é o positivo rebaixado.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.  
109. planta do piso térreo - centro paroquial;  
Disponibilizado pelo atelier Arquitecto António Choupina. ©Álvaro Siza Vieira.

## Interior

Em oposição ao exterior, o interior é desenhado com uma maior fluidez, ao mesmo tempo que a organização dos diversos espaços que compõem o edifício se espelha na sua forma exterior.

Ao estarem colocados no mesmo edifício, igreja e centro paroquial promovem uma grande complementaridade funcional. Contudo, ao estarem situados em piso diferentes, permitem a autonomização do seu uso, podendo funcionar em simultâneo sem comprometerem a sua individualidade.

O edifício possui ainda um piso em cave com cerca de 100 m<sup>2</sup>, onde se localizam as áreas técnicas necessárias ao funcionamento do conjunto, e um terceiro piso, com a área do volume retangular noroeste, que alberga apenas a sacristia.

## Centro paroquial

Partilhando a mesma entrada da igreja, o centro paroquial situa-se no piso térreo. Para além de compreender algumas divisões de apoio às atividades e tarefas quotidianas da paróquia, como escritórios e cozinha, o centro paroquial possui uma grande divisão polivalente que pode ser moldada consoante diferentes necessidades - dividindo-se em dois espaços separados de diferente dimensão ou agregando a área de ambos e funcionando como um grande espaço aberto. Nesta sala, toda a parede voltada para nascente é composta pelo plano envidraçado que se encontra sob o cilindro em suspensão. Esta 'abre' a sala polivalente para o exterior, permitindo a entrada abundante de luz que é depois refletida no interior pelas paredes e teto brancos, bem como pelo lambril e o pavimento em mármore, criando uma atmosfera algo cristalina própria de algumas obras do arquiteto Álvaro Siza.

## Igreja

Ao situar-se no 1º piso, a igreja remete para a "sala superior",<sup>81</sup> presente no Evangelho segundo São Lucas.

"E digam ao dono da casa, o Mestre pergunta: Onde é o salão de hóspedes no qual poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?

Ele lhes mostrará uma ampla sala no andar superior, toda mobilada. Façam ali os preparativos." Lucas 22:12<sup>82</sup>

Contudo, a colocação do espaço sagrado no piso superior não se prendeu com uma interpretação bíblica mas com um pedido expresso da paróquia de Saint-Jacques, cliente do projeto, que pretendia que o centro paroquial se situasse no nível térreo de modo a poder relacionar-se com o espaço exterior em redor do edifício, 'abrindo' o lugar da igreja a toda a comunidade.

Uma vez dentro da igreja existe um encerramento quase total em relação ao exterior. Esta separação vincada entre os dois ambientes permite que o espaço sagrado se encerre sobre si de modo introspetivo, fomentando uma concentração absoluta dos fiéis nas cerimónias litúrgicas.

A igreja caracteriza-se por uma enorme simplicidade que expressa "uma espiritualidade representativa da humanidade".<sup>83</sup> Pela proporção do espaço e pelo tratamento e relação entre os vários polos que a compõem, a igreja possui um sentido de espaço uno, caracterizado por uma enorme fluidez.

A organização interior é estruturada pelo volume cilíndrico – que contém a assembleia e o presbitério - ao qual se aglutinam os dois volumes quadrangulares e a abside curva.

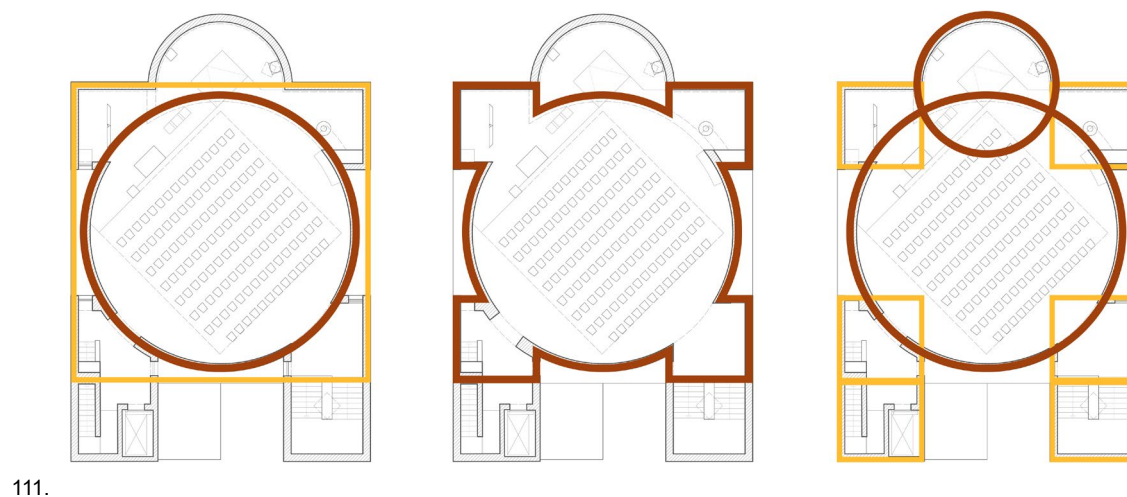
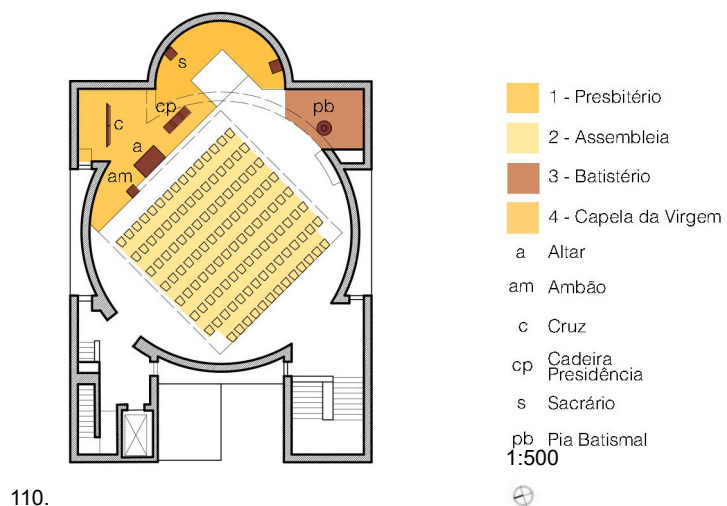
Apesar de, como já referido, não terem sido uma referência na conceção do projeto, a forma e

<sup>81</sup> Église catholique en Ille-et-Vilaine (2018). *La nouvelle eglise de St. Jacques de La Lande ete inaugurée et consacrée*. <https://rennes.catholique.fr>.

<sup>82</sup> Bíblia Sagrada.

<sup>83</sup> Église catholique en Ille-et-Vilaine (2017). *Sobriété et lumière, les atouts de la nouvelle église de St. Jacques de La-Lande*. <https://rennes.catholique.fr>.





110. análise polos litúrgicos: planta;

Elaborado pelo autor.

111. esquemas geométricos da composição do projeto:

1. inscrição do círculo (piso superior) no cilindro (piso inferior);
2. adição de quatro quadrados ao círculo - planta centrada;
3. adição de um segundo círculo (abside) e do prolongamento dos quadrados inferiores - quebra a planta centrada.

Elaborado pelo autor sobre peça desenhada disponibilizada pelo atelier Arquitecto António Choupina. ©Álvaro Siza Vieira.



o espaço circular da igreja evocam algumas antigas igrejas do Oriente erigidas nos primórdios do cristianismo, como é exemplo não só a Igreja do Santo Sepulcro mas também muitas outras.

“A forma circular da nave demonstra que estamos destinados a encontrarmo-nos, a superar as nossas diferenças.”<sup>84</sup>

Contudo, apesar da sugestão dada pela forma circular da nave e pela presença da abside, o espaço organiza-se de modo axial segundo um eixo rodado a 45º graus para a esquerda desde a chegada ao piso superior. Apesar de desenhada de modo inverso, esta separação entre forma e organização possui na sua composição formal alguma relação com a capela de *Woodland* (1918), situada no cemitério com o mesmo nome e concebida por Erik Gunnar Asplund. Nesta, a forma exterior corresponde a uma figura quadrangular, dentro da qual o espaço é por sua vez organizado de modo circular.

A assembleia e o presbitério possuem uma relação muito próxima, reforçada pela forma do cilindro que contém ambos os espaços. A marcação e diferenciação do presbitério é feita através da sua elevação e da diferença de pé-direito em relação à assembleia, que lhe permite adquirir um maior sentido vertical do que esta, bem como pelo revestimento do pavimento em régua de madeira.

Contudo, o presbitério expande-se de modo a ocupar o volume quadrangular a norte, adquirindo não só uma maior profundidade como maior individualidade e destaque em relação à assembleia. A composição deste volume e a forma como comunica com o cilindro atribuem-lhe inclusive um sentido de capela adjacente ou uma interpretação aberta de capela-mor.

O volume da nave é ainda aberto no seu lado nascente a fim de permitir a integração dos outros polos litúrgicos, materializando-se numa parede-viga que continua o desenho do cilindro.

O volume quadrangular a sul é ocupado pelo batistério. Não possuindo qualquer encerramento em relação à nave, a sua individualização é demarcada pela parede curva suspensa. Possui no teto uma faixa paralela ao cilindro que permite a entrada de luz zenital, incidindo sobre a pia batismal.

Por seu lado, a abside situada a nascente acolhe a imagem da Virgem. Esta encontra-se à mesma cota do presbitério, à qual é possível aceder através de uma rampa. A colocação desta rampa cria a sensação de a capela se dividir em duas partes - uma onde é colocada a imagem da Virgem e a outra, mais próxima do presbitério, onde está o sacrário. No teto é desenhada uma nova entrada de luz zenital, quadrangular, que incide sobre a imagem.

A demarcação da passagem do presbitério para a capela é mais uma vez estabelecida pela parede suspensa do cilindro, que permite que a capela se materialize num espaço com menor claridade, espelhando o seu uso na oração pessoal e individual.

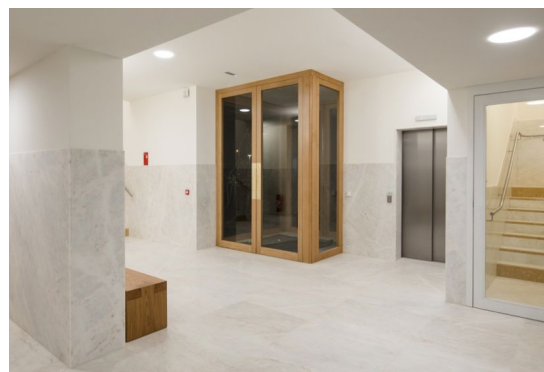
---

<sup>84</sup> Monsenhor Pierre d'Ornellas. Église catholique en Ile-et-Vilaine (2018). *La nouvelle eglise de St. Jacques de La Lande ete inaugurée et consacrée*. <https://rennes.catholique.fr>.

112. 113.



114. 115.



112. vista da fachada poente - entrada principal da igreja;  
Fernanda Castro. *Álvaro Siza's new church of Saint-Jacques de La Lande through the lens of Ana Amado*. <https://bit.ly/2jEFnJS>.
113. vista da fachada principal da igreja de Marco de Canaveses - espaço entre os volumes salientes na fachada cria uma transição em relação ao adro semelhante à igreja de Saint-Jacques-de-La-Lande;  
Agência Ecclesia. *Igreja projetada por Siza Vieira, em Marco de Canaveses, faz 20 anos*. <https://bit.ly/2HWUixD>.
114. vista do volume da entrada - o espaço sob o volume saliente sul funciona igualmente como espaço coberto;  
Fernanda Castro. *Álvaro Siza's new church of Saint-Jacques de La Lande through the lens of Ana Amado*. <https://bit.ly/2jEFnJS>.
115. vista interior do corta-vento a partir do vestíbulo.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

## Entradas

Existe um momento principal de entrada, localizado no lado poente do edifício. Este encontra-se voltado para o adro fronteiro à igreja, em estreita relação com o caminho que a circunda. O pátio, servindo a função de um adro, é o local onde os fiéis se encontram antes das celebrações e onde as crianças brincam. A posição da entrada estabelece também um diálogo com a torre sineira, destacada do edifício.

Observando a entrada principal, esta encontra-se conformada pelos dois volumes salientes que avançam na fachada criando um “U”. Estes resguardam a entrada numa solução que possui alguma semelhança com a igreja em Marco de Canaveses (1996). Na área formada entre os dois, a entrada materializa-se num volume de apenas um piso, com 3 metros de comprimento, que se une ao ‘braço’ mais a norte. A oposição à maior escala dos restantes volumes que compõem o projeto fomenta uma consciencialização do ato simbólico e solene de entrada através de uma aproximação à escala humana.

A entrada é encimada por um plano horizontal que se projeta de modo a criar uma pequena zona coberta com 2 metros de comprimento, que permite receber e proteger os fiéis no momento da abertura e transposição da porta. Acompanhando este plano existe uma distinção no pavimento em relação ao material utilizado no restante pavimento do adro.

O volume da entrada possui a função de um corta-vento, com portas de batente duplo. Todas as faces deste volume são envidraçadas.<sup>85</sup> É ainda de notar que a caixilharia dos vãos é executada em madeira, ao contrário de todas as outras superfícies envidraçadas do projeto. Isto permite um contraste da madeira com a tonalidade clara do betão aparente, demarcando uma vez mais não só a posição como a importância da entrada principal.

O cuidado da transição entre exterior e interior permite conceber uma noção clara de transposição de uma realidade e um ambiente para outro com características diferentes. O curto atravessamento do corta-vento, através do qual é possível ver o ‘dentro’ e o ‘fora’, estabelece a passagem da atmosfera e da escala da cidade, marcada pela azáfama e pelo ruído, para a calma e serenidade que caracterizam o edifício religioso.

Ultrapassando o corta-vento, acede-se a um átrio de proporções generosas. Podendo ser usado como área de encontro e de espera antes e depois de qualquer celebração ou encontro, comunica com o centro paroquial que ocupa o nível inferior e com o piso em cave onde se situam as áreas técnicas.

De modo complementar a esta entrada existe uma entrada lateral, situada na fachada norte. Mais discreta e de caráter secundário, serve como entrada do centro paroquial, podendo igualmente ser usada em situações de grande afluxo ao edifício religioso. Comunica com o átrio de forma simples e direta, sem a complexidade de desenho que caracteriza a entrada principal.

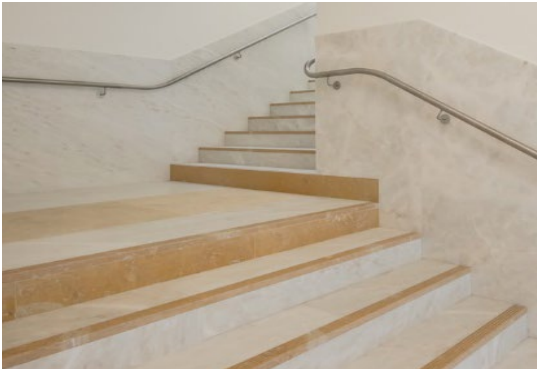
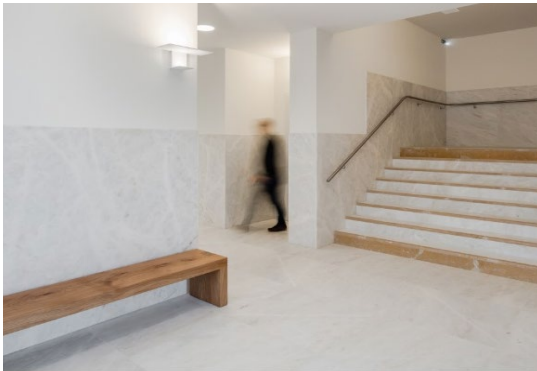
O acesso ao piso superior onde se encontra o espaço litúrgico é feito do lado sul do átrio, por meio de uma escada composta por dois ‘momentos’ diferentes, ambos com um tratamento muito cuidado e com características distintas.

Num primeiro momento, a escada desenvolve-se paralelamente ao átrio, possuindo um pé-direito baixo e uma grande largura que lhe atribui traços de uma escadaria cerimonial de acesso a um salão nobre. Os degraus são em mármore, à semelhança de todo o pavimento que reveste o piso térreo. No ângulo de encontro entre o espelho e o cobertor, uma pedra de perfil quadrado em mármore amarelo desenha de forma singela a distinção entre plano horizontal e vertical, destacando-se do mármore de tonalidade mais clara e individualizando cada degrau que compõe a escada. No primeiro e no último degrau, a pedra de tonalidade distinta estende-se a todo o espelho, resultando em degraus que se destacam dos restantes, assinalando o começo e o fim deste lanço da escada.

Subindo meio piso, atinge-se um patamar intermédio no qual a direção da escada gira 90°, sofrendo uma transformação no seu desenho de modo a tornar-se numa escada com um pé-

<sup>85</sup> Na face voltada para sul, um desenho à mão levantada feito pelo arquiteto Siza Vieira foi gravado no plano de vidro.

116.



117.  
118.119.



116. vista da escada a partir do vestíbulo de entrada;  
117. vista do patamar intermédio - ligação entre o último e primeiro degraus entre os dois momentos da escada;  
118. maquete de trabalho - relação axial entre a antecâmara e a organização do espaço litúrgico;  
André Tavares; Rui Mendes. *Um Ofício Vulnerável*. <https://bit.ly/2lbf139>  
119. vista do segundo momento da escada e da antecâmara no piso superior - o corrimão reforça a continuidade do desenho da escada.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

-direito mais reduzido e metade da largura, desenvolvendo-se em dois lanços. No patamar, o revestimento do pavimento possui uma superfície em mármore amarelo que, em jeito de 'tapete', anuncia a mudança de direção.

Revelando novamente um grande cuidado no desenho dos detalhes construtivos, a face vertical do primeiro degrau após o patamar intermédio estende-se de modo a tocar no último degrau do primeiro lanço, reforçando a ligação entre os dois momentos da escada e a sua continuidade como um elemento único.

A segunda parte da ascensão fomenta uma maior concentração introspetiva antes do momento de entrada no espaço litúrgico. A mudança de direção permite igualmente criar uma separação e resguardo do espaço de culto em relação ao centro paroquial.

Acompanhando toda a escada, é colocado em ambos os lados um corrimão metálico, contínuo, que auxilia a subida e delinea o percurso.

No teto sobre esta segunda parte da escada existe um lanternim que permite a entrada de luz zenital. A sua colocação reforça a importância atribuída ao percurso de entrada no espaço litúrgico – uma vez que os restantes lanternins desenhados na igreja incidem sobre objetos individuais com forte carga religiosa e simbólica, nomeadamente a pia batismal e a imagem da Virgem.

A escada desemboca numa antecâmara que faz a transição final para o espaço litúrgico através de uma interrupção na parede curva do volume cilíndrico. A relação entre a escada e esta interrupção anunciam já a mudança de direção e a rotação a 45° do espaço litúrgico.

Ao longo do 'percurso' desde a entrada no edifício até ao espaço litúrgico, os fiéis elaboraram um movimento complexo e quebrado, mudando várias vezes de direção e afastando-se gradualmente em relação ao ambiente exterior. Na antecâmara de pé-direito elevado, imediatamente antes de se entrar na nave da igreja, situam-se duas janelas altas colocadas em cantos opostos e que permitem estabelecer uma última ligação visual com a envolvente urbana exterior.

“É fomentado um percurso até se entrar no espaço litúrgico, (...) que ajuda a criar um efeito de limiar que se cruza.”<sup>86</sup>

A posição da entrada relaciona-se de forma axial com a organização do espaço da igreja. Encontra-se a eixo com a assembleia e com o altar e apesar de não existir um corredor central que leve até ao presbitério, a relação com os objetos litúrgicos é forte e portadora de um grande simbolismo.

Ao estender-se o olhar para além do altar, é possível estabelecer também uma relação com a cruz, que apesar de se situar no enfiamento do eixo que se prolonga desde a entrada, encontra-se voltada a 45°. Esta rotação é feita de forma intencional pois permite 'rebater' o olhar em direção à pia batismal, situada no volume saliente em frente, relacionando-a com o momento de entrada no espaço sagrado. É igualmente criada uma cadeia de ligação entre os principais polos litúrgicos e os sacramentos que lhes estão associados e que tomam parte da vida religiosa da comunidade.

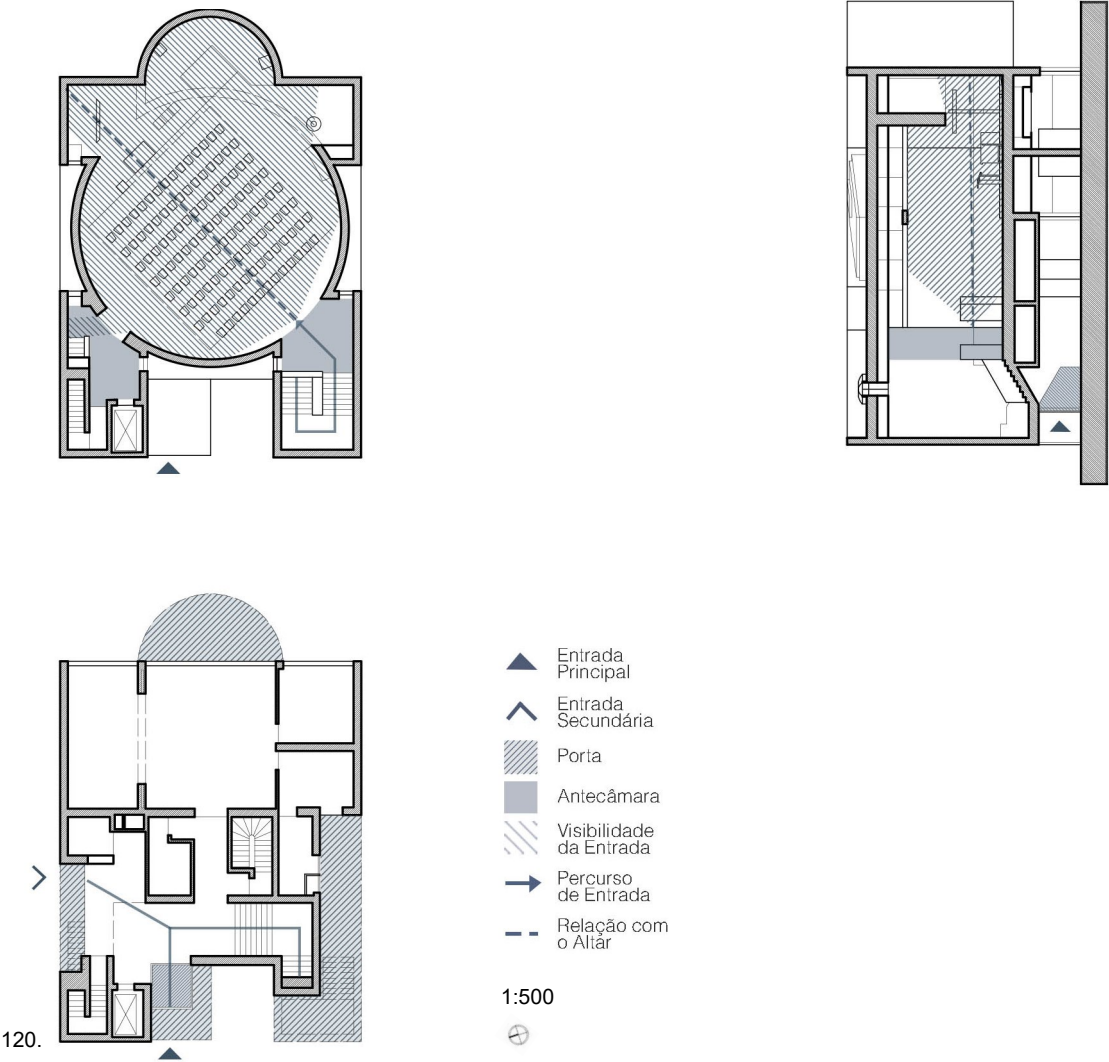
A partir da entrada no espaço litúrgico é possível ter uma compreensão total da organização e relação entre os diferentes polos que compõem a igreja.

Existem contudo pequenas zonas e detalhes que não é possível percecionar: uma parte do batistério e uma pequena área junto à cruz (onde se situa uma pequena janela), bem como o teto do batistério e da capela da Virgem, que se encontram ocultos pela parede-viga suspensa.

A subida ao piso superior pode também ser feita por um elevador ou uma escada secundária - que não possui o tratamento observado na escada principal - localizados do lado norte do átrio de entrada. Uma vez que o espaço sagrado se localiza no piso superior, a colocação do elevador assegura o acesso por parte de pessoas com mobilidade reduzida.

Por este lado acede-se a uma antecâmara que possui um desenho semelhante à do acesso principal. Este acesso comunica igualmente com a sacristia, situada num pequeno piso superior por cima desta antecâmara. A colocação da sacristia tão distante em relação ao presbitério,

<sup>86</sup> Monsenhor Pierre d'Ornellas. *Église catholique en Ile-et-Vilaine* (2018). *La nouvelle église de St. Jacques de La Lande éte inaugurée et consacrée*. <https://rennes.catholique.fr>.



120. análise entradas: plantas piso térreo e 1º piso e corte longitudinal.  
Elaborado pelo autor.

apesar de poder revelar-se menos funcional, reforça o carácter processional da entrada dos celebrantes.

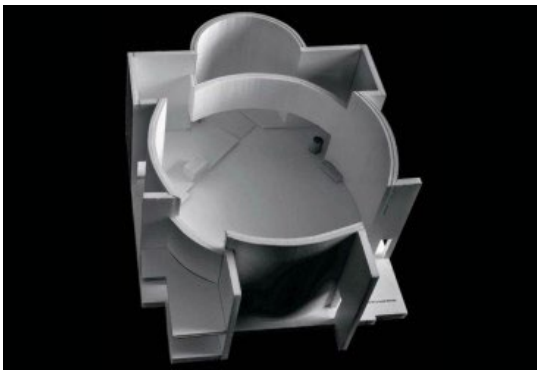
Esta passagem que comunica com a nave é muito mais pequena, adquirindo a expressão de um vão ao invés de uma supressão a toda a altura da parede curva. A entrada encontra-se numa posição lateral em relação à assembleia, existindo igualmente um intervalo entre a parede curva e os lugares dos fiéis. Este espaço possui inclusive uma maior dimensão do que o correspondente à entrada principal devido à necessidade de recuar a assembleia em relação ao presbitério, aumentando o espaço de circulação nas laterais da assembleia.

A entrada lateral encontra-se muito mais próxima do presbitério, facilitando o percurso efetuado pelos celebrantes em direção ao altar. Estes entram na nave a meio da assembleia, valorizando simbolicamente a sua proximidade com a comunidade de fiéis.

Ao proceder-se à entrada a partir deste lado da nave, a visão e compreensão total do espaço mantêm-se inalteradas, sendo possível estabelecer relação com todos os polos litúrgicos. É perdida no entanto a relação simbólica do eixo entre a entrada, o altar, a cruz e a pia batismal, o que mais uma vez atesta a diferença hierárquica e valorativa atribuída a cada um dos acessos.



121. 122.



123. 124.



121. maquete de trabalho - vista da piso superior;  
*Saint-Jacques de La Lande Church*. <https://bit.ly/2KL8U0L>.

122. vista a partir da assembleia;

João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

123. nave aquando do decorrer da obra - edificação do plano rebaixado sobre a assembleia;

Victor Delaqua. *Álvaro Siza na França: A Igreja de Saint-Jacques-de-la-Lande por Nicolò Galeazzi*. <https://bit.ly/2JUxvCU>

124. vista da assembleia e do presbitério a partir da capela da Virgem.

João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

## Assembleia e Presbitério

A assembleia e o presbitério ocupam o volume cilíndrico correspondente à nave. No entanto, o presbitério expande-se para o volume quadrangular saliente de modo a adquirir uma maior área, necessária às circulações e movimentos nas celebrações. A complexidade que caracteriza a forma resultante desta expansão faz com que o presbitério se destaque em relação à assembleia, possuidora de uma forma geométrica mais simples.

Ao ocuparem parcialmente o mesmo volume, a posição de cada espaço é demarcada através da diferença de cota e de pé-direito, assim como do tratamento das superfícies que os compõem.

Nesta leitura conjunta é preciso atender à justaposição dos volumes da capela da Virgem e do batistério, que atribui uma maior complexidade ao espaço sagrado e à simplicidade geométrica do volume cilíndrico.

## Assembleia

Com uma altura de 7,5 metros, ao possuir um diâmetro de 14,75 m, sensivelmente o dobro, o espaço adquire uma leitura de caráter horizontal.

Em resultado do volume cilíndrico, as paredes que envolvem a assembleia possuem uma forma curva e contínua, centrípeta, que reforça a ideia de centro mas que simultaneamente promove o foco no presbitério.

O eixo axial que se desenvolve entre a entrada e o altar desenha no plano curvo as aberturas que comunicam com a antecâmara e com o volume saliente do presbitério.

No lado nascente, onde a assembleia se liga com o batistério e a capela da Virgem, o plano curvo é totalmente aberto até metade da sua altura. Já no lado poente, é rasgado na parede o vão que permite o acesso à entrada secundária e à sacristia.

As paredes laterais possuem uma estratificação em dois níveis. O primeiro é dado pelo lambrim, que se eleva até uma altura de 1,50 metro. Ao contrário do lambrim de mármore branco usado no piso inferior e nas antecâmaras que antecedem a igreja, este possui uma tonalidade cinzenta muito clara, materializando-se numa linha praticamente impercetível, que praticamente não se destaca em relação ao segundo estrato da parede, rebocado a branco e que se eleva até ao teto.

No teto é colocada uma superfície quadrangular rebaixada de modo a proteger um plano envidraçado que se eleva em relação à cobertura do edifício. Esta superfície permite que a grande quantidade de luz que entra através do plano envidraçado não incida diretamente no espaço sagrado, transformando-se numa luz refletida, difusa, de modo a não perturbar as cerimónias litúrgicas celebradas.

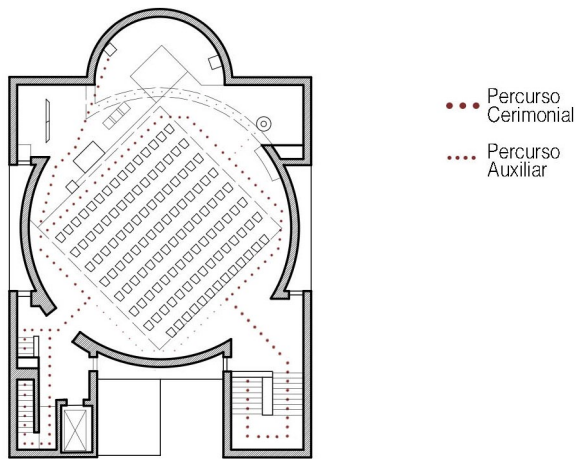
A posição e o tamanho do plano rebaixado não permitem vislumbrar o volume que se eleva na cobertura, pelo que a luz adquire um caráter diáfano, “uma imagem da Aliança entre a Terra e o Céu”<sup>87</sup>. Ao ser refletida, incide no limite superior das paredes laterais desenhando uma ‘coroa’ de luz e criando um efeito cénico de levitação do teto, que aparenta soltar-se das paredes.

Esta estratégia foi incorporada pelo arquiteto português através da experiência em outros projetos, especialmente em espaços museológicos; como o Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela ou o Museu de Serralves, no Porto. Este desenho permite não só a entrada controlada de luz natural, mas também a colocação de fontes de iluminação artificial, habilmente ‘ocultas’ nas ‘mesas invertidas’.

Através da diferença de altura para o plano do teto, a superfície rebaixada serve ainda o propósito de delimitação do espaço destinado aos lugares da assembleia, demarcando-o em relação ao espaço de circulação em seu redor.

O pavimento, plano, é revestido a mármore, à semelhança de todo o piso inferior.

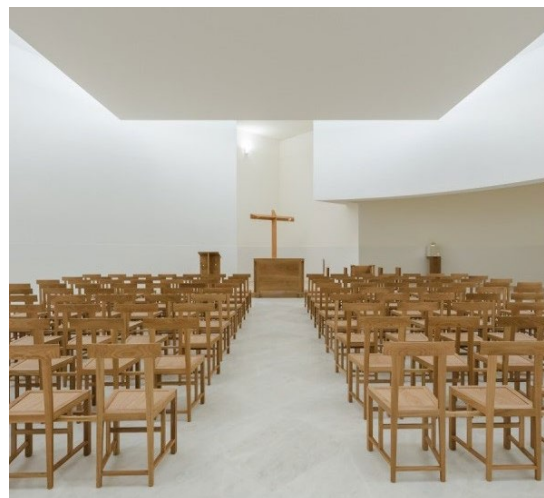
<sup>87</sup> Andrade, S. (2016, Julho 31). Quando a luz da arquitetura portuguesa invade a França. *Público, suplemento Ípsilon*. <https://www.publico.pt>



1:500



125.



126. 127.

125. análise percursos: planta;  
Elaborado pelo autor.  
126. vista da assembleia - disposição sem corredor central;  
127. vista da assembleia - disposição com corredor central.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

## Organização da Assembleia

A assembleia, que possui lugar para 150 pessoas, é composta por cadeiras individuais, desenhadas com uma grande simplicidade. Com um assento trapezoidal, não possuem um plano fechado nas costas, permitindo vislumbrar simultaneamente uma multiplicidade de cadeiras. De maneira a colocar as cadeiras alinhadas entre si e dentro do limite ‘estabelecido’ pelo plano suspenso, é introduzida uma pequena trave por baixo do assento que faz a união de uma cadeira à seguinte. Este mecanismo funciona com o auxílio de ímanes que permitem facilmente pôr ou tirar a trave caso seja necessário reorganizar ou retirar alguns lugares. Para além deste propósito funcional, esta solução permite ainda reforçar o sentido de união entre os vários lugares e os fiéis que os ocupam, fomentando um maior entendimento de comunidade uma sem que seja fragilizada a consciência individual de cada um.

A organização da assembleia é ‘condicionada’ pelo plano suspenso que delimita a colocação dos lugares. Já a sua disposição ortogonal prende-se com a própria forma do volume que a contém e com a intenção clara de reforçar a união da comunidade de fiéis. Face à circunferência que desenha a nave, o quadrado é a única figura que nela se consegue inscrever de modo a desenhar um espaço geometricamente centrado e que possua uma relação igual com todos os lados.

Inerente a esta figura geométrica, a forma quadrangular reforça um sentido de centro, que se alia à geometria do próprio volume da nave. Isto permite que exista o mesmo número de cadeiras em cada fila e em cada coluna, o que reforça o carácter de comunidade de iguais.<sup>88</sup>

Contudo, devido à menor dimensão do espaço que separa a entrada na nave da última fila de cadeiras, é retirado um lugar em cada extremo dessa fila de modo a facilitar a passagem e distribuição para os espaços laterais da nave.

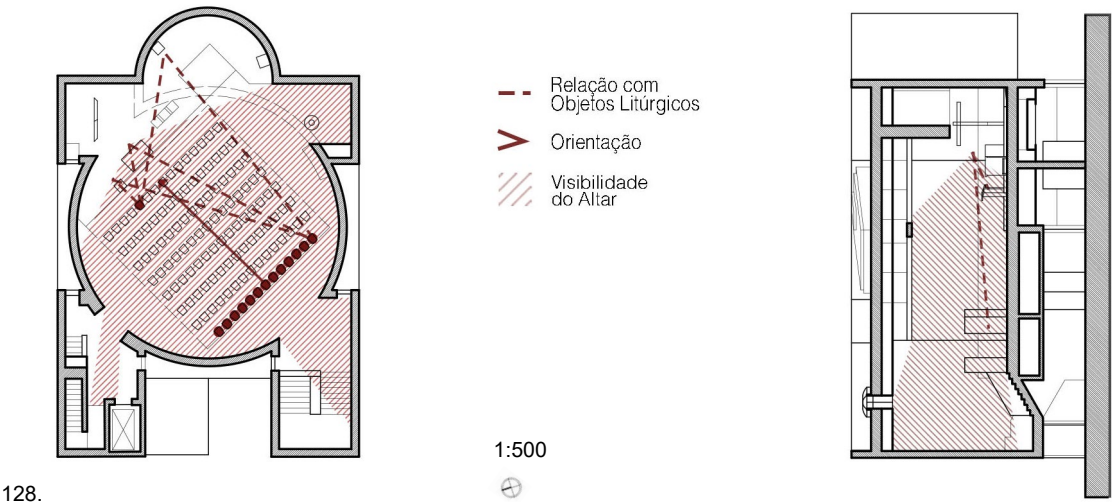
Pela pequena escala do projeto e da capacidade da assembleia, a distância entre a primeira e a última fila de lugares é apenas de 10 metros, não existindo uma grande distância desde o altar até aos fiéis sentados na última fila. É assim promovida uma vivência religiosa semelhante, independentemente do lugar da assembleia escolhido, o que reforça a sensação de comunidade una.

Na organização proposta não existe um corredor central que divida a assembleia em dois sectores. Isto permite que os lugares se disponham de modo compacto e sem divisões, reforçando uma vez mais o sentido de união. Em prol desta disposição, as circulações são feitas exclusivamente em torno dos lugares sentados, no espaço entre o ‘corpo’ compacto e ‘quadrado’ da assembleia viva e o volume cilíndrico da nave.

Na possibilidade de reconfiguração dos lugares de modo a desenhar um corredor central (fig.23),<sup>89</sup> apesar de se estabelecer uma relação entre a entrada e o altar, introduzindo um sentido de percurso axial, a assembleia perderia o seu carácter compacto e a sua figura quadrangular. Isto provocaria o aumento do espaço de circulação, que possui já uma área considerável.

<sup>88</sup> Na planta consultada na publicação do projeto em (2018). Álvaro Siza – Église Paroissiale Saint-Jacques-de-La-Lande. *AMC – Architecture*, 267, 28-37 a organização dos lugares da assembleia é retirada a fila mais próxima do presbitério, revelando uma preocupação com a distância entre os dois espaços, onde é distribuída a comunhão eucarística.

<sup>89</sup> Possibilidade de organização sugerida pela reportagem fotográfica de João Morgado (2018). <https://www.joaomorgado.com/pt>.



128. análise assembleia e presbitério: planta e corte longitudinal.  
Elaborado pelo autor.

## Presbitério

O presbitério possui uma forma composta, formada por duas figuras distintas – um segmento de circunferência e um quadrado truncado – cujo desenho combina linhas de traço curvo e reto. Apesar disso, o presbitério não perde um forte sentido de racionalidade, sendo possível inclusive traçar um eixo de simetria que o divide em dois lados praticamente iguais.

Fruto da figura circular da nave, o presbitério possui uma frente comunicante com a assembleia de grande comprimento. Nesta é desenhada uma reentrância que permite quebrar a sua extensão, servindo também a colocação dos elementos litúrgicos e um aumento do espaço onde é distribuída a comunhão. Do lado do evangelho, esta frente não se estende até à parede lateral da nave, sendo interrompida segundo o prolongamento da linha lateral da assembleia. No lado oposto é por sua vez limitada pela rampa que dá acesso ao plano elevado do presbitério e da capela.

O presbitério eleva-se em relação à assembleia a uma altura correspondente a um degrau, com cerca de 20 centímetros. Esta elevação é suficiente para destacar a sua importância e diferenciação, não promovendo contudo um excessivo afastamento entre os dois espaços.

Deste modo, apesar da existência da rampa junto ao limite nascente do presbitério, os celebrantes não têm forçosamente que atravessar toda a nave, podendo subir no extremo poente, junto à entrada que comunica com a sacristia. Contudo, ao ser usada a rampa, é reforçado o sentido cerimonial da entrada e saída dos celebrantes no início ou fim de cada cerimónia.

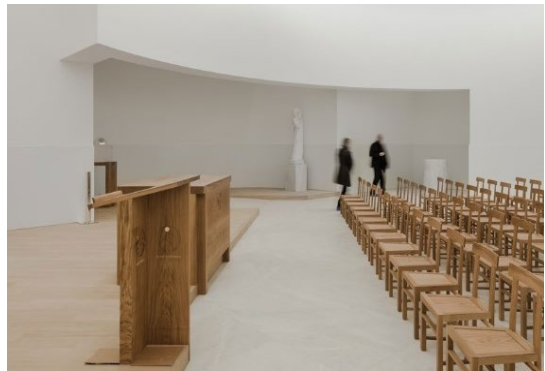
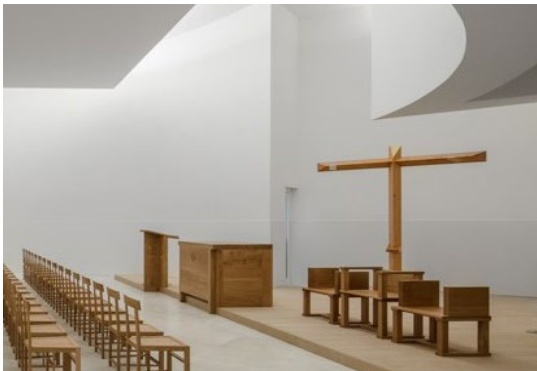
A diferença de pé-direito para a assembleia revela uma sensibilidade relacionada com a posição do presbitério, que possui um pé-direito mais elevado, reforçando o seu carácter vertical.

O teto recebe a luz refletida que entra através do plano elevado sobre a assembleia, adquirindo um tom luminoso mais forte em relação às paredes. Não possui no entanto nenhum foco de luz zenital que incida especificamente sobre esta área.

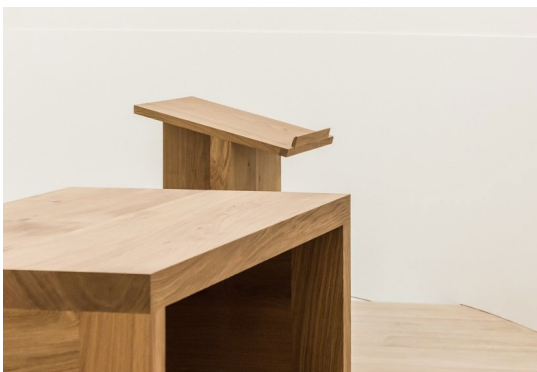
O pavimento, em madeira de carvalho, estende-se igualmente à capela, estabelecendo um contraste em relação ao pavimento em mármore da assembleia e acentuando a diferença entre os dois espaços. As régua de madeira são colocadas de modo perpendicular à assembleia, reforçando as linhas de perspetiva e o sentido axial que se pretende fomentar desde a comunidade até ao altar.

Face à posição do volume quadrangular, é de notar que não existe uma parede testeira, elemento tão importante dentro do espaço litúrgico por se encontrar atrás do altar, foco de todos os olhares. Ao invés, o olhar estende-se até uma aresta vertical, desenhada pelo ângulo reto formado entre as duas paredes perpendiculares do volume. Esta solução singular promove contudo uma sensação de extensão da profundidade do presbitério, ao mesmo tempo que dramatiza a perspetiva por detrás do altar.

129. 130.



131. 132.



129. elementos litúrgicos no presbitério - altar, ambão, cruz e cadeira da presidência;  
130. altar e ambão - os pés destes elementos descem até ao pavimento da assembleia;  
131. altar e ambão vistos do presbitério - o altar assume uma expressão de mesa;  
132. pia batismal.

João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.



## Elementos Litúrgicos

O altar e o ambão são colocados de forma paralela, voltados para a assembleia. Ambos os objetos são fixos, não sendo possível a sua recolocação.

Encontram-se exatamente na linha de fronteira entre presbitério e assembleia, numa atitude simbólica que promove a sua leitura enquanto pertencentes a ambos os domínios. O ambão é dos dois o que se aproxima mais da assembleia, situando-se deliberadamente no recorte que se desenha na linha de fronteira e provocando uma confluência de linhas de força sobre si.

A grande proximidade entre os dois não convida a passagem entre ambos, promovendo a subida ao presbitério através de um dos seus extremos, que se relaciona com a ausência de um corredor central a eixo com o altar.

Numa posição oblíqua em relação ao altar e ao ambão, a cruz situa-se atrás destes, ocupando o volume quadrangular que se justapõe à nave, o que lhe atribui um papel de destaque, salientando o seu valor iconográfico. O seu enquadramento é sobremaneira reforçado pelas duas arestas que compõem o corte no volume curvo. É igualmente realçada pela luz que entra pela janela do lado nascente deste volume, que a ilumina lateralmente, atribuindo-lhe uma maior leveza em relação ao altar e ao ambão.

A cadeira da presidência, à esquerda do altar, recua ligeiramente em relação à linha de fronteira com a assembleia colocando-se praticamente sob a parede-viga curva, limiar de passagem entre os volumes. A sua função mais 'passiva' durante a cerimónia litúrgica afasta a necessidade de se projetar sobre os fiéis à semelhança do altar e do ambão.

O sacrário é por sua vez colocado no espaço correspondente à capela da Virgem. Afastando-se em relação ao presbitério, permite a existência de um percurso cerimonial, efetuado por um dos presbíteros aquando da sua abertura. Trata-se da única peça litúrgica de carácter móvel, permitindo a sua possível recolocação segundo um diferente entendimento do espaço litúrgico.

A pia batismal assume uma posição mais distanciada em relação ao presbitério, existindo contudo uma constante relação visual que permite a sua presença e integração nas cerimónias.

O altar materializa-se numa peça onde simultaneamente se evoca o desenho de uma ara sacrificial e o desenho de uma mesa - local da refeição eucarística - conjugando características inerentes a um bloco maciço e a um princípio de construção trilítico. Esta dupla referência, consciente e intencional, é também explorada na construção e assemblagem dos materiais, como é evidenciado pela sensibilidade no tratamento diferenciado de cada um dos planos.

É possível desde logo perceber que não se trata de um objeto sólido ou maciço, não apenas pelo facto de ser em madeira, como pelos diferentes recortes que compõem as suas faces.

O lado voltado para a assembleia é composto por um plano fechado, que lhe atribui um carácter sólido. Contudo, o encontro com as faces laterais é delineado de modo a assemelhar-se aos pés de uma mesa. Os dois pés descem inclusivamente até ao pavimento da assembleia, reforçando a ligação do altar às duas esferas. A face oposta, voltada para o presbitério e para os celebrantes, não possui um plano fechado, o que permite ver o interior do altar e espelha o seu entendimento enquanto mesa. Por fim, um plano horizontal é pousado sobre as faces laterais de forma a desenhar o 'tampo' da mesa. O seu perfil com uma maior espessura reforça a importância enquanto local onde são colocadas as alfaías litúrgicas usadas em todas as celebrações.

O ambão, igualmente em madeira, possui por sua vez um carácter mais esbelto, reforçado pela sua maior verticalidade. É composto por dois planos dispostos perpendicularmente, um com maior espessura do que o outro, nos quais pousa o plano inclinado onde é feita a leitura da sagrada escritura.

Tanto nestes dois elementos como no sacrário encontram-se gravados elementos iconográficos, inscritos numa circunferência, associados à natureza do ritual. Assim, em cada uma das faces do perfil em cruz do ambão, voltados para a assembleia, encontram-se os símbolos dos quatro evangelistas - Mateus, Marcos, Lucas e João - apontando o valor da palavra inerente ao ambão. No altar é gravada uma pomba segurando um ramo de oliveira, que simboliza não só a paz como a mensagem de salvação que é transmitida àqueles que dela necessitam. Quanto ao



133. 134.

133. cruz - o apoio é colocado diagonalmente à própria cruz, relacionando-se com a organização do espaço litúrgico;  
134. sacrário.  
João Morgado. *Igreja de Saint-Jacques de La Lande*. <https://bit.ly/2ljKcqb>.

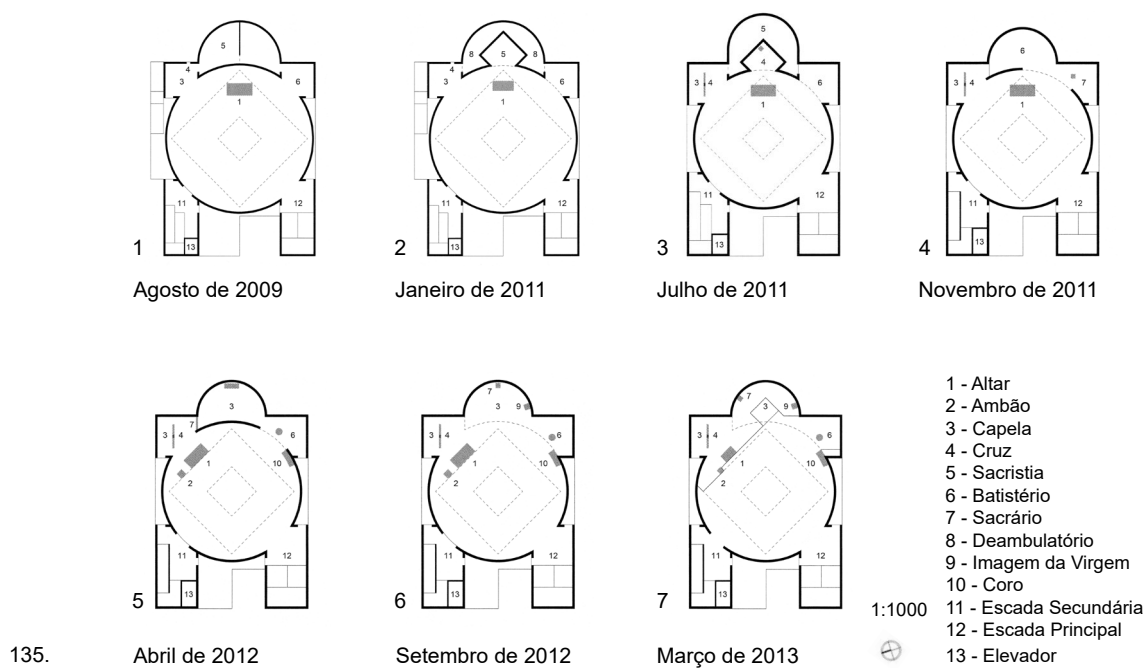
sacrário, neste pode ver-se talhado na madeira do pedestal que o suporta o *Agnus Dei*, aludindo à presença das hóstias consagradas no seu interior.

O desenho da cruz, de inspiração franciscana, aproxima-se da forma do “tau” grego<sup>90</sup>. A sua silhueta apresenta também uma sugestão antropomórfica. Diferencia-se dos restantes objetos por possuir uma tonalidade mais clara, o que em conjunto com a luz que a ilumina destaca a sua posição e salienta a sua importância simbólica. Quanto ao desenho da cruz, atende-se ao apoio para os pés na trave vertical e dois pequenos planos dourados e reluzentes, um em cada extremo da trave horizontal; no mesmo material dourado que cobre o corte que encima a trave vertical, aludem à presença na cruz do corpo de Cristo crucificado.

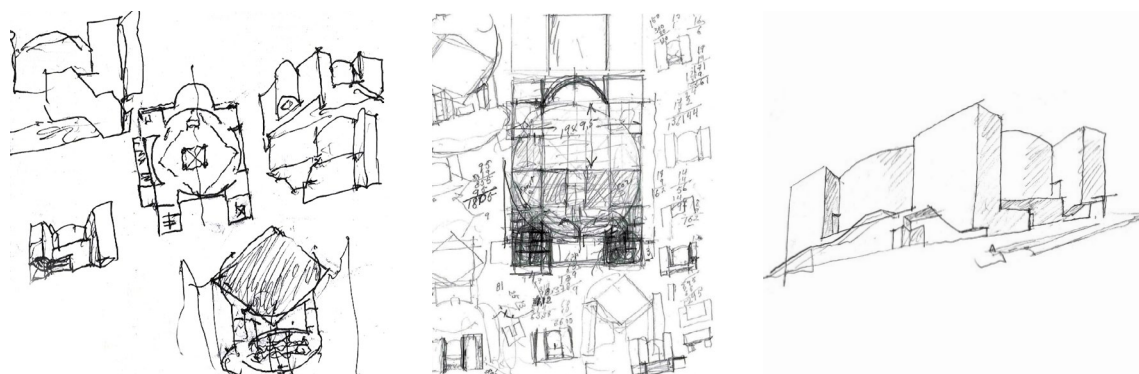
A pia batismal é talhada num bloco de mármore da mesma tonalidade daquele que reveste o pavimento, o que reforça a sua ligação ao chão do espaço sagrado. À sua forma cilíndrica é retirada uma superfície curva, junto à parte inferior, por onde é feito o escoamento da água batismal.

---

<sup>90</sup> A cruz de Tau é uma das mais antigas representações da cruz. Não possuindo cabeça, forma-se a partir da convergência de uma linha vertical com outra horizontal. Possui inúmeras conotações simbólicas, como o tempo e a eternidade ou o encontro entre o humano e o divino. Era usada por São Francisco como o amor de Cristo pelos homens e era pelos franciscanos como símbolo de conversão e de uma vida regrada pela ajuda ao próximo.  
Koch, W. (1982). *Estilos de Arquitectura II*. trad. de Maria Cary. Lisboa. Editorial Presença.



135.



136. 137. 138.

135. planta das várias fases de desenvolvimento do projeto;  
136. esquisso da forma do edifício e do espaço litúrgico - é possível perceber a intenção em relacionar o plano quadrangular suspenso sobre a assembleia com a organização a eixo com a abside;  
137. esquisso da organização e relação geométrica dos volumes em planta e nos vários alçados;  
138. esquisso da forma do edifício - neste esquisso foi ensaiada uma escada exterior no lado norte, que ligava o exterior ao volume quadrangular que contém a escada secundária e o acesso à sacristia.

Disponibilizado pelo atelier Arquitecto António Choupina. ©Álvaro Siza Vieira.

## Desenvolvimento do Projeto

Através da observação de uma sucessão de plantas correspondentes às várias fases da concepção da projeto para a igreja da *Anastasis*, é possível analisar e compreender a evolução da proposta e o processo de maturação das suas ideias e intenções.

Numa primeira leitura geral do conjunto das várias fases do projeto, é claramente notório o facto de que desde um momento precoce, a forma do edifício, os vários volumes que a compõem e o desenho das comunicações verticais se encontram já muito próximos da proposta final e por sua vez do edifício construído, pelo que a evolução observada corresponde sobretudo à organização interior do espaço litúrgico.

É ainda de salientar o facto de o plano quadrangular suspenso no teto da assembleia constar igualmente do projeto desde a sua fase inicial. Isto revela que a colocação deste plano suspenso, rodado em relação ao eixo do piso superior do edifício, não foi pensado em consequência da rotação na organização do espaço litúrgico, podendo considerar-se inclusivamente a hipótese de ter sido a rotação do espaço litúrgico que foi em parte inspirada pela presença do plano suspenso.

Observando as duas primeiras plantas, (1) e (2), é possível notar que o volume cilíndrico correspondente à nave possui um diâmetro superior em relação às fases mais avançadas, enquanto o piso térreo salienta-se ligeiramente no lado norte em relação ao piso superior. No que diz respeito à organização interior, é no desenho da abside que as duas fases diferem, uma vez que o seu espaço, ocupado pela sacristia, possui um desenho distinto. Por fim, é de notar a posição do altar, situado a eixo com a abside.

Na planta (3), o volume cilíndrico possui já a dimensão conhecida na fase final do projeto. Nesta proposta assistimos a um ensaio de extensão da abside suspensa, de modo a atribuir uma maior área à sacristia, que é no entanto abandonado logo na fase seguinte. Na organização interior, é de salientar o aparecimento da cruz, situada no volume quadrangular a norte e colocada paralelamente às paredes laterais deste.

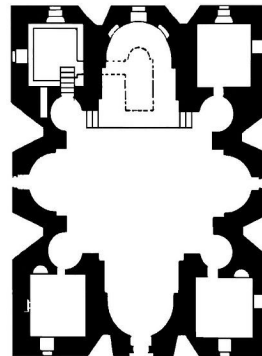
A planta (4) demonstra uma primeira intenção de abertura do espaço da abside em relação à nave, apesar de neste desenho ainda se encontrar algo resguardada em relação aos restantes polos por um troço de parede. Nesta fase, a sacristia passa a situar-se num piso independente, distante do espaço litúrgico, sendo o batistério a ocupar a abside, enquanto o volume quadrangular a sul albergava o sacrário.

A planta seguinte, (5), marca o momento em que é introduzida a rotação a 45° da organização do espaço litúrgico, rotação essa que se manterá até à solução final. O altar passa a ocupar uma posição no enfiamento do eixo criado entre a entrada e o volume quadrangular norte, e pela primeira vez vemos representado o ambão, colocado na linha de prolongamento do altar. Ainda em relação à fase anterior, o batistério regressa ao volume quadrangular sul, enquanto a abside, praticamente encerrada em relação à nave, desempenha a função de capela.

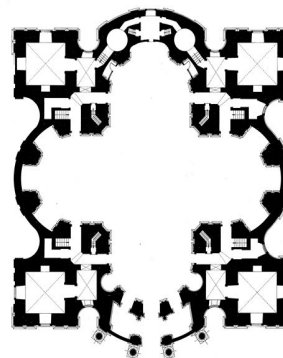
Na planta (6) é possível observar uma solução espacial já muito próxima da proposta final construída. O espaço da abside é totalmente aberto em relação à nave, sendo apenas delimitado pela parede-viga curva, e a sua área passa a albergar conjuntamente o sacrário e a imagem da Virgem.

Por fim, na planta (7), já correspondente à proposta final, é desenhada a elevação do presbitério e da capela da Virgem, bem como a rampa que perfaz o acesso a estes espaços, e as posições do ambão e do sacrário são alteradas: o primeiro avançando ligeiramente em relação ao altar, ocupando a reentrância no desenho do plano elevado do presbitério; e o segundo afastando-se do centro da abside, de modo a colocar-se no enquadramento da rampa.

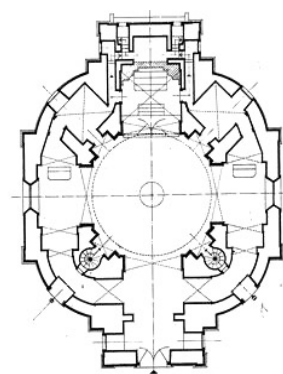
139. 140.



141. 142.



143. 144.



139. igreja bizantina de *Saint Gayane* (século VII), Vagharshapat, Arménia;  
 140. planta da igreja bizantina de *Saint Gayane* (século VII), Vagharshapat, Arménia;  
*Hripsime Church in Armenia*. <https://bit.ly/2rR6Hse>.  
 141. igreja de *Santa Engrácia* antes de 1960 (século XVII – XVIII), Lisboa - arq. João Antunes - vista fachada principal;  
 142. planta da igreja de *Santa Engrácia, Panteão Nacional* (século XVII – XVIII), Lisboa - arq. João Antunes;  
 SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico). *Igreja de Santa Engrácia – Panteão Nacional*. <https://bit.ly/2Lb3NHN>.  
 143. igreja do *Bom Jesus da Cruz* (século XVIII), Barcelos - arq. João Antunes - vista da fachada lateral;  
*Bom Jesus da Cruz, Barcelos*. <https://bit.ly/2lrNoNb>.  
 144. planta da igreja do *Bom Jesus da Cruz* (século XVIII), Barcelos - arq. João Antunes.  
*Igreja do Bom Jesus da Cruz*. <https://bit.ly/2k5Jclh>.

## Temas, Problemas e Relações

Nesta parte do ensaio, pretende-se explorar uma série de paralelos e questões do projeto, mencionadas ao longo da descrição da igreja em Saint-Jacques-de-La-Lande. Pela sua pertinência e importância na discussão arquitetónica, merecem uma análise e consideração mais aprofundadas, de modo a permitir a inserção da igreja em estudo num contexto mais alargado da arquitetura religiosa, portuguesa e internacional, contemporânea e de períodos anteriores.

## Forma e Composição

A forma e composição da igreja em Saint-Jacques, bem como a configuração e relação entre os vários volumes, permitem estabelecer uma discussão em torno do uso da planta de tipo centralizada ou de tipo axial, da contínua miscigenação dos dois tipos ao longo da história e do modo como este uso se reflete na forma arquitetónica. Observando esta situação em vários exemplos arquitetónicos, é possível perceber que a igreja em Saint-Jacques estabelece em vários aspetos uma estreita relação e inspiração com obras de períodos arquitetónicos anteriores.

Deste modo, é possível apontar que a referência à igreja do *Santo Sepulcro* (século IV) em comparação com a igreja em Saint-Jacques prende-se sobretudo com uma correspondência demasiado literal no que respeita à sua forma e ao seu desenho em planta. Tal como Siza refere, esta não foi uma inspiração ou referência durante a conceção do projeto, e da mesma forma que foi estabelecida uma associação com o *Santo Sepulcro*, poderiam ter sido mencionadas várias outras, erigidas não só no Oriente nos primeiros séculos da cristandade, como ao longo de toda a história da arquitetura religiosa cristã.

Será por isso mais conveniente denotar uma relação com a arquitetura bizantina dos séculos IV a VIII.<sup>91</sup> Em muitas igrejas deste período existe no uso do modelo de planta centrada uma constante conjugação de volumes retos e curvos. Várias obras apresentam um hibridismo entre a planta centrada, geralmente em cruz grega, e outros volumes - quadrangulares ou circulares – mais baixos e de carácter complementar, que atribuem às igrejas um acrescido carácter de complexidade e dinamismo espacial.

A par da referência à arquitetura bizantina, a igreja em Saint-Jacques permite igualmente apontar uma relação com a arquitetura do período barroco (século XVII – século XVIII). Não em relação à sumptuosidade, magnificência ou exuberância que caracterizam algumas obras deste período, mas ao dinamismo e complexidade da composição dos volumes e das fachadas; à conjugação entre centralidade e axialidade, como é explorado nas obras dos arquitetos italianos Borromini ou Bernini; e a uma constante dramatização, tanto do espaço interior como do conjunto exterior, transmitida através do desenho de superfícies ou espaços que combinam planos retos e curvos (côncavos ou convexos).

Observando as obras do período barroco em Portugal<sup>92</sup>, salienta-se a grande similaridade compositiva entre a igreja francesa e a Igreja de *Santa Engrácia - Panteão Nacional* – (século XVII – XVIII), em Lisboa, da autoria do arquiteto João Antunes. Esta igreja possui uma planta quadrada, elevando-se nos seus ângulos quatro torreões quadrangulares que enquadram os alçados ondulantes do corpo central, composto por planos côncavos e convexos.<sup>93</sup> Especialmente se atendermos à imagem de *Santa Engrácia* antes da segunda metade do século XX, altura em que foi finalmente concluída, com o projeto e construção da cúpula e do zimbório, afigura-se ainda mais clara a associação da igreja de Saint-Jacques com esta obra, não só pela expressão

<sup>91</sup> A arquitetura bizantina, arquitetura do império bizantino, manteve-se em uso em algumas partes do império até à queda de Constantinopla, em 1453. O primeiro período deste estilo arquitetónico é estabelecido entre os anos 330 a 726. Mango, C. (1989). *Arquitectura Bizantina*. Madrid. Aguilar.

<sup>92</sup> O 'barroco' principiou no final do século XVI, em Itália. Em Portugal, foi adotado cerca de meio século mais tarde, já no início do século XVII. Apesar de se estabelecer o espaço temporal deste estilo até ao meio do século XVIII, a sua influência é notória em muitas obras portuguesas posteriores a esta data.

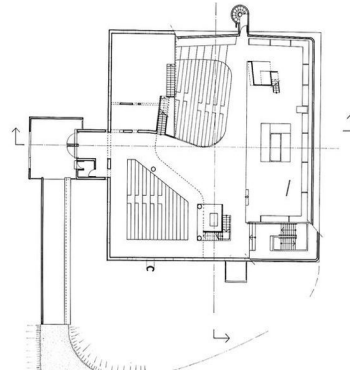
Pereira, P. (2011). *Arte Portuguesa – História Essencial*. Lisboa. Temas e Debates.

<sup>93</sup> Esta possui uma clara inspiração nos desenhos do Padre Francisco Tinoco da Silva para uma igreja barroca, executados em 1730, que por sua vez possuem ligação à proposta de Baldassari Peruzzi para São Pedro de Roma, publicada na obra de Sebastião Serlio, no Livro III.

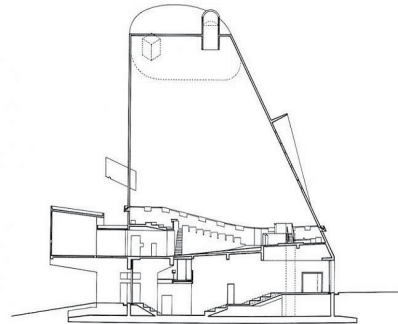
Pereira, P. (2011). *Arte Portuguesa – História Essencial*. Lisboa. Temas e Debates.



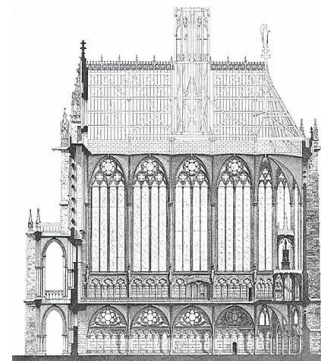
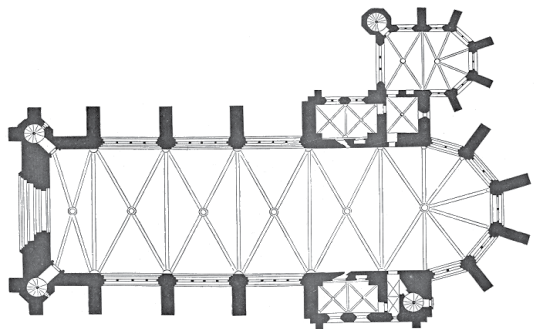
145. 146.



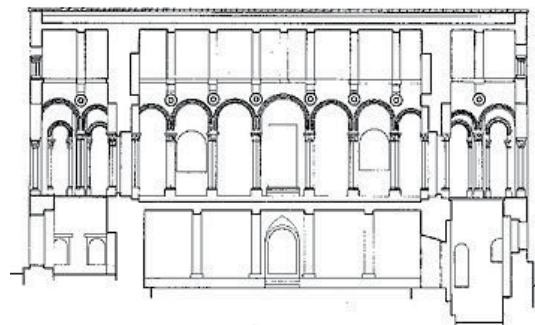
147. 148.



149. 150.



151. 152.



145. igreja de *Saint-Pierre Firminy* (1971-1975;2003-2006), *Firminy*, França - Le Corbusier; <https://bit.ly/2rR7zO6>.  
 146. planta do piso superior da igreja de *Saint-Pierre Firminy* (1971-1975;2003-2006), *Firminy*, França - Le Corbusier; <https://bit.ly/2rR7zO6>.  
 147. igreja de *Saint-Pierre Firminy* (1971-1975;2003-2006), *Firminy*, França - Le Corbusier; <https://bit.ly/2rR7zO6>.  
 148. corte longitudinal da igreja de *Saint-Pierre Firminy* (1971-1975;2003-2006), *Firminy*, França - Le Corbusier; <https://bit.ly/2Ld8H6K>.  
 149. planta do piso térreo da *Sainte-Chapelle* (século XIII), Paris, França; <https://bit.ly/2Lcy8W8>.  
 150. corte longitudinal da *Sainte-Chapelle* (século XIII), Paris, França; <https://bit.ly/2Gv8ZCx>.  
 151. palácio de *Santa Maria del Naranco* (século IX), Oviedo, Espanha; <https://bit.ly/2lw5Jso>.  
 152. corte longitudinal do palácio de *Santa Maria del Naranco* (século IX), Oviedo, Espanha. <https://bit.ly/2k9wA2M>.

similar que adquirem os volumes quadrangulares em relação ao volume cilíndrico e ao efeito dinâmico decorrente do uso simultâneo de formas curvas e retas, como pelo facto de todos os volumes apresentarem a mesma cêrcea, o que atribui à construção uma forte expressão de solidéz e compacidade.

Contudo, em termos de expressão exterior, a igreja de Saint-Jacques aproxima-se mais de outras obras barrocas portuguesas, de menor escala e mais aliadas a um estilo e expressão mais chã, como as igrejas de *Nossa Senhora da Piedade* (século XVII), em Santarém, ou a igreja do *Bom Jesus da Cruz* (século XVIII), em Barcelos.

### Elevação do Piso da Cripta

A localização do espaço litúrgico no piso superior, apesar de pouco comum, possui alguns antecedentes na arquitetura religiosa. Esta solução relaciona-se com o problema da cripta e com o modo como o seu uso evoluiu ao longo do tempo. Desde a sua presença num piso enterrado, contendo tumbas ou relíquias, assumiu gradualmente uma maior importância e o seu espaço foi sendo ampliado, começando a permitir a celebração de algumas cerimónias. Com isto, deixou em vários exemplos de se localizar num espaço subterrâneo para ocupar o nível térreo de modo, potenciando o seu uso celebrativo, o que levou a que nestes casos o espaço de culto principal se tenha elevado para o piso superior.

Podemos observar na *Sainte-Chapelle* (século XIII), em Paris, um espaço religioso elevado, em prol da presença de uma cripta com funções de capela que ocupa o piso térreo. O acesso ao piso superior, onde se situa a capela real, é feito já interiormente, por uma de duas escadas em espiral, situadas nos dois flancos da entrada. A sensação de afastamento em relação ao restante espaço, - adquirida através da subida em espiral - assim como a posição a 45° das escadas em relação à nave, que introduz uma tensão diagonal contrariando o eixo de composição axial, possuem uma grande semelhança com a solução espacial explorada na igreja de *Saint-Jacques*.

A partir de meados do século XX, com a integração programática do centro paroquial, o piso da cripta passou a ser usado em diversos projetos para alojar as funções paroquiais, tal como é observado na igreja de *Saint-Jacques*.

É possível observar no projeto do arquiteto Le Corbusier para a igreja de *Saint-Pierre-de-Firminy*<sup>94</sup> uma estrutura idêntica à igreja concebida por Álvaro Siza.

O centro comunitário ocupa o nível térreo, materializando-se num piso mais permeável, que se relaciona com a envolvente exterior – refletindo os princípios modernistas defendidos pelo arquiteto suíço. A igreja situa-se por sua vez no piso superior, adquirindo uma maior independência, elevando-se e desenhando uma forma complexa.

As afinidades entre as duas igrejas não se extinguem no aspeto da distribuição programática, estendendo-se a outros aspetos e temas de projeto: apesar da devida diferença, o piso térreo de ambas é desenhado com recurso a uma figura quadrangular. Em *Firminy*, o quadrado é replicado para o piso superior.

Ao contrário do que se observa em Saint-Jacques, onde os dois pisos – igreja e centro comunitário – possuem uma entrada principal coincidente, em *Firminy*, apesar de compreenderem comunicações verticais interiores, cada piso possui uma entrada principal independente e situada numa fachada diferente.

Uma outra semelhança entre os dois projetos é o percurso de acesso em espiral justificado pela colocação da igreja no piso superior. Contudo, na igreja de Saint-Jacques, apesar de o percurso principiar no exterior, a ascensão é feita já dentro do edifício, o que contribui mais para a separação e afastamento gradual em relação ao ambiente exterior. Por sua vez, na igreja de *Firminy*, a ascensão é feita exteriormente: num primeiro momento através do tratamento do próprio terreno, e num segundo por meio de uma rampa em balanço. Esta rampa conduz a uma plataforma qua-

<sup>94</sup> Último grande projeto de Le Corbusier, a sua construção foi iniciada em 1971, 6 anos após a morte do arquiteto, em 1965. A obra foi interrompida em 1975, tendo ficado parada até 2003, altura em que o governo local financiou a sua conclusão. Deste modo, em 2006, 41 anos após a sua construção ter sido interrompida, foi concluída sob a direção do arquiteto José Oubrerie, aluno do próprio Le Corbusier durante vários anos.



153. 154.



155. 156.



153. mosteiro do *Salvador de Travanca* (século XIII) - igreja e torre independente; <https://bit.ly/2JDfbPq>.  
154. fachada principal da *Sé de Évora* (século XII - XIII); <https://bit.ly/2t880nk>.  
155. fachada principal da *Sé Nova de Coimbra* (século XVI); <https://bit.ly/2luhbVv>.  
156. colégio de *São Lourenço*, ou dos Grilos (século XVI), Porto; <https://bit.ly/2GwwDP8>.

drada, que à semelhança da antecâmara em Saint-Jacques, faz a transição e entrada no espaço litúrgico.

Olhando para a arquitetura portuguesa, não será talvez tão fácil encontrar exemplos de espaços de culto situados no primeiro piso. Desde meados do século XX, foram construídas várias igrejas que fazem uma utilização do piso da cripta de modo a receber funções paroquiais, como a igreja paroquial de *Santo António de Moscavide* (1953), dos arquitetos João de Almeida e António de Freitas Leal. Contudo, estas situações resultam do aproveitamento do terreno ou da criação de um piso em cave, e não do sentido de elevação presente nas igrejas observadas em França.

Num panorama arquitetónico mais alargado, de exemplos que influenciaram diretamente a arquitetura religiosa portuguesa, o caso mais próximo talvez seja o palácio de *Santa Maria del Naranco*, perto de Oviedo, obra de arquitetura asturiana do século IX. Esta construção de planta longitudinal possui um sentido inerente de ascensão atribuído pelas duas escadas paralelas ao edifício, justapostas à fachada norte. É ocupada no piso térreo por uma cripta e no piso superior situava-se originalmente uma sala palaciana, com uma varanda em cada extremo. Já no século XII, o piso superior seria convertido numa igreja, tendo sido colocado um altar na varanda voltada a nascente.<sup>95</sup>

### Volumes Torreados

A posição e o desenho dos volumes retangulares salientes na fachada poente da igreja de Saint-Jacques-de-La-Lande, bem como a sua relação com o volume cilíndrico, permitem abordar uma problemática projectual recorrente na arquitetura portuguesa ao longo do tempo, referente à presença e posição dos volumes torreados num edifício religioso.

Desde o valor e força da torre enquanto elemento independente, como pode ser observado no mosteiro do *Salvador de Travanca* (séc. XIII), a sua integração no volume da igreja trouxe novos problemas, nomeadamente a opção pelo desenho de uma ou duas torres e o modo como é feita a sua agregação ao corpo da nave, o que influencia a sua leitura na fachada principal.

Esta questão é claramente visível nas obras maneiristas da Companhia de Jesus no século XVI. As igrejas jesuítas deste período caracterizam-se por uma experimentação e hesitação na localização e colocação das torres em relação à fachada principal. Na igreja de *São Vicente de Fora*, em Lisboa (fig.22), os volumes torreados, apesar de não perderem a sua verticalidade, não possuem uma expressão volumétrica em planta. Perdendo independência, fundem-se na fachada, sendo a sua presença no alçado apenas anunciada pelas duplas pilastras.

Nos colégios da ordem em Coimbra e no Porto, pode-se observar uma diferente abordagem. Na *Sé Nova de Coimbra* (fig.22), as torres recuam de tal maneira em relação à fachada, que a sua presença é apenas secundária, transmitindo a ideia de terem sido acrescentadas posteriormente. Já no Porto, no *Colégio de São Lourenço*, ou dos *Grilos*, as torres, elevando-se mais do que em Coimbra, assumem contudo *um plano de 'compromisso', aparecendo no plano de fronteira, de modo a salientar a sua presença, mas perfiladas através de grossas aletas*.<sup>96</sup>

Contudo, é com as torres da *Sé de Évora* (século XII – XIII), que a igreja de Saint-Jacques possui uma maior semelhança; pela forma como estas avançam na fachada, distanciando-se do corpo da igreja e criando no espaço entre si uma área coberta e resguardada onde é feita a entrada.

A colocação e posição das torres continua no entanto a fazer parte de um problema projectual da arquitetura religiosa contemporânea. Observando a obra religiosa de Álvaro Siza, podemos perceber que o desenho de dois volumes torreados, destacados na fachada principal, faz parte do seu discurso arquitetónico. Presentes na igreja em Marco de Canaveses (1996), são igualmente utilizados na recentemente inaugurada *Capela do Monte* (2018), em Lagos. Em ambos os projetos, devido à maior simplicidade da forma conjunta, as torres fundem-se com o corpo da

<sup>95</sup> A conversão do palácio de *Santa Maria del Naranco* em igreja justificou-se provavelmente pela derrocada parcial da igreja de *San Miguel de Lillo* (século IX), que fazia parte do complexo palaciano, situando-se tão só a 100 metros do palácio.

Bonet Correa, A. (1987). *Arte Pré-Românico Asturiano*. Barcelona. Polígrafo.

<sup>96</sup> Pereira, P. (2011). *Arte Portuguesa – História Essencial*. Lisboa. Temas e Debates.





157. 158.



159. 160.



157. *Capela do Monte* (2018), Lagos - Álvaro Siza Vieira; <https://bit.ly/2KC6fWx>.  
158. igreja de *Santa Maria* (1996), Marco de Canaveses - Álvaro Siza Vieira; <https://bit.ly/2HWUixD>.  
159. casa Avelino Duarte (1985), Ovar - Álvaro Siza Vieira; <https://bit.ly/2lwZN2u>.  
160. biblioteca da *Universidade de Aveiro* (1995) - Álvaro Siza Vieira; <https://bit.ly/2KDRr9Z>.

igreja; nas fachadas laterais, devido à existência de apenas um plano, perdem alguma da sua verticalidade em prol de uma maior horizontalidade.

Ao invés, na igreja de Saint-Jacques, fruto da sua posição e relação com os restantes volumes, as torres adquirem uma independência que valoriza a sua presença. Ao salientarem-se do volume cilíndrico, apesar de a cénica ser a mesma, adquirem uma individualização que reforça a sua verticalidade. De igual modo, o facto de o plano que se afigura atrás das torres ser curvo, reforça a perspetiva e aumenta a sensação de profundidade do espaço entre as 'torres'.

Saindo do panorama da arquitetura religiosa, é ainda possível denotar que o desenho de dois volumes altos ladeando um plano recuado não se resume na obra do arquiteto português apenas à arquitetura religiosa. Estes podem ser observados em outros projetos, como na casa Avelino Duarte (1985), em Ovar - onde assumem uma composição ligeiramente diferente, com os dois volumes ligados por um plano horizontal superior; na biblioteca da *Universidade de Aveiro* (1995); ou mais recentemente no *Amore Pacific Research & Design Center* (2015),<sup>97</sup> na Coreia do Sul.

---

<sup>97</sup> Projeto concebido conjuntamente com os arquitetos Carlos Castanheira e Kim Jong Kyu.

161.



162.



163.

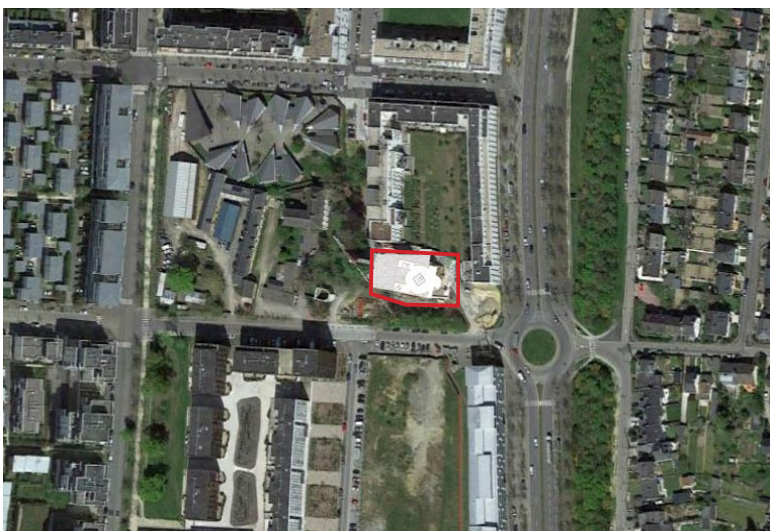


imagem aérea do terreno de intervenção: — área de intervenção

161. igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;

162. igreja de *São João Baptista*, Coimbra;

163. igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.

Elaborado pelo Autor sobre plantas disponibilizadas, respetivamente, pelo atelier *SpaceWorkers*; pelo atelier *Promontório* e pelo atelier *Arquitecto António Choupina*. ©Álvaro Siza Vieira.



## Discussão Comparada

### *Uma Igreja que se propõe e não se impõe*

#### Implantação e Integração com a Envolvente

*“A singularidade da igreja-edifício em relação às edificações comuns, que naturalmente a envolvem, confere-lhe, só por si, características de ‘monumentalidade’, que não deverão ser enfatizadas pela expressão arquitetónica, mas também não escamoteadas. [...]”*<sup>98</sup>

*Mais do que qualquer edifício de uso coletivo, a igreja deverá ser capaz de responder a uma normal e comedida representatividade. [...]”*<sup>98</sup>

Hoje, a presença da igreja na cidade sofreu uma mudança no que à sua apresentação no espaço público diz respeito. A implantação da igreja deverá, antes de mais, procurar uma adequada integração na envolvente urbana em que se insere. Apesar de muitas vezes gozar de uma certa autonomia deverá buscar uma relação de convivência com as construções próximas, indicando a sua presença de forma mais recolhida que ostensiva, evitando acentuar excessivamente um caráter de edifício-monumento.

Na igreja de Meinedo, a integração com a envolvente é dificultada pela própria condição do território onde a área de intervenção se insere – um cenário de urbanização dispersa, onde são escassos os elementos ordenadores das formas construídas que permitam a identificação de um conjunto de linhas orientadoras que guiem a conceção do projeto.

Também o programa do concurso, ao requerer uma capacidade de lugares tão elevada, condiciona a área construída da proposta e dificulta a integração com as edificações próximas, a maioria das quais caracterizadas por uma escala muito pequena.

Na sua implantação, a igreja é sensível aos problemas impostos pelas características do sítio. Afasta-se da rotunda, voltando-se para norte, e distancia-se dos limites do lote, criando espaço público de transição entre as vias de circulação e o edifício.

Pretende-se igualmente a criação de uma relação com uma das construções de maior importância na área circundante - a igreja matriz existente. Deste modo, é favorecida a orientação da igreja proposta e do adro para a rua que leva à igreja existente, situada a menos de 100 metros de distância.

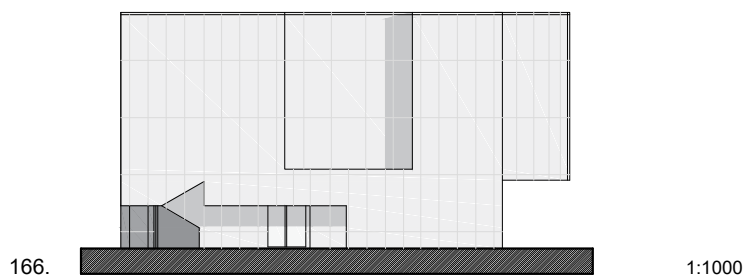
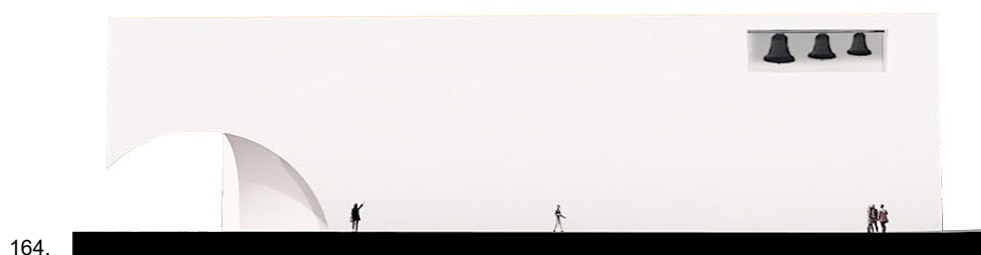
No contexto descrito, o novo edifício poderia desempenhar um papel ordenador e referenciador no contexto fragmentado que caracteriza a envolvente, relacionando as diversas construções, dispersas e díspares. Contudo, por meio da sua escala, materialidade e expressão, a igreja procura ao invés destacar-se, afirmando-se como o objeto de maior visibilidade em toda a envolvente e assumindo uma escala de grande dimensão, que não permite a relação com as edificações circundantes.

O sítio do projeto da igreja de Coimbra, incluído num plano de urbanização, facilita a integração do novo edifício com a envolvente. As vias de circulação possuem um traçado regrado, ao contrário do observado em Meinedo, e é possível identificar no conjunto das edificações que compõem o bairro uma expressão comum.<sup>99</sup>

Porém, o facto de o lote se situar no cruzamento entre a alameda central e a principal rua transversal que estrutura o plano origina um enorme destaque do sítio do projeto na matriz urbana do bairro. De modo a evitar uma monumentalização do edifício, a proposta separa em dois volumes a igreja e o centro paroquial, voltados um para o outro em extremos opostos do lote, – unidos pelo adro como elemento agregador - recusando mesmo a posição que a igreja ocupava no plano urbanístico.

<sup>98</sup> Patriarcado de Lisboa (2012). Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41. pág. 5.

<sup>99</sup> Conforme observável no plano de urbanização da Quinta da Portela, ver pág. 50. MVCCArquitectos. *Urbanização e Edifícios da Quinta da Portela*. <http://www.mvcc.pt>.



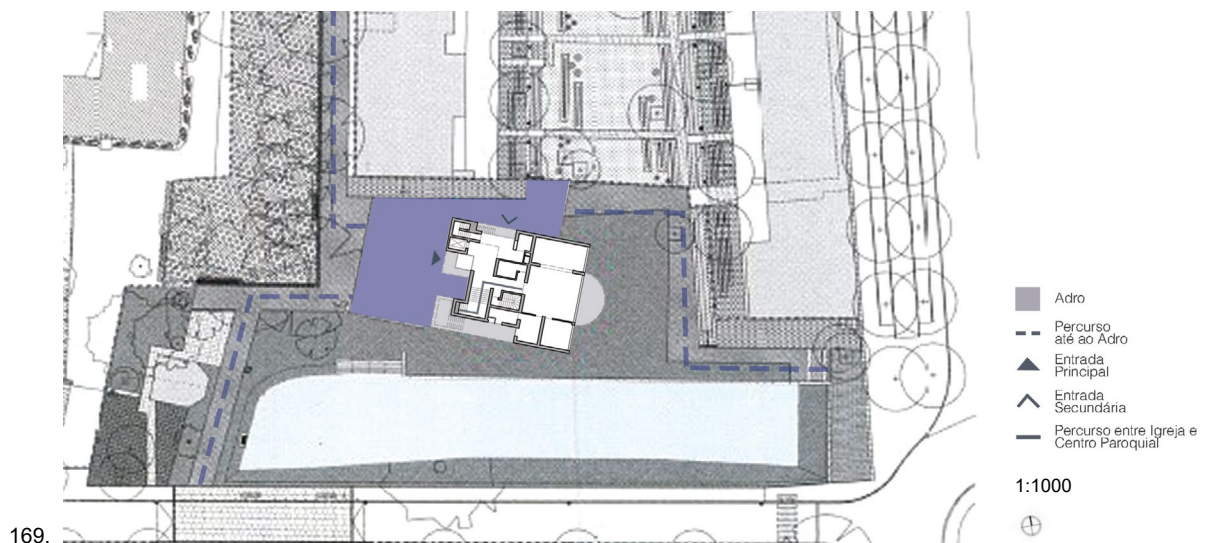
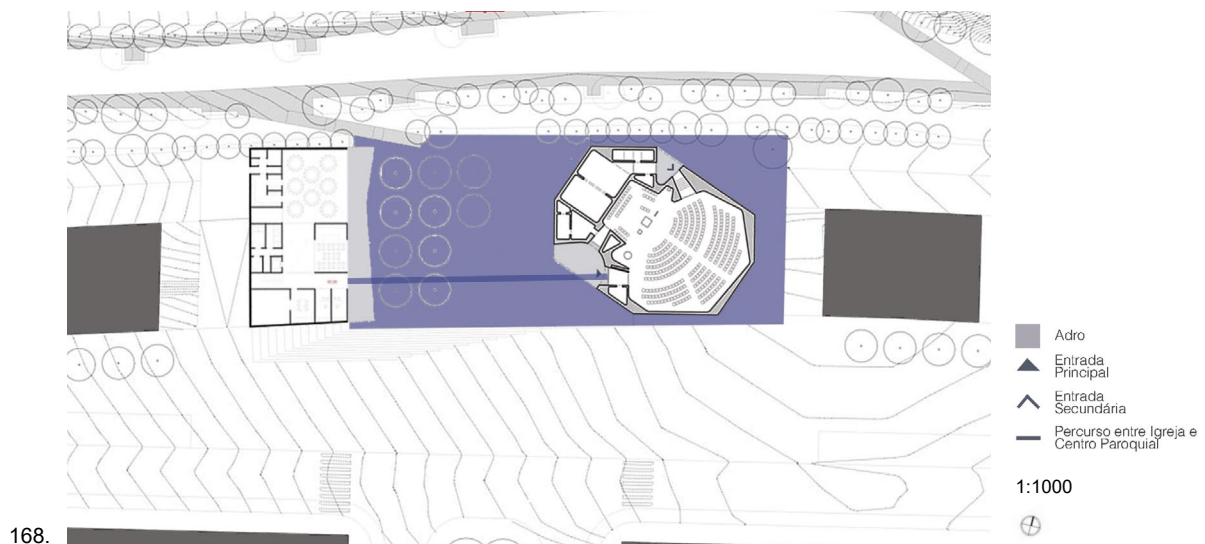
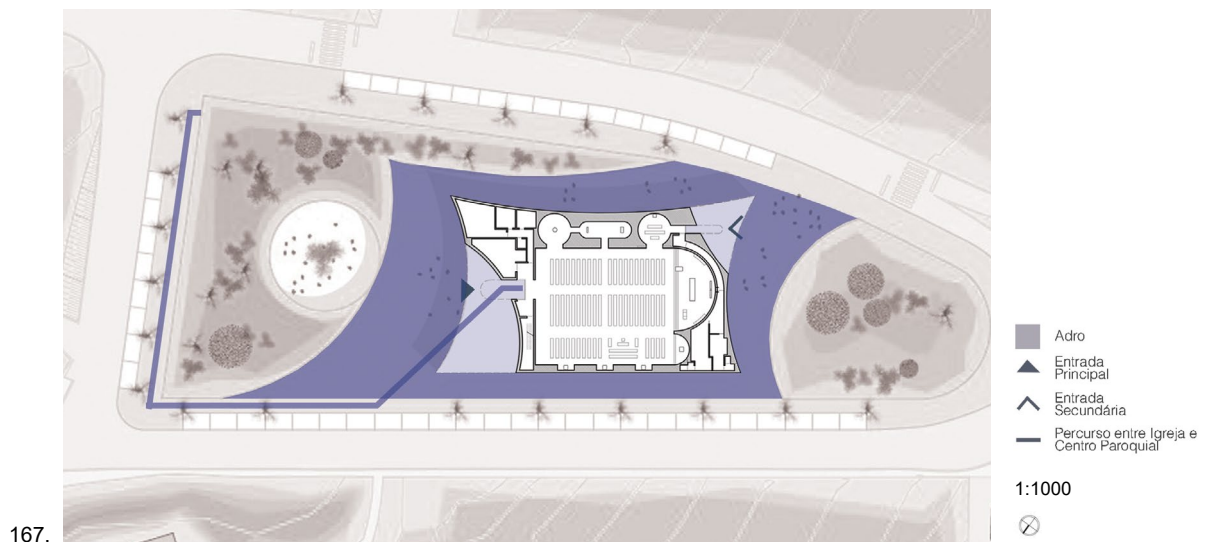
164. alçado poente - igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;  
 SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.  
 165. alçado sul - igreja de *São João Baptista*, Coimbra;  
 Promontório. *Church of Saint John the Baptist*. <https://bit.ly/2FTz0Lm>  
 166. alçado sul - igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.  
 Elaborado pelo Autor.

A escala, composição e materialidade dos volumes que compõem o projeto revelam uma preocupação em garantir uma adequada relação do edifício com as restantes edificações do bairro, assim como com a própria condição natural do terreno, através da integração do talude como parte do projeto.

Na igreja de Rennes, a escala do projeto, contrariamente à igreja de Meinedo, permite um maior controle da integração do edifício com a envolvente, nomeadamente na sua inserção dentro do quarteirão e no diálogo que estabelece com as várias partes que o compõem. A proposta procura assim integrar todos os elementos do quarteirão, naturais e construídos, respeitando a sua pré-existência e a memória do lugar, inclusive procurando relações e linhas orientadoras para a sua implantação.

Longe de possuir as características de um edifício-monumento, a presença da igreja é visível apenas a quem se desloca pela rua a nascente do quarteirão. Afasta-se da rotunda, 'protegendo-se' dentro do quarteirão. Procura igualmente relacionar-se com os edifícios habitacionais, de modo a criar um sentido de 'fecho' dos volumes em banda que formam um "U".

Tal como observado na igreja de Coimbra em relação ao talude, aqui são os volumes das habitações que estabelecem a relação equilibrada entre a escala da igreja e a envolvente. Deste modo, apesar de comedida e protegida dentro do quarteirão, a igreja não perde a singularidade que a caracteriza, destacando-se através das suas formas arquitetónicas, da sua exceccionalidade volumétrica e de pormenorização e da relação que estabelece com todos os elementos envolventes.



análise do adro: planta

167. igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;

168. igreja de *São João Baptista*, Coimbra;

169. igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.

Elaborado pelo Autor sobre plantas disponibilizadas, respetivamente, pelo atelier *SpaceWorkers*; pelo atelier *Promontório* e pelo atelier *Arquitecto António Choupina*. ©Álvaro Siza Vieira.

## Transição entre esferas – do urbano à ‘interioridade’

*“A passagem do exterior ao interior da igreja pressupõe um percurso de transição, ou mesmo de preparação. (...) Lugar de culto sagrado (separado), é natural que o seu acesso exprima essa “separação” e constitua um espaço de preparação para os que o frequentam. [...]”<sup>100</sup>*

A transição entre a escala da cidade e a escala da igreja é um tema de enorme importância na conceção de um espaço religioso e que não é novo na história da arquitetura.

O adro é um elemento fundamental nessa transição, *uma vez que faz a mediação entre a cidade e a igreja, e entre a rua e o edifício.*<sup>101</sup> Pertencendo já ao conjunto religioso, desempenha o papel de ordenação entre os vários volumes que compõem o complexo e de relação entre os programas pastoral e litúrgico. Podendo estabelecer-se como prolongamento dos volumes, o adro possui igualmente um caráter social: de encontro da população, frequentadora do espaço religioso ou não. Para além de fazer o acolhimento dos fiéis, estabelece a mediação em relação à entrada. Através do seu desenho, pode expressar uma maior abertura e permeabilidade, ou por outro lado estabelecer um sistema fechado e demarcado em relação ao espaço envolvente.

Na igreja de Meinedo, o adro desenvolve-se em toda a área circundante à igreja e não apenas na zona fronteira a esta, correspondendo a um sistema aberto, que se vai diluindo à medida que nos afastamos do edifício. Os seus limites são desenhados apenas através da diferença de pavimento em relação às zonas ajardinadas, não existindo nenhum sentido de conformação. Encontra-se portanto aberto a toda a envolvente, não vinculando a sua pertença ao edifício religioso. Adquire uma característica de percurso, que advém da intenção de criar uma ligação à igreja existente, possuindo um sentido de movimento, mais do que de permanência.

O adro não estabelece contudo um diálogo entre os dois núcleos e volumes do projeto – a igreja e o centro paroquial. Apesar da visibilidade desde o adro para o pátio do centro paroquial, localizado a um nível inferior, não é criada nenhuma ligação direta entre as duas cotas, pelo que o espaço de público de cada núcleo funciona independentemente, não promovendo a complementaridade entre os diferentes espaços.

Na igreja de Coimbra, ao contrário do observado em Meinedo, o adro estabelece uma clara transição entre a escala da cidade e do edifício, assim como uma separação do lote em relação à rua. Conformado pelos volumes da igreja e do centro paroquial, bem como pela escarpa a norte e o desnível crescente da rua a sul, o adro adquire um forte sentido de pertença ao edifício. Neste ponto, possui alguma semelhança com o desenho do adro na igreja de Santo António (2008), em Portalegre, pelo modo como se distancia da rua, assumindo-se como parte integrante do edifício religioso.

O adro possui uma grande área, assumindo-se mesmo como uma praça, arborizada, que pode adquirir outras funções, não necessariamente de caráter religioso, como eventos sociais ou culturais.

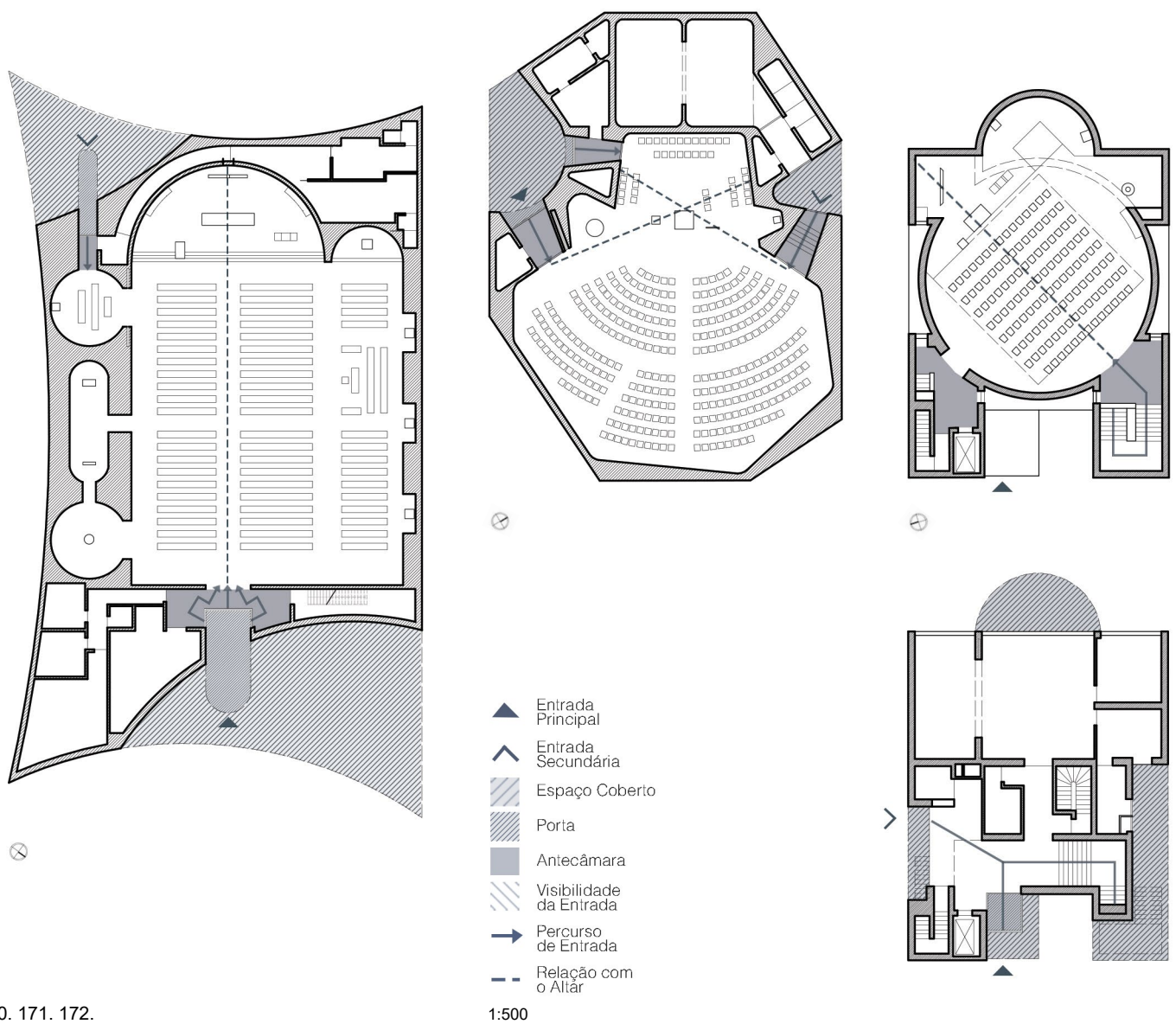
Esta praça agrega os vários momentos do projeto, estabelecendo o diálogo entre os volumes da igreja e do centro paroquial. Este desenho permite observar, com a devida diferença, algumas semelhanças com a composição do adro no complexo paroquial de Marco de Canaveses (1996), pelo modo como este medeia a tensão vertical e horizontal entre a posição dos volumes da igreja e do centro paroquial.

A posição do volume da igreja de Coimbra permite a criação de uma área mais resguardada, no extremo nascente do sítio do projeto, que serve a entrada secundária da igreja e as capelas mortuárias.

Na igreja de Saint-Jacques, a posição do edifício no quarteirão e a orientação da entrada principal permitem que seja trabalhada a ideia de percurso de aproximação ao edifício, através do

<sup>100</sup> Patriarcado de Lisboa (2012). Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41. pág. 6.

<sup>101</sup> Marques, J. (2012). *The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 case studies*. EU-RAU'12. Porto.



análise entradas: planta

170. igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;

171. análise entradas: planta - igreja de *São João Baptista*, Coimbra;

172. análise entradas: plantas piso térreo e 1º piso - igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.

Elaborado pelo Autor.



tratamento dos caminhos pré-existentes que atravessam o lote.

A implantação da igreja no interior do quarteirão promove uma distância e separação em relação à envolvente urbana, possibilitando que o adro fronteiro à igreja adquira um maior sentido de proteção e promovendo o encontro e a reunião. Ao contrário do observado nas outras duas igrejas, esta área é delineada através do desenho do pavimento, em lajeado de betão, que se distingue do solo adjacente. O material esclarece que o adro se desenvolve nos lados poente e norte, de modo a servir as duas entradas no edifício.

O adro serve-se dos próprios elementos pré-existentes que formam o quarteirão de modo a conformar a sua posição: o ribeiro no lado sul; o muro no lado poente; e o topo do edifício habitacional a norte. Por fim, a colocação da torre sineira no ângulo sudeste do adro contribui para definir o lado mais aberto.

A conceção de uma igreja implica o desenho e controlo da passagem e transição entre a esfera exterior e interior, pela necessidade de separação entre a azáfama e o ruído que marcam o ambiente exterior, e a calma e o silêncio que são privilegiados no ambiente interior.

Esta transição é geralmente estabelecida através de um percurso por espaços de mediação (com um traçado e um grau de encerramento diferentes), que incutem uma ideia de recolhimento gradual, preparando a entrada no espaço litúrgico. Neste percurso é essencial a existência de um momento que demarque a transposição do limiar que separa as duas esferas, geralmente materializado na porta.

A par do próprio espaço litúrgico, o entendimento do carácter da porta sofreu alterações, procurando afastar-se de um carácter monumental e adquirindo em várias igrejas um menor sentido vertical.<sup>102</sup>

Na igreja de Meinedo, o espaço coberto que antecede a entrada na igreja, apesar de se relacionar com a escala do edifício, não estabelece uma adequada transição em relação ao adro. Devido à grande altura e superfície curva muito aberta deste espaço, perde-se o sentido de uma galilé de acolhimento dos fiéis antes e depois das celebrações.

O desenho das portas segue o mesmo entendimento do espaço coberto, caracterizado pelo uso de uma escala monumental, não contribuindo para uma sensação de acolhimento na entrada no edifício.

Na igreja de Coimbra, o desenho do endo-nártex, através da sua escala e traçado curvo, cria um sentido de proteção que estabelece uma clara diferença em relação à praça, promovendo um maior sentido de resguardo do que o observado na igreja de Meinedo.

As portas, apesar de expressarem um carácter cerimonial, aproximam-se da altura do homem, enquanto a configuração da antecâmara, comprida e afunilada, possui uma expressão de continuidade do desenho do umbral onde são colocadas as portas, estabelecendo a transição final em relação ao meio exterior.

Na igreja de Saint-Jacques, os dois volumes retangulares que avançam na fachada do edifício delimitam uma área do adro caracterizada por um maior grau de encerramento que, à semelhança dos espaços cobertos nas outras duas igrejas, faz a mediação entre o adro e o volume enviaçado da entrada. Apesar de não existir um espaço coberto com a dimensão dos observados em Meinedo e Coimbra, a área por baixo do volume quadrangular a sul e o plano horizontal que cobre o volume da entrada permitem a proteção dos fiéis antes e depois das celebrações. Este sentido de receção é continuado pelo átrio de entrada e pela própria escada.

<sup>102</sup> Na igreja de Marco de Canaveses (1996), do arquiteto Álvaro Siza, a porta da igreja, com 10 metros de altura, é desenhada segundo um entendimento monumental da sua presença. O seu carácter vertical é justificado pela intenção em relacionar a entrada na igreja com a vastíssima vista do vale que caracteriza a envolvente. Normalmente, a entrada é feita através da porta de vidro debaixo do volume torreado do lado sul, sendo a grande porta principal aberta apenas em ocasiões especiais. Quando tal acontece, o espaço da nave parece extrapolar os seus limites interiores, prolongando-se para o adro fronteiro à igreja.

Siza Vieira, Á. (1998). *Igreja de Santa Maria; the church of St. Mary*— trad. Byrne, J. Marco de Canaveses. P.S.M.F. Zúrique. Schnell & Steiner.





173. 174.

173. adro da igreja do convento de *São Domingos* (2005), Alto dos Moinhos - Arq. João Paulo Providência e arq. José Fernando Gonçalves - o adro, elevado em relação à rua, estabelece uma relação direta com o espaço interior da igreja; J. J. Ferreira. *Uma nova igreja em Lisboa...* <https://bit.ly/2N0aqxk>.

174. rampa de acesso ao adro da igreja de *Santiago das Antas* (2016), Famalicão - arq. Hugo Correia - a rampa faz o prolongamento do eixo axial que organiza o espaço litúrgico no interior. Agência Ecclesia. *Dedicação da nova igreja paroquial de São Tiago das Antas*. <https://bit.ly/2Kb6pIG>.

Dada a localização do espaço litúrgico no piso superior, o percurso de entrada é continuado no interior do edifício, através da escada. O percurso efetuado desde a entrada no edifício é mais longo do que o observado nas outras igrejas em estudo, possuindo os momentos que o compõem uma maior diferença formal entre si, contribuindo para uma maior noção de transição em relação à esfera exterior. Não obstante o desenho cuidado deste acesso, a sua posição e relação hierárquica no conjunto dos vários espaços que compõem o edifício não contribui para a valorização da entrada no espaço litúrgico.

O percurso de entrada, apesar de possuir a função de separação entre os meios exterior e interior, pode pressupor uma relação entre ambos, permitindo um sentido de percurso conjunto, ou até mesmo um prolongamento do espaço litúrgico para o exterior.

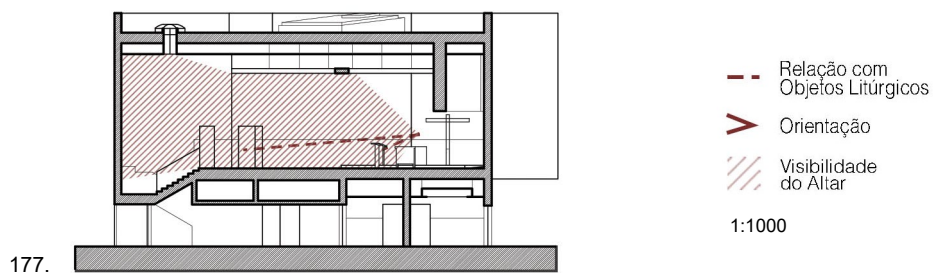
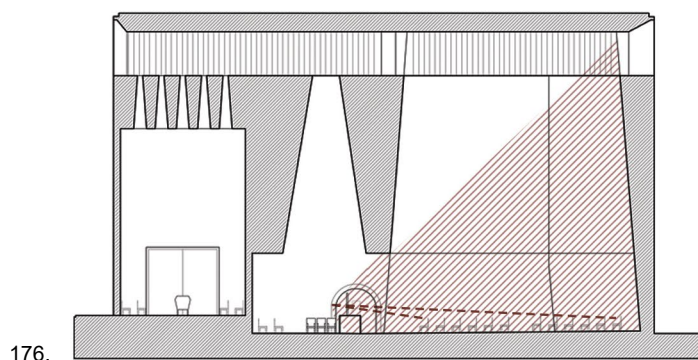
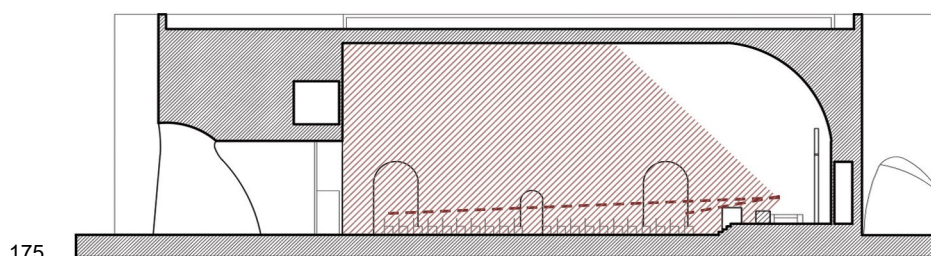
A igreja de Meinedo, ao possuir uma planta de tipo longitudinal, estando a entrada a eixo com a organização da assembleia e com o presbitério, permite estabelecer uma continuidade entre o exterior e o interior, que pode servir os percursos processionais efetuados durante algumas celebrações. Esta possibilidade de criação de uma continuidade pode ser observada em outros exemplos de igrejas que adotam o tipo de planta longitudinal, como a igreja do convento de *São Domingos* (2005), no Alto dos Moinhos,<sup>103</sup> onde o espaço litúrgico possui uma relação forte com o adro, ou a mais recente igreja de *Santiago das Antas* (2016), em Famalicão,<sup>104</sup> onde o percurso em rampa de aproximação à entrada estabelece um prolongamento para o exterior do eixo axial que estrutura o espaço litúrgico.

Na igreja de Coimbra, o desenho do percurso de entrada possui uma intenção clara de quebrar a relação entre os dois meios, fomentando uma total reclusão do espaço sagrado, voltado para o seu interior. Contudo, isto não permite que o espaço da igreja se desdobre para o exterior, onde poderia tirar partido da grande área da praça.

Na igreja de Saint-Jacques, a existência de um piso superior quebra a possibilidade de estabelecer qualquer prolongamento entre o espaço litúrgico e o exterior.

<sup>103</sup> Arq. João Paulo Providência e arq. José Fernando Gonçalves. A igreja integra um conjunto composto pelo convento, residência universitária e centro cultural. <https://www.snpcultura.org>.

<sup>104</sup> Arq. Hugo Correia. Obra publicada em *Arquitetura & Construção*, Fevereiro de 2010. págs. 32-38.



análise assembleia e presbitério: corte longitudinal  
 175. igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;  
 176. igreja de *São João Baptista*, Coimbra;  
 177. igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.  
 Elaborado pelo Autor.

## Comunidade Participante

### Presbitério

*“A celebração eucarística, ou Missa, é a reunião de uma assembleia, ou comunidade, de pessoas batizadas, que realizam a ação litúrgica comum, [...]”*

*A igreja é pois o espaço de reunião do “Povo de Deus”. A unidade do espaço de celebração e a unidade da assembleia que a realiza serão determinantes na conceção arquitectónica interior. [...]”<sup>105</sup>*

O Concílio Vaticano II (1962-1965) introduziu uma mudança na compreensão do espaço litúrgico, promovendo uma maior abertura da participação ativa por parte da comunidade de fiéis na celebração litúrgica. Atendendo à função primeira da igreja – a celebração eucarística – o presbitério predomina sobre todos os outros polos da igreja: este é o local onde se localiza o altar - o foco de todos os olhares e atenções. Deste modo, a sua posição deverá expressar um sentido de convergência de todo o espaço da igreja. Deve ainda diferenciar-se da assembleia, procurando demarcar o seu valor hierárquico, sem que com isso se provoque um desequilíbrio entre os dois polos.

Na igreja de Meinedo, o valor hierárquico do presbitério é expressado através do seu entendimento como uma abside - ao qual se encontra inerente um sentido de ‘cabeça’ da igreja, por oposição ao ‘corpo’ representado pela(s) nave(s). A posição do presbitério expressaria um sentido de convergência total em relação à nave central, não fosse a adição de uma só nave lateral, que provoca um deslocamento do centro geométrico do espaço litúrgico, levando a que a abside não ocupe uma posição central em relação ao espaço conjunto das duas naves.

A igreja de Coimbra é o caso que apresenta um sentido mais claro de estruturação em duas unidades, presbitério e assembleia, demarcadas mas complementares. Este sentido é atribuído pelo desenho do presbitério cuja figura geométrica quadrangular se destaca da nave octogonal. Isto não diminui o sentido de convergência do espaço litúrgico, sendo este atribuído pela própria forma da nave: pelas paredes interiores que ‘apontam’ para o presbitério e pela própria geometria octogonal da nave, onde o lado maior é o de contacto entre a assembleia e presbitério.

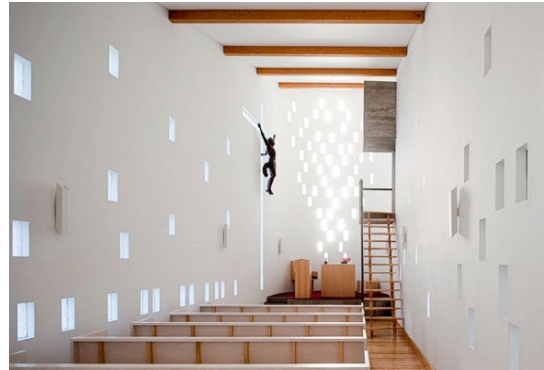
Por sua vez, o presbitério da igreja de Saint-Jacques está contido no volume cilíndrico que acolhe também a assembleia. O carácter curvo deste volume expressa um claro sentido de convergência do espaço para o presbitério, sendo o valor hierárquico deste reforçado pela sua expansão para o volume quadrangular, permitindo-lhe igualmente adquirir uma forma geométrica que se destaca da figura curva da nave.

A diferenciação e o destaque do presbitério em relação à assembleia pode ser igualmente afirmado por estratégias complementares de desenho, como a elevação da cota do pavimento, a diferença de pé-direito, ou mesmo o uso de um material de revestimento distinto. Estas opções influenciam contudo a continuidade entre os dois polos, podendo contribuir para um afastamento ou aproximação entre si, e consequentemente entre a comunidade e o altar.

Na igreja de Meinedo, não existindo diferença de pé-direito ou de largura entre a abside e a nave central, é promovida uma leitura de continuidade, caracterizada por uma diluição da fronteira de separação entre ambos, onde se confundem os limites de cada um, o que anula o sentido hierárquico pretendido com o desenho da abside. Face à grande continuidade entre os polos, a diferenciação do presbitério é estabelecida através da sua considerável elevação, a que se alia uma materialidade distinta no revestimento do pavimento. Dada a forma longitudinal e extrema-

<sup>105</sup> Patriarcado de Lisboa (2012). Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41. pág. 6.

178.



179. 180.



181. 182.



178. capela de *Santa Ana* (2009), Santa Maria da Feira - e|348 *arquitectura*;  
*Santa Ana's Chapel* / e|348 *arquitectura*. <https://bit.ly/2tlhrdb>.  
 179. capela do *CREU-IL* (2003), Porto - *Nuno Valentim e Frederico Eça Arquitectos*;  
*Capela Creu* / Nuno Valentim *Arquitectura*. <https://bit.ly/2Ks26YG>.  
 180. capela *Árvore da Vida* (2011), Braga - *Cerejeira Fontes Arquitectos*;  
*Chapel Tree of Life* / Cerejeira Fontes *Arquitectos*. <https://bit.ly/2KbrSBb>.  
 181. *Capela do Monte* (2018), Lagos - Álvaro Siza Vieira;  
 João Morgado. *Capela do Monte*. <https://bit.ly/2KC6fWx>.  
 182. igreja da *Venda Nova* (2014), Amadora - *Promontório*.  
*Promontório. Church of Venda Nova*. <https://bit.ly/2Kbs2sh>.

mente alongada das naves, associada à grande lotação da igreja, esta elevação do presbitério corresponde a uma estratégia necessária, de modo a assegurar uma visibilidade adequada a todos os fiéis sentados nos lugares da assembleia, ainda que se possa traduzir num afastamento em relação à assembleia e consequentemente aos fiéis.

Esta análise permite notar que, independentemente da escala do espaço, a um forte caráter longitudinal encontra-se associada uma elevação do presbitério, por forma a garantir uma visibilidade adequada a todos os lugares da assembleia. Isto pode ser observado em diversas capelas e igrejas mais antigas, ou num exemplo mais contemporâneo, na capela de *Santa Ana* (2009), em Santa Maria da Feira,<sup>106</sup> onde apesar da sua pequena dimensão, se revelou igualmente necessária a diferença de cota em relação à assembleia.

Em Coimbra, uma vez que o presbitério não se encontra elevado, nem existe uma distinção no material que reveste o pavimento, a delimitação estabelecida através da sua figura quadrangular é auxiliada pela diferença de pé-direito em relação à assembleia e pela ligeira inclinação no pavimento da nave, que reforça também o sentido de convergência para o altar.

A posição do presbitério é igualmente reforçada através da pirâmide de luz que incide sobre o seu centro, diferenciando-se em relação à iluminação contínua da assembleia.

Apesar de não se afigurar necessária uma elevação do presbitério, poder-se-ia pensar na possibilidade de colocação do altar sobre um supedâneo, que melhor afirmasse a sua posição e diferenciação em relação ao pavimento contínuo de mármore que cobre todo o espaço litúrgico.

Na arquitetura religiosa portuguesa, a colocação do presbitério e da assembleia à mesma cota é observada sobretudo em capelas, por possuírem uma diferente dimensão e natureza programática em relação a uma igreja paroquial, que resultam em espaços caracterizados por uma maior proximidade e intimidade, como são exemplo a capela do *CREU-IL* (2003), no Porto,<sup>107</sup> a capela *Árvore da Vida* (2011), em Braga,<sup>108</sup> ou a capela do *Monte* (2018), em Lagos.<sup>109</sup>

A relação de nível entre o presbitério e a assembleia faz parte de um entendimento próprio do atelier *Promontório* no que diz respeito ao espaço litúrgico. Observando o projeto para a Igreja da *Venda Nova* (2014), na Amadora,<sup>110</sup> concebido pelo mesmo atelier, o espaço interior da igreja é idêntico: o presbitério não se encontra elevado e o pavimento da assembleia possui uma pendente que reforça a convergência no sentido do primeiro. Em prol de os dois espaços possuírem um pé-direito com a mesma altura, estando contidos no mesmo volume pentagonal, o presbitério adquire uma materialidade distinta no que respeita ao pavimento, com o intuito de afirmar a sua posição.

Em Saint-Jacques, o destaque do presbitério em relação à assembleia é reforçado através da elevação, tanto da cota a que se encontra como do pé-direito, acompanhada por uma distinção do material do pavimento. A diferença de cota em relação à nave, ao corresponder apenas à altura de um degrau, permite uma conjugação equilibrada do caráter hierárquico essencial ao presbitério e do valor inerente ao acesso ao lugar do altar.

Caso a área do presbitério não se encontrasse elevada, a demarcação de cada espaço continuaria a ser feita através da diferença de pé-direito, assim como seria assegurada uma visão adequada a partir de qualquer ponto da assembleia. Contudo, a relação hierárquica, a diferenciação espacial e material e a relação geométrica e compositiva entre os dois polos seriam enfraquecidas, prejudicando a leitura individual e complementar de cada um.

Uma situação semelhante pode ser observada na igreja de *São António* (2008), em Portalegre:<sup>111</sup> o espaço de assembleia, de planta quadrangular, procura uma maior proximidade em relação ao presbitério, que se eleva apenas um degrau, o que aliado à mudança de materialidade no pavimento é o suficiente para reforçar a posição hierárquica deste espaço.

Numa leitura comparada dos vários casos apontados, é perceptível que um espaço caracterizado

<sup>106</sup> e|348 *arquitectura*.

<sup>107</sup> Nuno Valentim e Frederico Eça *Arquitectos*.

<sup>108</sup> Cerejeira Fontes *Arquitectos*.

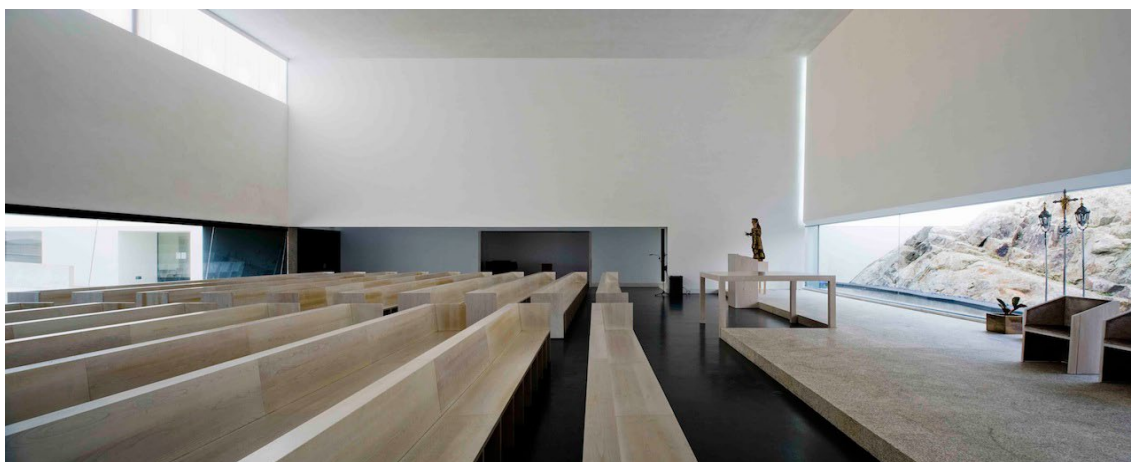
<sup>109</sup> Álvaro Siza Vieira. Já mencionada a propósito da discussão em torno do desenho e posição dos volumes torreados, ver página 123.

<sup>110</sup> Já mencionada a propósito da discussão em torno do desenho do clerestório, ver página 79.

<sup>111</sup> Arq. João Luís Carrilho da Graça. Já mencionada a propósito da discussão em torno do adro, ver página 131.



183.



183. igreja de São António (2008), Portalegre - arq. Luís Carrilho da Graça.  
*Igreja de Santo António e Centro Social de São Bartolomeu / Carrilho da Graça Arquitectos.* <https://bit.ly/2lw5k8w>.



por um maior equilíbrio entre largura e comprimento, ao permitir uma menor distância entre o altar e o extremo mais afastado da assembleia, possibilita uma menor, ou mesmo inexistente, elevação do presbitério.

No desenho do presbitério, é necessário assegurar que este possui uma área suficiente que permita os percursos executados durante o rito e que garanta uma visibilidade completa a partir de qualquer ponto da assembleia.

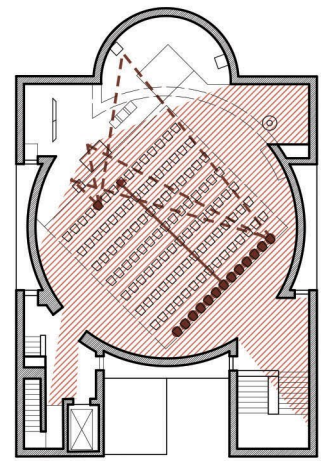
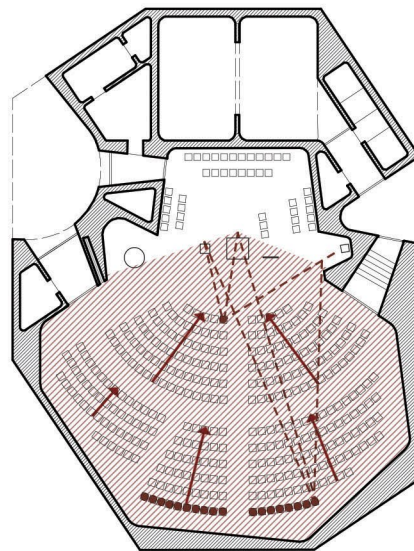
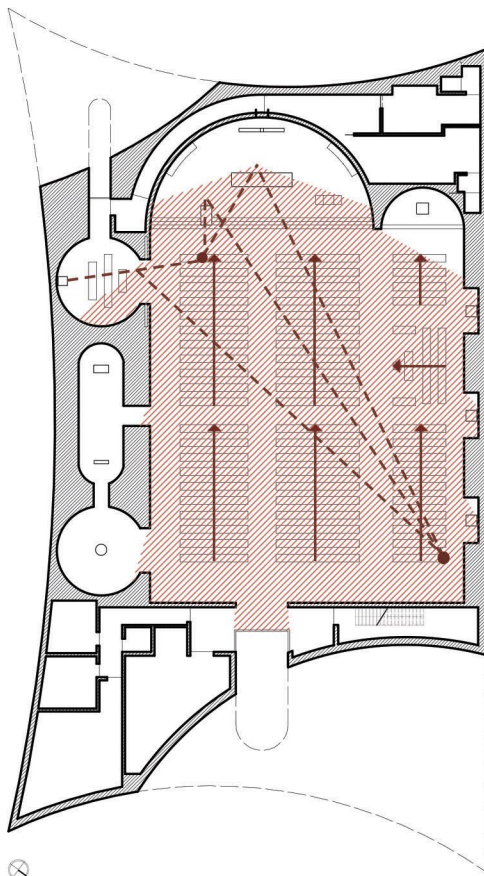
Na igreja de Meinedo, a dimensão do presbitério é 'condicionada' pela largura da nave central, resultando numa largura e profundidade consideráveis. Isto permite uma adequada colocação de todos os elementos litúrgicos, a realização de cerimónias com um maior número de presbíteros e acautela ainda a eventualidade de abertura de uma comunicação com a sacristia na parede curva da nave.<sup>112</sup>

Na igreja de Coimbra, o presbitério caracteriza-se por uma grande profundidade, associada à sua possibilidade de utilização independente como capela da adoração do Santíssimo, permitindo uma cómoda celebração e circulação. No caso de o espaço interior da igreja se encontrar totalmente aberto, esta profundidade pode no entanto causar um certo desequilíbrio proporcional em relação com a nave.

Na igreja de Saint-Jacques, o presbitério possui uma área algo reduzida, o que pode fragilizar as movimentações rituais que nele são feitas. Apesar de se expandir para o volume quadrangular, esta área serve os propósitos de colocação da cruz e de prolongamento da profundidade do presbitério, sem que seja utilizada como área de circulação.

---

<sup>112</sup> Já mencionado anteriormente aquando da apresentação crítica do caso de estudo, ver nota de rodapé Ver página 39.



- Relação com  
Objetos Litúrgicos
- > Orientação
- /// Visibilidade  
do Altar

1:1000

184. 185. 186.

análise assembleia e presbitério: planta  
184. igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo;  
185. igreja de *São João Baptista*, Coimbra;  
186. igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande.  
Elaborado pelo Autor.

## Organização da Assembleia

*“O sentido de reunião em torno do altar encontrará expressão adequada na convergência de todos os lugares na direção do altar, desde que se tenha presente que toda a celebração implica um permanente diálogo em que participam o presidente, os ministros e toda a assembleia. [...]”*<sup>113</sup>

A organização da assembleia deve expressar a ideia de a comunidade rodear o altar. Esta noção não deverá no entanto decorrer de uma interpretação literal associada apenas à disposição dos lugares, procurando que as formas arquitetónicas auxiliem igualmente a criação de um sentido de reunião em torno do altar.

Em função da escala e da capacidade do espaço, os lugares são organizados em setores, com o intuito de evitar uma excessiva massificação da assembleia. Privilegiam-se disposições que permitam uma menor distância entre o altar e as últimas filas de lugares, de forma a promover uma participação e vivência da celebração litúrgica semelhante, independentemente do lugar ocupado - não perdendo de vista que, apesar da individualidade de cada um, a comunidade é uma grande família.

Na igreja de Meinedo, a forma retangular e longitudinal das naves, caracterizada pela diferença pronunciada de dimensão entre largura e comprimento, conduz à adoção de uma disposição axial. A fim de evitar que a assembleia adquira uma extensão demasiado longa e de garantir a circulação entre os vários polos litúrgicos, são desenhados corredores, longitudinais e transversais, que dividem a assembleia em vários setores. A grande distância, de 20 metros, que separa a primeira fila da última, aliada à relação entre a nave lateral e o presbitério, não contribui para um sentido de comunidade igual e una, uma vez que provoca vivências muito distintas entre os vários setores e lugares, caracterizados por um diferente grau de proximidade em relação ao altar. Esta disposição não exprime a ideia de comunidade que rodeia o altar, contribuindo ao invés para uma posição passiva dos fiéis durante a cerimónia.

Na igreja de Coimbra, a grande transversalidade da nave permite uma menor distância entre as primeiras e as últimas filas da assembleia. A organização semicircular favorece a ideia de a comunidade se aproximar e de convergir para o altar, rodeando-o. Ao mesmo tempo desenha um espaço entre o altar e a primeira fila que serve a distribuição da comunhão.

Contudo, essa mesma transversalidade obriga à criação de vários corredores que dividem a assembleia em setores que, em conjunto com a forma octogonal da nave, provocam uma diferença considerável entre as várias filas que compõem a assembleia.

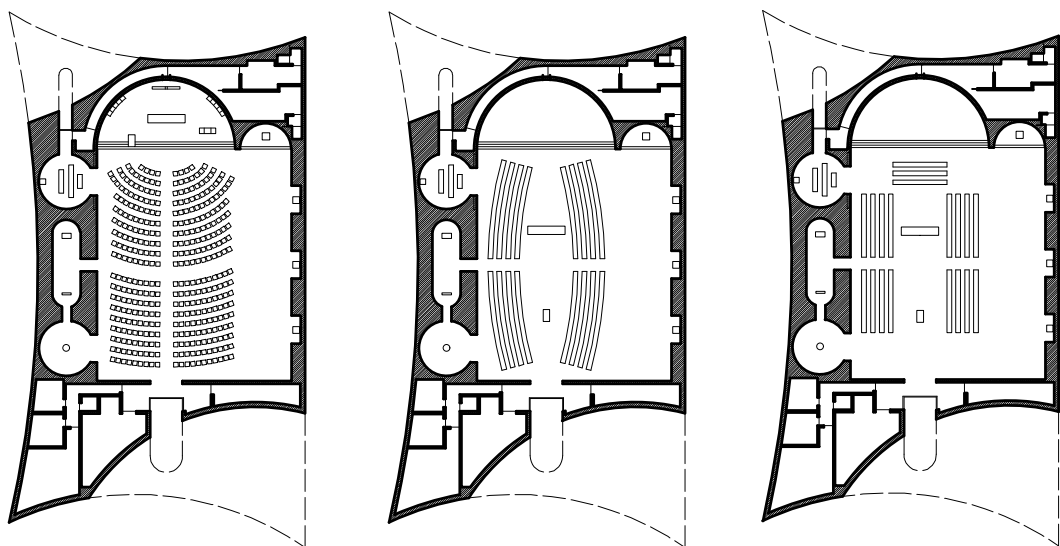
Na igreja de Saint-Jacques, tal como em Meinedo, a assembleia encontra-se organizada de modo axial. O espaço ocupado pela assembleia possui uma figura quadrangular, sem divisões. Dada a menor escala do projeto e a forma circular da nave, existe igualmente uma menor distância entre a primeira e a última fila. Esta organização expressa claramente a noção de comunidade de uma, que se aproxima e converge para o altar, mais até do que na igreja de Coimbra.

Deste modo, é possível apontar que a sensação de proximidade ao altar e a noção de comunidade una decorrem sobretudo da escala, dimensão e proporção do espaço, ou no que a forma condiciona a organização dos lugares. Apesar de à ideia de rodear o altar estar normalmente associada uma ideia de organização curva ou em leque, esta não é estritamente necessária, uma vez que este propósito pode igualmente ser expresso através de uma disposição axial.

É igualmente possível entender o porquê de o uso da forma do tipo centralizado, ou o desenho de espaços caracterizados por um forte sentido transversal foram amplamente difundidos após o *Concílio Vaticano II* (1962-1965), em detrimento do uso da planta do tipo longitudinal, cuja consequente organização axial não permite uma aproximação e reunião em torno do altar adequadas à participação ativa da comunidade na celebração litúrgica.

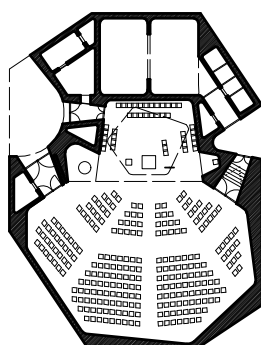
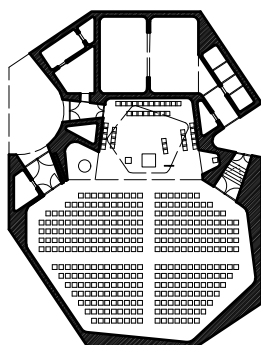
---

<sup>113</sup> Patriarcado de Lisboa (2012). Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41. pág. 7.

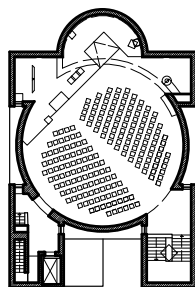
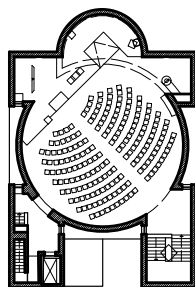


187. 188. 189.

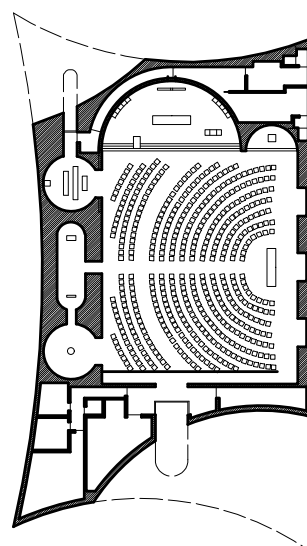
1:1000



1:1000



1:1000



1:1000

191. 192.  
193. 194. 190.

#### Possibilidades de reconfiguração da Assembleia

- igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo:

187. disposição curva voltada para o presbitério - esta disposição não permite a criação de um corredor de passagem paralelo às paredes laterais da nave;

188. disposição curva ao longo do eixo da nave central - dado o grande comprimento da nave, apenas na zona central os fiéis se encontram 'voltados' para o altar; do mesmo modo, o presidente da celebração encontra-se de costas para parte da assembleia;

189. disposição paralela ao eixo da nave central - apesar de expressar um maior sentido de convergência do que a hipótese anterior, não resolve o facto de o presidente da celebração se encontrar de costas para parte da assembleia;

190. disposição curva voltada para a nave lateral - o aproveitamento das duas naves revela um maior equilíbrio entre as proporções do espaço, viabilizando a adoção de uma disposição curva;

- igreja de *São João Baptista*, Coimbra:

191. disposição axial;

192. disposição paralela às paredes laterais da nave;

- igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande:

193. possibilidade de disposição curva com corredor central;

194. disposição angular com corredor central.

Elaborado pelo autor.

## Flexibilidade da Assembleia

Os casos em estudo não pressupõem uma alteração da posição do presbitério, uma vez que em todos os três, o altar corresponde a uma peça fixa. Contudo, a utilização de cadeiras ou bancos móveis permite uma reconfiguração na organização da assembleia, 'condicionada' em cada igreja pela forma do espaço: pela geometria da nave e do presbitério.

A igreja de Meinedo é o exemplo onde esta 'condição' se revela mais evidente, pois a forma das naves privilegia a colocação dos lugares segundo uma disposição axial. Organizações de tipo centrado não contribuiriam nem para o reforço do sentido de convergência característico deste tipo de disposição, nem para uma sensação de a comunidade rodear o altar, revelando-se como o resultado de um mero formalismo simbólico.

A forma do espaço permitiria contudo o aproveitamento do seu comprimento, adotando uma disposição voltada para o seu eixo longitudinal. Acompanhada de uma colocação do altar e do ambão voltados um para o outro, esta solução permitiria uma maior aproximação entre a comunidade celebrante. Contudo, esta solução implicaria uma duplicação do altar e do ambão, 'esvaziando' o sentido da abside.

Este modo de disposição funciona mais adequadamente em espaços com uma escala mais reduzida, onde o caráter longitudinal não é tão pronunciado, como são exemplo a capela *Árvore da Vida* (2011), em Braga,<sup>114</sup> ou a *Bishop Edward King Chapel* (2013), em Oxfordshire.<sup>115</sup>

Na igreja de Coimbra, a organização da assembleia é dependente da forma octogonal da nave, - concebida a partir de uma intenção prévia de disposição centralizada - assim como do desenho do presbitério num espaço destacado.

Dado o claro desenvolvimento transversal da forma da assembleia em relação com do presbitério, uma organização axial provocaria uma quebra na relação com a forma da nave e no sentido de convergência para o altar.

Poderia por outro lado ser adotada uma organização em leque, paralela às paredes laterais da forma octogonal. No entanto, esta opção obrigaria à criação de corredores de circulação adicionais, diminuindo a capacidade da igreja e criando uma maior sectorização da comunidade, como se pode observar na igreja da *Nossa Senhora das Necessidades* (2011), em Chãs.<sup>116</sup>

Na igreja de Saint-Jacques, dada a forma curva do cilindro, o espaço adquire uma maior flexibilidade, o que possibilita igualmente a adoção de uma disposição semicircular. Nesta eventualidade, seria possível um maior aproveitamento da área da nave e o reforço da sensação de a comunidade rodear o altar. Contudo, provocar-se-ia uma quebra na relação entre a assembleia e a forma do espaço, entre o círculo e o quadrado inscrito, criadora de uma sensação de rotação geométrica. Do mesmo modo, seria quebrada a relação entre o desenho da assembleia e do presbitério, bem como a diminuição dos espaços laterais destinados à circulação.

A solução de uma planta semicircular num espaço curvo está diretamente dependente do desenho do próprio presbitério. Isto pode ser observado por exemplo na igreja de *Nossa Senhora dos Navegantes* (2014), no Parque das Nações, Lisboa,<sup>117</sup> onde o presbitério possui uma figura circular, que se destaca da parede de fundo, relacionando-se com a organização semicircular da assembleia.

Através destas considerações, é possível debater a opção projectual pela colocação de bancos coletivos ou cadeiras individuais e a recorrência ou singularidade do seu uso.

Pela análise elaborada, entende-se que o uso de cadeiras individuais, nas igrejas de Coimbra e de Saint-Jacques, não se encontra associado à possibilidade de alterar a sua configuração a favor de uma mudança do entendimento da assembleia na relação com o altar e com o ritual litúrgico.

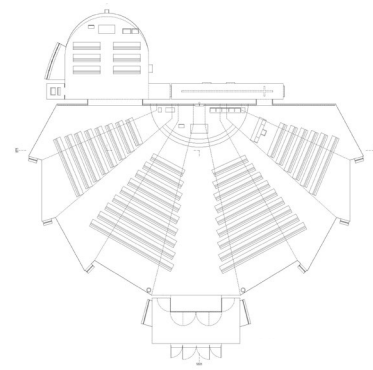
114 Cerejeira *Fontes Arquitectos*, 2010. Já mencionada a propósito da discussão em torno do desenho do presbitério, ver pág. 139.

115 Niall Mc Laughlin Architects, 2013. <http://www.niallmcLaughlin.com>.

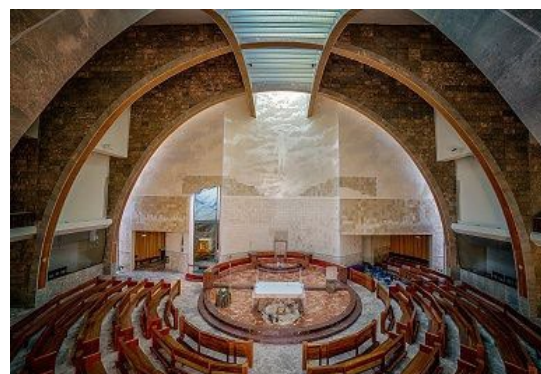
116 Arquitectas Célia Faria e Inês Cortesão, 2011. Chãs, Leiria. <http://ultimasreportagens.com>.

117 Arq. José Maria Dias Coelho, 2014. Parque das Nações, Lisboa. Apesar de a obra para a construção da igreja ter sido iniciada em 2013, o projeto data de 2001.





195. 196.



197.  
198. 199.

195. capela *Árvore da Vida* (2011), Braga - *Cerejeira Fontes Arquitectos*;  
*Capela Árvore da Vida*. <https://bit.ly/2Kd0qDj>.  
 196. planta da igreja da *Nossa Senhora das Necessidades* (2011), Chãs - arquitetas Célia Faria e Inês Cortesão;  
 197. igreja da *Nossa Senhora das Necessidades* (2011), Chãs - arquitetas Célia Faria e Inês Cortesão;  
*Nossa Senhora das Necessidades Church / Célia Faria + Inês Cortesão*. <https://bit.ly/2yPaUTY>.  
 198. *Bishop Edward King Chapel* (2013), Oxfordshire, Inglaterra - *Niall Mc Laughlin Architects*;  
*Bishop Edward King Chapel*. <https://bit.ly/2Mr9CQU>.  
 199. igreja da *Nossa Senhora dos Navegantes* (2014), Parque das Nações - arq. José Maria Dias Coelho.  
*Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes*. <https://bit.ly/2ltAi0Z>.

gico. Na igreja de *São João Baptista*, está associada à hipótese de o espaço possuir ocasionalmente um uso que não o religioso. Uma mudança na organização da assembleia não constituiu uma premissa para a conceção do projeto, uma vez que a forma da nave, assim como a pendente do seu pavimento, foram desenhadas em função de uma disposição semicircular. Na igreja de Saint-Jacques, o uso de cadeiras está por sua vez associado à possibilidade de ser criado um corredor central que permita um percurso processional entre a entrada e o altar. À semelhança da igreja de Coimbra, não foi estabelecida como intenção do projeto considerar outras formas de disposição. Isto é observável pelo intencional sentido axial do espaço litúrgico, presente deste a primeira fase do projeto, e pela própria colocação do plano quadrangular suspenso, que delimita a forma e posição da assembleia.

Por sua vez, na igreja de Meinedo, o uso de bancos coletivos encontra-se associado de igual modo à enorme capacidade da igreja, à disposição axial e ainda à forte imagem de basílica presente na conceção do projeto.





## Epílogo

A presente dissertação desenvolveu o estudo e compreensão da forma e organização do espaço litúrgico católico na arquitetura religiosa portuguesa contemporânea, permitindo perceber o modo como o desenho de diferentes soluções influencia diretamente a vivência religiosa, refletindo o entendimento litúrgico atual.

Ao longo da investigação revelou-se importante a compreensão do tipo centralizado e do tipo longitudinal, bem como as ideias de espaço centrado e de espaço axial.

O esquema de organização axial foi sempre amplamente utilizado na edificação de igrejas católicas por incutir um sentido de hierarquia bem demarcado e a ele se encontrar associada uma noção de percurso. Por oposição, o esquema de organização centrado foi utilizado ao longo da história em espaços organizados em rotunda, ou em batistérios e martírios, não estando por isso tão diretamente associado a funções celebrativas.

Com a mudança do entendimento litúrgico decorrente do Concílio Vaticano II, que procurou uma maior aproximação entre assembleia e presbitério e a quebra da hierarquização da assembleia, a planta centralizada assumiu-se como uma opção na conceção do espaço litúrgico pós-conciliar, cuja discussão arquitetónica permanece válida ainda hoje.

Através da análise dos três casos em estudo foi possível constatar que a forma promove uma determinada organização do espaço, uma vez que no processo de conceção do projeto estas se encontram associadas. Ainda assim, determinadas formas podem contudo assumir uma maior flexibilidade, permitindo mais do que uma organização. A uma forma indutora de centralidade não tem necessariamente de corresponder um espaço centrado, pelo que a organização pode ser independente da forma.

Ficou igualmente claro que à ideia de um espaço litúrgico centrado encontra-se sempre inerente um sentido de axialidade, em função da organização da igreja em duas unidades: assembleia e presbitério - que se voltam uma para a outra e se 'confrontam' durante a celebração.

Ao entendimento litúrgico atual encontra-se igualmente associada a intenção de promover uma ideia de comunidade una, concelebrante, composta conjuntamente pelos presbíteros e pela assembleia de fiéis.

A ideia de comunidade una encontra-se relacionada com as noções de proximidade e intimidade promovidas pelo espaço. Estas noções são influenciadas pela escala e natureza programática do edifício - pela distância da assembleia em relação ao altar e pela linha de contato entre ambos.

Este facto ajuda a compreender uma relativa preferência pela planta centralizada à luz do entendimento litúrgico pós-conciliar, especialmente à escala da igreja paroquial, onde a ideia de espaço centrado permite, por contraste com um espaço longitudinal, uma maior proximidade de todos os fiéis em relação ao altar e a ideia de estes o rodearem.

De modo a compreender todos os aspetos da conceção do edifício religioso católico na contemporaneidade, a análise dos casos em estudo incidiu igualmente sobre a sua inserção e relação com a envolvente e a expressão exterior do edifício.

O edifício religioso contemporâneo pode-se localizar em variados lugares, pelo que a expansão urbana deixou de se desenvolver forçosamente em função da igreja. Deste modo, a igreja tem de se saber adaptar ao sítio de implantação que lhe é atribuído, buscando um adequado diálogo com o contexto urbano em que se insere.

A expressão exterior do edifício depreende uma inteligente interpretação do contexto e das características da envolvente, bem como uma leitura das potencialidades e fragilidades do sítio de implantação. A sua dimensão deve por isso basear-se na procura de uma integração e relação com a escala da envolvente, tanto natural como construída e a imagem da igreja deve expressar o seu desígnio e valor por meio das suas formas arquitetónicas, que revele uma coerência formal sem que se torne ostensiva ou dominadora, o que a destacaria no contexto da envolvente urbana onde se insere.

Os objetos de estudo permitiram compreender que muitos dos temas e problemas de projeto

inerentes à conceção do edifício religioso católico na contemporaneidade são transversais à história da arquitetura em geral e da religiosa em particular. Esta constatação decorreu da necessidade de, mesmo que circunstancialmente, convocar para a discussão obras religiosas de períodos anteriores, portuguesas e internacionais, onde se observaram temas e formas constantes, apesar da variabilidade das soluções de desenho apresentadas nos casos em estudo. Revelou-se deste modo pertinente, aquando da apresentação crítica dos projetos, relacionar certas partes, dispositivos e elementos que atravessaram vários séculos de tradição arquitetónica - como o adro, nártex ou galilé, para o problema da preparação da entrada; do clerestório, para a iluminação da nave; de vãos cegos ou capelas laterais no ritmar do espaço interior; da abside, nas 'hesitações' na posição do altar; ou ainda na torre como sinalização de função referencial - presentes em obras da história da arquitetura.

A leitura comparativa dos diferentes casos revelou que, a par do que sempre aconteceu, estes espaços assumem igualmente na contemporaneidade diferentes formas e desenho e possibilidades técnicas, relacionados com a ideia do projeto e com os restantes espaços que compõem o edifício religioso.

A introdução na discussão de obras da história da arquitetura religiosa permitiu uma adequada inserção dos objetos de estudo num contexto arquitetónico, contribuindo para o seu estudo enquanto manifestações contemporâneas de um programa arquitetónico com vários séculos de tradição.

Dada a escolha de projetos de produção portuguesa e a intenção em contribuir para a valorização e o debate em torno da arquitetura portuguesa contemporânea, ao longo da investigação foi sendo colocado e discutido o sentido de uma ideia de arquitetura religiosa portuguesa.

Ao longo da história, os arquitetos portugueses sempre possuíram uma enorme capacidade de adaptação do conhecimento às condições específicas do panorama cultural e social do nosso país, exponenciada quando em contacto com os novos territórios e culturas ultramarinas.

Conhecendo a produção arquitetónica dos grandes centros catalisadores, souberam interpretar e por vezes simplificar os modelos internacionais, adaptando-os à realidade portuguesa e à severidade e austeridade que fundamentalmente marcou vários períodos da nossa arquitetura, como são exemplo a apropriação do gótico cisterciense na produção portuguesa e o estilo chão. Isto não representava de nenhuma maneira uma menor erudição ou qualidade arquitetónica das obras e dos arquitetos portugueses, mas sim uma consciência em relação às limitações e um saber que sempre converteu entraves ou adversidades em expressão contextual.

Na contemporaneidade, apesar da internacionalização da arquitetura portuguesa e da globalização da profissão do arquiteto, os portugueses continuam a possuir a mesma capacidade de interpretação da cultura local e do seu sistema produtivo, o que lhes permite elaborar propostas apropriadas e de enorme qualidade não só em Portugal como em qualquer ponto do mundo.

“O Siza é holandês quando está na Holanda, é alemão quando está em Berlim.” Alexandre Alves Costa<sup>1</sup>

Quando concebem um edifício no estrangeiro, a linguagem e expressão dos arquitetos portugueses não possui contudo nenhuma especificidade portuguesa. A sua capacidade de leitura e interpretação de cada sítio permite sim a procura de uma identificação com o contexto particular do lugar de projeto, uma relação autêntica entre objeto e envolvente e uma coerência formal e construtiva que caracteriza o valor e qualidade da arquitetura portuguesa.

---

<sup>118</sup> Machado e Moura, C. (2016). *Conversa com Alexandre Alves Costa*. J-A Jornal dos Arquitectos. Nº 253. Maio de 2016.



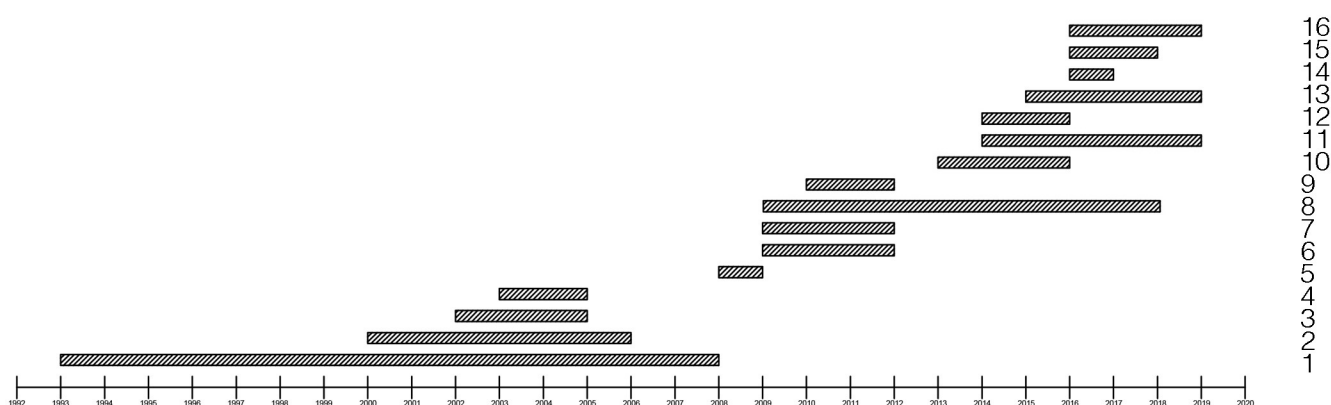






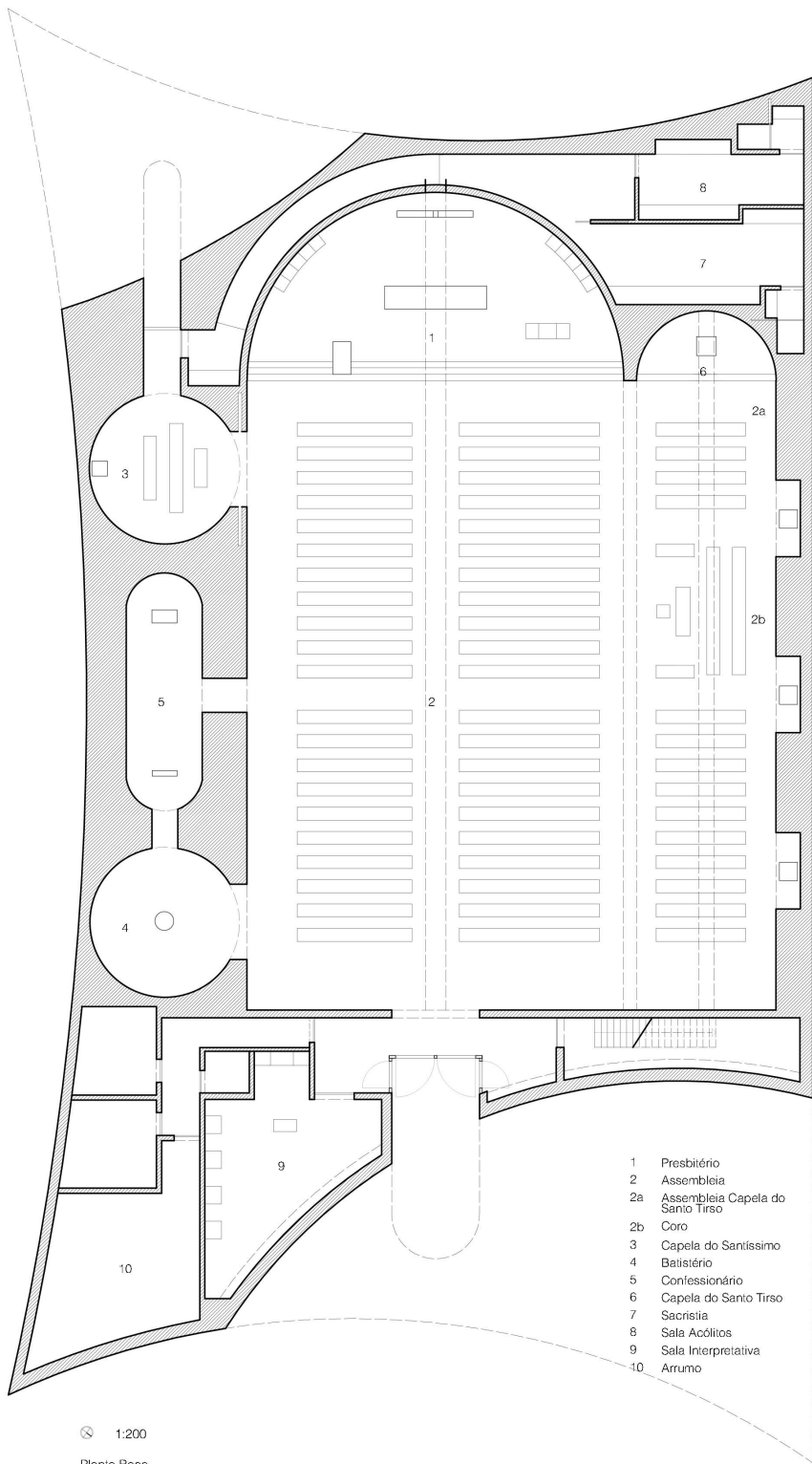


## Anexo I



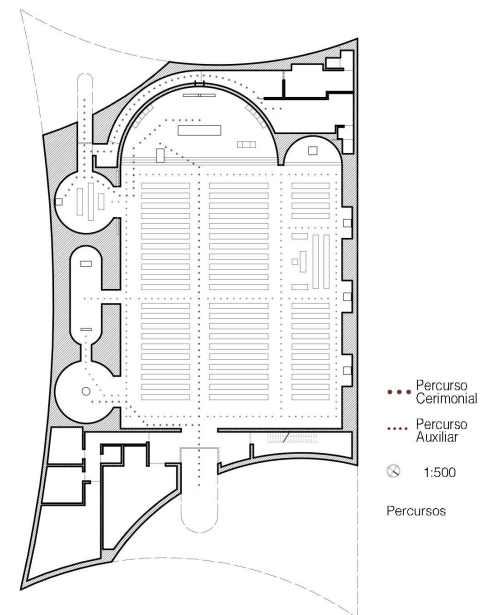
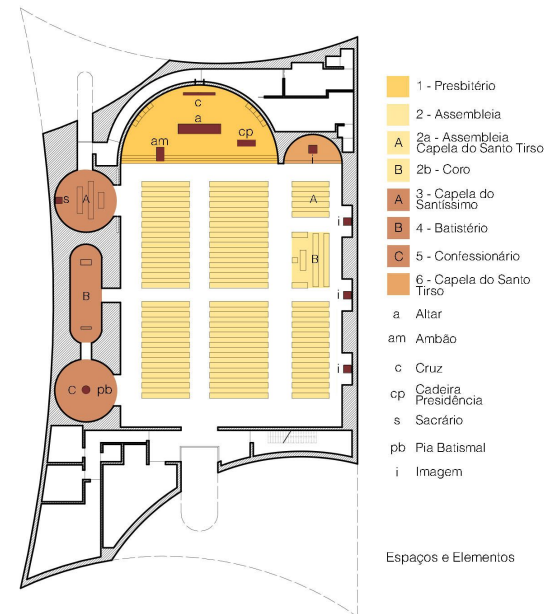
- 1 - igreja de *São António*, Portalegre - arq. João Luís Carrilho da Graça;
- 2 - capela do *CREU-IL*, Porto - *Nuno Valentim e Frederico Eça Architectos*;
- 3 - capela de *São José de Quebrantões*, Vila Nova de Gaia - arq. José Fernando Gonçalves;
- 4 - igreja do convento de *São Domingos*, Alto dos Moinhos - arq. João Paulo Providência e arq. José Fernando Gonçalves;
- 5 - capela de *Santa Ana*, Santa Maria da Feira - *e|348 arquitectura*;
- 6 - igreja da *Nossa Senhora da Boa Nova*, Estoril - *Roseta Vaz Monteiro Architectos*;
- 7 - igreja da *Nossa Senhora das Necessidades*, Chãs - arq. Célia Faria e arq. Inês Cortesão;
- 8 - igreja da *Anastasis*, Saint-Jacques-de-La-Lande, Álvaro Siza Vieira;
- 9 - capela *Árvore da Vida*, Braga - *Cerejeira Fontes Architectos*;
- 10 - capela *Imaculada/Cheia de Graça*, Braga - *Cerejeira Fontes Architectos*;
- 11 - igreja da *Venda Nova*, Amadora - *Promontório*;
- 12 - igreja de *Santiago das Antas* (2016), Famalicão - arq. Hugo Correia;
- 13 - igreja de *São João Baptista*, Coimbra - *Promontório*;
- 14 - igreja de *Santa Maria Maior*, Meinedo - *SpaceWorkers*;
- 15 - capela do *Monte*, Lagos - *Álvaro Siza Vieira*;
- 16 - capela da *Afurada*, Vila Nova de Gaia - *Álvaro Siza Vieira*.

*Nota: O intervalo temporal assinala a data de projeto e a data de conclusão da obra.*

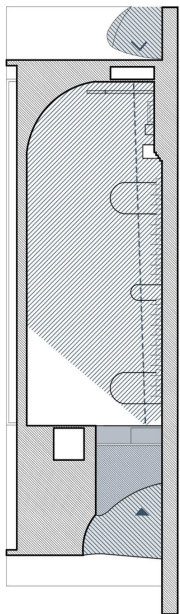


1:200

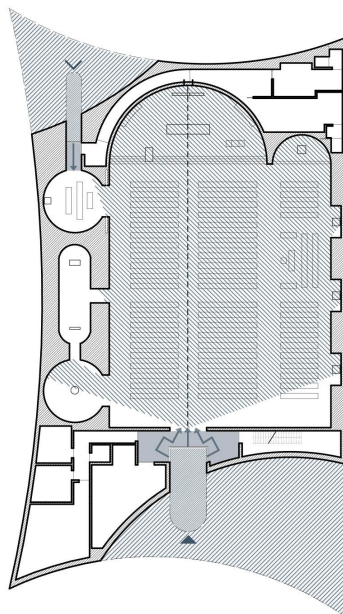
Planta Base





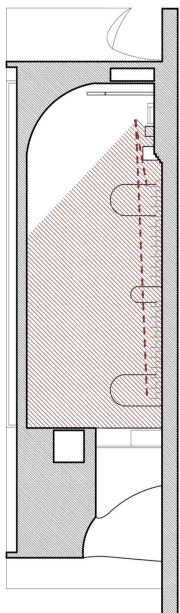


- ▲ Entrada Principal
- △ Entrada Secundária
- ▨ Espaço Coberto
- ▩ Porta
- Antecâmara
- ▨ Visibilidade da Entrada
- Percurso de Entrada
- - Relação com o Altar



- ▲ Entrada Principal
- △ Entrada Secundária
- ▨ Espaço Coberto
- ▩ Porta
- Antecâmara
- ▨ Visibilidade da Entrada
- Percurso de Entrada
- - Relação com o Altar

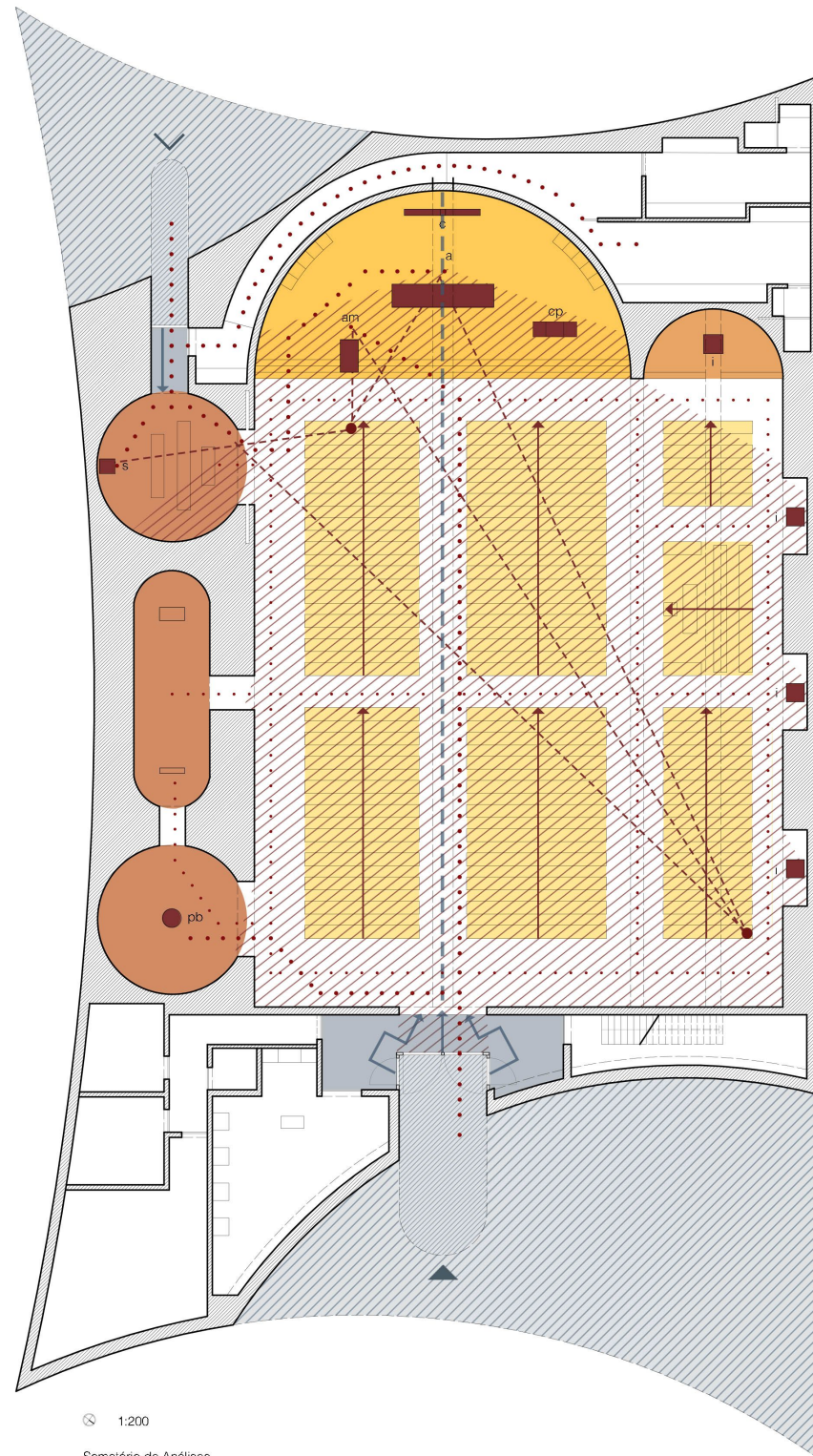
Entradas



- - Relação com o Altar
- ▨ Visibilidade do Altar

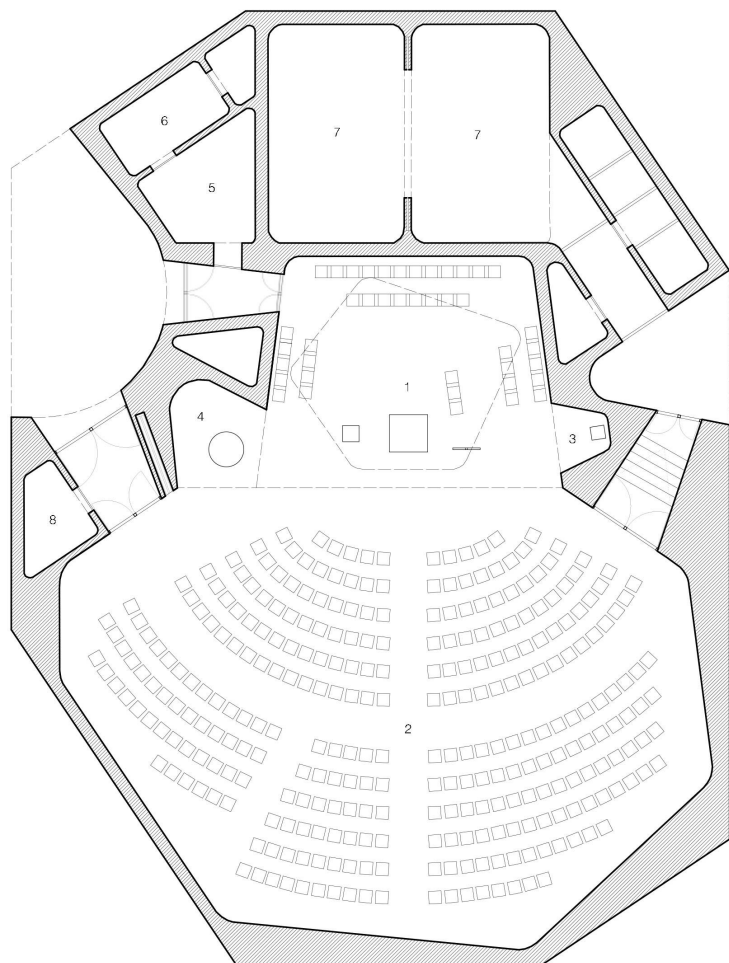


- - Relação com Elementos Litúrgicos
- Orientação
- ▨ Visibilidade do Altar
- ⊗ 1:500
- Assembleia e Presbitério



⊗ 1:200

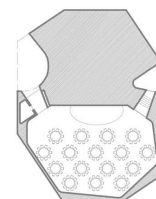
Somatório de Análises



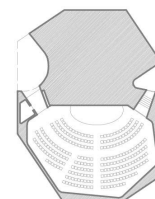
1:200

Planta Base

- 1 Presbitério
- 2 Assembleia
- 3 Nicho do Sacrário
- 4 Batistério
- 5 Sacristia
- 6 Sala Acólitos
- 7 Capelas Mortuárias
- 8 Arrumo Arranjos Florais



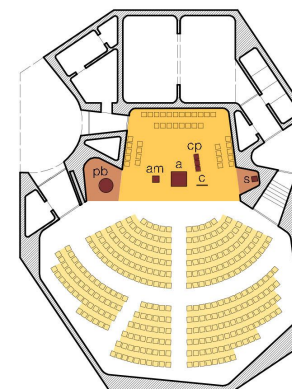
Sala Polivalente



Auditório

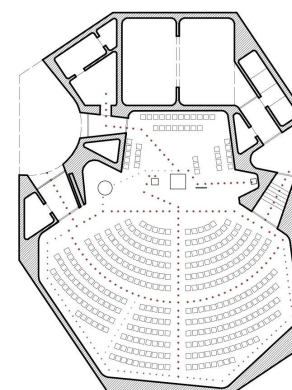
1:1000

Flexibilidade Funcional do Espaço



- 1 - Presbitério
- 2 - Assembleia
- 3 - Nicho do Sacrário
- 4 - Batistério
- a Altar
- am Ambão
- c Cruz
- cp Cadeira Presidência
- s Sacrário
- pb Pia Batismal

Espaços e Elementos

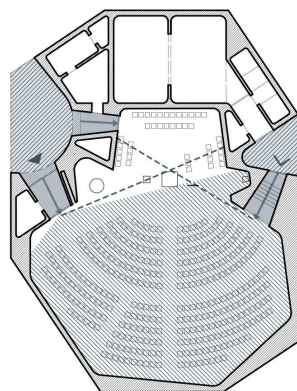


- Percurso Cerimonial
- Percurso Auxiliar

1:500

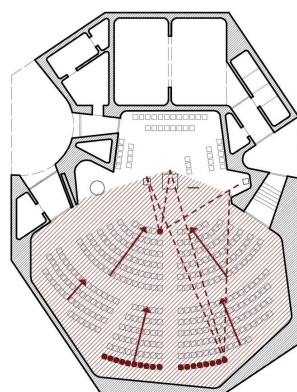
Percursos





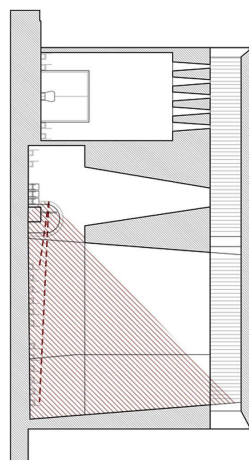
- ▲ Entrada Principal
- ↘ Entrada Secundária
- ▨ Espaço Coberto
- ▨ Porta
- ▨ Antecâmara
- ▨ Visibilidade da Entrada
- Percurso de Entrada
- Relação com o Altar

Entradas



- Relação com Elementos Litúrgicos
- Orientação
- ▨ Visibilidade do Altar
- ⊗ 1:500

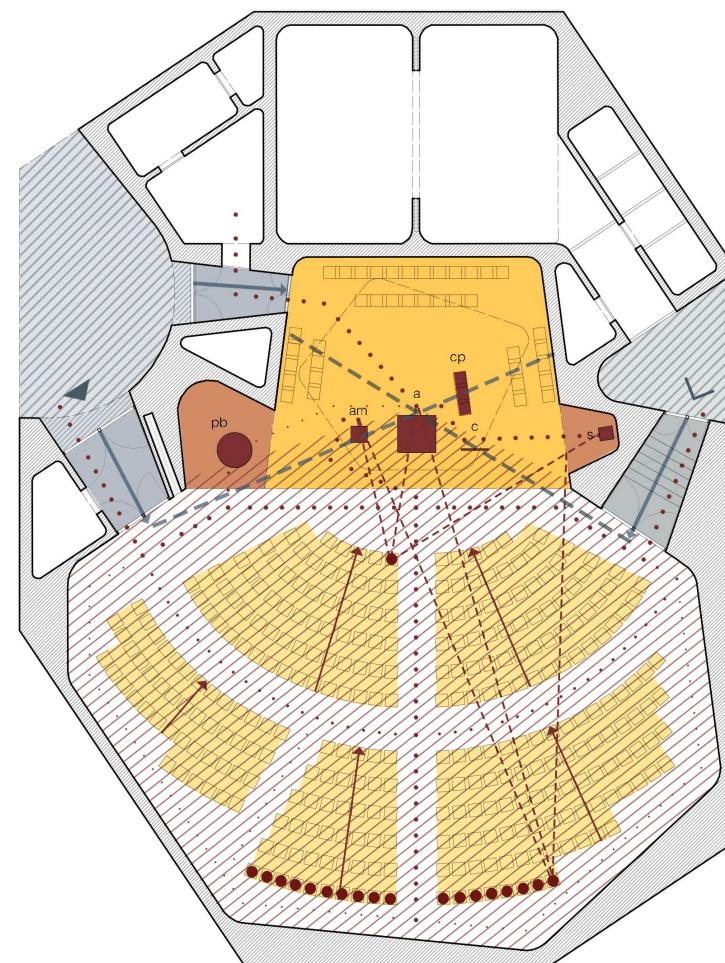
Assembleia e Presbitério

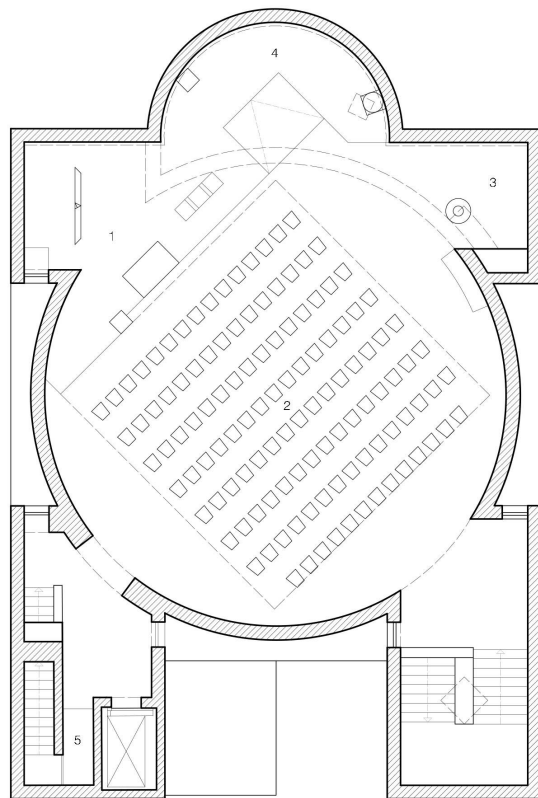


- Relação com o Altar
- ▨ Visibilidade do Altar

⊗ 1:200

Somatório de Análises





1:200  
Planta Base

- 1 Presbitério
- 2 Assembleia
- 3 Batistério
- 4 Capela da Virgem
- 5 Acesso à Sacristia



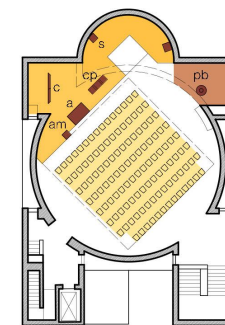
Compacta



Com corredor central

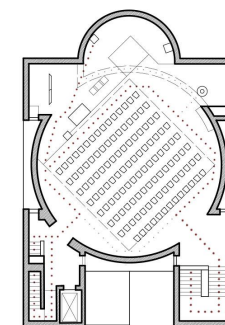
1:1000

Organização da Assembleia



- 1 - Presbitério
- 2 - Assembleia
- 3 - Batistério
- 4 - Capela da Virgem
- a Altar
- am Ambão
- c Cruz
- cp Cadeira Presidência
- s Sacrário
- pb Pia Batismal

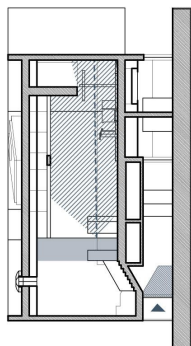
Espaços e Elementos



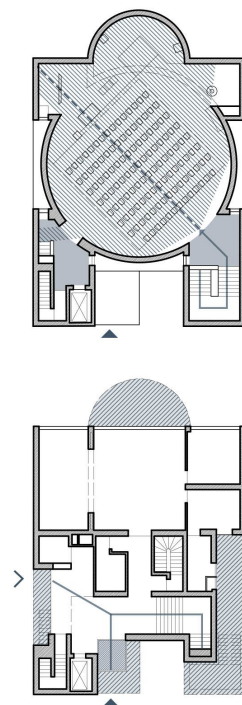
- Percurso Cerimonial
- Percurso Auxiliar

1:500

Percursos

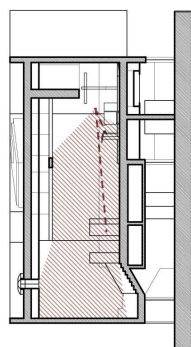


- ▲ Entrada Principal
- ▨ Porta
- Antecâmara
- ▨ Visibilidade da Entrada
- ➔ Percurso de Entrada
- Relação com o Altar

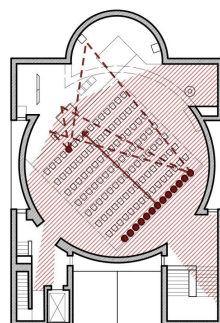


- ▲ Entrada Principal
- ▲ Entrada Secundária
- ▨ Porta
- Antecâmara
- ▨ Visibilidade da Entrada
- ➔ Percurso de Entrada
- Relação com o Altar

Entradas



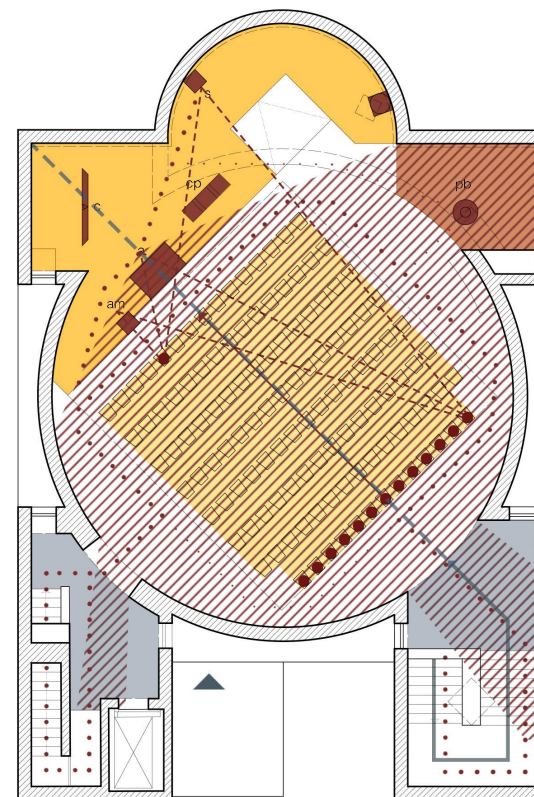
- Relação com Objetos Litúrgicos
- > Orientação
- ▨ Visibilidade do Altar



- Relação com Objetos Litúrgicos
- > Orientação
- ▨ Visibilidade do Altar

1:500

Assembleia e Presbitério



1:200

Somatório de Análises



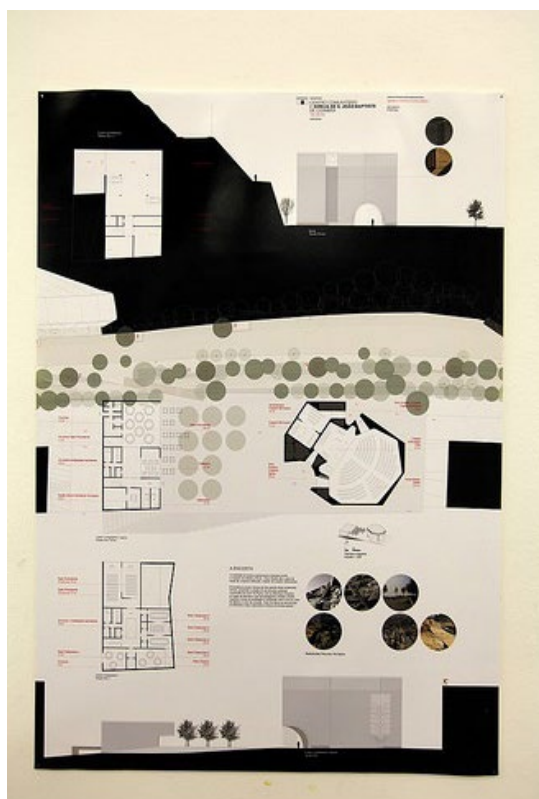


## Anexo III

Mapa Final com nomes dos concorrentes, classificações e lugares atribuídos

N.º da proposta	Nome do concorrente	Classificação final (pontos)	Proposta de lugares
5	Promontório, Arquitectos Associados, Ld.ª	83	1.º
10	João Mendes Ribeiro arquitecto Ld.ª	74	2.º
2	GGLateller Ld.ª	72	3.º
8	ACVB Ld.ª	70	4.º
4	Baixa, Atelier de arquitectura, Id.ª	67	5.º
6	Paulo Providência, arquitecto	67	5.º
7	Domitians arquitectura, Ld.ª	67	5.º
3	Bartolomeu Costa Cabral	59	6.º
9	António Maria Costa, Rui Seco e Diogo Santiago	54	7.º
1	Campedel, Lafond e Tornié	54	7.º

1. 2.



3. 4.



1. mapa final das propostas entregues a concurso - nomes dos concorrentes, classificações e lugares atribuídos.
2. 3. 4. painéis da proposta para a igreja de *São João Baptista*, Coimbra, *Promontório* - exposição de todas os projetos entregues a concurso, Galeria Ferrer Correia, Casa da Cultura de Coimbra, 2016.

Município de Coimbra. Concurso de Ideias para o Projecto da Igreja de S. João Baptista, em Coimbra. <https://bit.ly/2KJiEML>.



## Referências Bibliográficas

### Livros

- Alarcão, J. (1986). *História da Arte em Portugal. vol. IV e V*. Lisboa. Alfa.
- Ferreira de Almeida, C. (1986). *História da Arte em Portugal*. Lisboa. Alfa.
- Ferreira de Almeida, C. (2001). *O Românico*. Lisboa. Presença.
- Alves da Cunha, J. (2015). *O MRAR e os anos de ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*. Lisboa. Universidade Católica Editora.
- Bonet Correa, A. (1987). *Arte Pré-Românico Asturiano*. Barcelona. Polígrafo.
- Bosc, E. (1880). *Dictionnaire raisonné d'architecture*. Paris. Didot.
- Britton, K. (Ed.). (2010). *Constructing the Ineffable: Contemporary Sacred Architecture*. Yale. Yale University School of Architecture.
- Cunha, L. (Ed.). (1957). *Arquitetura Religiosa Moderna*. Porto. Imprensa Portuguesa.
- Fernández Arenas, J. (1972). *La Arquitectura Mozárabe*. Barcelona. Polígrafa.
- Frampton, K. (2000). *Álvaro Siza: obra completa*. Barcelona. Gustavo Gili.
- Haupt, A. (1924). *A arquitetura da Renascença em Portugal*. Lisboa. J. Rodrigues.
- Jean Stock, W. (Ed.). (2003). *European Church Architecture, 1950-2000/Europaischenbau kirchenbau 1950-2000*. Munique. Prestel.
- Jodidio, P. (2013). *Álvaro Siza: complete works 1952 – 2013*. Colónia. Taschen.
- Kubler, G. (2005) *A arquitetura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes: 1521-1706 - trad. Silva, J.* Lisboa. Veja.
- Mango, C. (1989). *Arquitetura Bizantina*. Madrid. Aguilar.
- Marques, J. (2012). *The church in the city: The churchyard in Parish Church Complexes - 3 case studies*. EURAU'12. Porto.
- Marques, J. (2013). *Entre lo provisional y lo definitivo. Experiencias de las capillas-salón del Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa*. Congresso Internacional de Arquitectura Contemporânea 3. Sevilha.
- Patriarcado de Lisboa (2012). *Igreja e Centro Paroquial – Elucidário para a sua conceção*. Separata de «Vida Católica» III Série – Nº 41. pág. 6.
- Promontório (2015) *Church of St. John the Baptist, Coimbra, Portugal, 2017-2015*. Lisboa. <http://www.promontorio.net>.
- Schnell, H. (1974). *La arquitectura eclesial del siglo XX en Alemania : presentacion - documentada – interpretation*.
- Siza Vieira, Á. (2012). *Imaginar a Evidência*. Lisboa. Edições 70.
- Siza Vieira, Á. (1998). *Igreja de Santa Maria; the church of St. Mary– trad. Byrne, J. Marco de Canaveses*. P.S.M.F.
- SpaceWorkers (2016). *Memória Descritiva - Igreja de Santa Maria Maior de Meinedo*. Mouriz.
- Viollet-Le-Duc, E. (1990). *L'architecture raisonnée: extraits du dictionnaire de l'architecture française /Viollet-Le-Duc; réunis et présentés par Hubert Damisch*. Paris. Hermann.
- *arqa Arquitectura e Arte – Lugares Sagrados*. nº 108. Julho/Agosto 2013.
- *Casabella - Spazi Sacri*. nº 677. Abril 2000.
- *TC Cuadernos - Correia/Ragazzi Architettura 2005-2018*. nº 133. 2018.
- *AMC Architecture*. nº 267. 2018.

### Trabalhos Académicos

- Captivo, M. (2016). *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*. Tese de Mestrado. Prof. Responsável. Teresa Valsassina Heitor. Ist.
- Lourenço, P. (2007). *O moderno religioso: Guia da arquitetura religiosa em Portugal: século XX*. Prova Final. Prof. Responsável Domingos Tavares. Porto. Faup.
- Marques, J. (2005). *Na casa do meu pai há muitas moradas: reflexões em torno da organização do espaço litúrgico*. Prova Final. Profª responsável Marta Oliveira. Porto. Faup.
- Marques, J. (2017). *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitetura portuguesa 1950-1975*. Tese de Doutoramento. Profª responsável Marta Oliveira. Porto. Faup.
- Monteiro, J. (2013). *Arquitetura religiosa contemporânea em Portugal: três igrejas do início do séc. XXI*. Tese de Mestrado. Prof responsável Rui Pedro Lobo. Coimbra. Fctuc.
- Peixoto, H. (2013) *Faça-se Luz. E a luz foi feita: análise e reflexão sobre a luz nas três igrejas de Agostinho Ricca*. Tese de Mestrado. Prof. Responsável João Luís Marques. Porto. Faup.



